

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em História  
Área História Social**

**Tiago de Oliveira**

*Reorganização do movimento trotskista no Brasil  
– a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976).  
Um capítulo da IV Internacional no Brasil.  
Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil.*

Niterói,  
novembro de 2013

.....Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

O48 .....Oliveira, Tiago de.

.....Reorganização do movimento trotskista no Brasil - a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976). Um capítulo da IV Internacional no Brasil. Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil / Tiago de Oliveira. -- 2013.

122 f.

.....Orientador: Cezar Honorato Teixeira.

.....Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

Bibliografia: f.109-122.

.....1. Movimento social: aspecto político. 2. Movimento social; aspecto histórico. 3. Trotskismo. I. Teixeira, Cezar Honorato. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. .... III. Título. ....CDD 335.433 .....

Tiago de Oliveira

***Reorganização do movimento trotskista no Brasil  
– a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976).  
Um capítulo da IV Internacional no Brasil.  
Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre.  
Área de concentração: História Contemporânea III.

Orientador: Prof. Drº Cezar Honorato Teixeira.

Niterói  
2013

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em História  
Área História Social**

Tiago de Oliveira

*Reorganização do movimento trotskista no Brasil  
– a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976).  
Um capítulo da IV Internacional no Brasil.  
Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil.*

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Drº Cezar Honorato Teixeira ( orientador)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Drº Ricardo Figueiredo de Castro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Drº Muniz Gonçalves Ferreira  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Niterói  
2013

## **Agradecimentos**

Este trabalho contou com a ajuda e colaboração de muitas pessoas, nas mais variadas formas e manifestações. Quero registrar aqui minha gratidão a todos e todas que acompanharam e me ajudaram nessa trajetória.

Aos meus pais, Angela e Alceu, pelo apoio incondicional dado, desde sempre, para que eu prosseguisse estudando. Também a minha irmã Nieve, pela ajuda fundamental nas minhas imersões nos arquivos.

Roberto Della Santa Barros, pelo inestimável estímulo inicial para essa pesquisa. Aos amigos de Sorocaba, Fernando Prado e Horácio Francisco Vieira. Ao Adolfo Samuel de Oliveira, no encontro propiciado pela docência na rede pública, o reencontro da nossa velha amizade, compartilhando os dramas da pós-graduação. Simone do Prado Romeo, pelos encontros em São Paulo, pós atividades de pesquisa. Ettore Medina amigo para todas as horas, mesmo à distância, gratidão. Daniel Dias ( o “rapper”) pelo acolhimento em São Paulo. Aos amigos e colegas que fiz durante minha estadia na UFF-Gragoatá . Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em História. Aos professores da banca de arguição Ricardo Figueiredo e Muniz Ferreira, pelos comentários, críticas e observações pertinentes. Ao Cezar Honorato Teixeira, que prontamente aceitou me orientar.

Um agradecimento especial a todos e todas que trabalham nos Arquivos Públicos, em especial a Luiz Alberto Zimbarg.

Aos entrevistados/das que concederam parte de seu tempo para a realização das entrevistas. Mantendo contato via e-mail, ajudando a encontrar os nomes verdadeiros escondidos sob os codinomes, ou sugerindo e mediando contatos para novas entrevistas. Um agradecimento especial a Miroslava de Lima, Gabriela Rabelo, Normando Sampaio. Tive a sorte de contar com a contribuição de Arkan Simaan, que não só me concedeu uma longa entrevista, como enviou, desde a França, vários documentos “scaneados” do seu acervo pessoal, um agradecimento especial.

À Delia Maria De Césarís, pela ajuda com a vida que não parou ao longo da pesquisa.

E por fim, mas não menos importante, um agradecimento muito especial para Mariana de Souza Lara – amante da vida, da vida amante – pela paciência, compreensão, amor e pela *leitura da vida* que me proporcionou, um aprendizado fundamental ao longo de toda essa caminhada e que será importante para os próximos passos; sua presença foi essencial, serei sempre grato por tudo – (ainda) vou retribuir todo esse amor...

Para Luiz Araújo ( o Lino), *in memoriam*.

*Reorganização do movimento trotskista no Brasil  
– a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976).  
Um capítulo da IV Internacional no Brasil.  
Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil.*

**Tiago de Oliveira**

**RESUMO**

O presente trabalho expõe um dos momentos da formação da quarta geração do movimento trotskista no Brasil. Apresenta o surgimento e o desenvolvimento das organizações representativas dessa geração, o Movimento Estudantil 1º de Maio e a Fração Bolchevique Trotskista, ambas do ano de 1968. Analisa suas relações com a organização trotskista da geração anterior, o Partido Operário Revolucionário-Trotskista. Suas articulações internacionais, visando a participação no movimento de construção da IV Internacional, junto com as tentativas de unificação dessas organizações. A formação de um terceiro grupo, a partir do exilados na França, o grupo Outubro. Apresentando as condições políticas que possibilitaram a unificação dessas organizações, com a criação em 1976, da Organização Socialista Internacionalista.

Palavras-chave: movimento trotskista, IV Internacional e posadismo.



*Reorganização do movimento trotskista no Brasil  
– a formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976).  
Um capítulo da IV Internacional no Brasil.  
Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil.*

**Tiago de Oliveira**

**RESUMEN**

El presente trabajo expone un de los momentos de la formación del cuarto generación trotskista en Brasil. Muestra lo surgimiento y el desarrollo de las organizaciones representativa esta generación, el Movimento Estudantil 1º de Maio y la Fração Bolchevique Trotskista, las dos del año 1968. Analiza su relaciones con la organización de la generación anterior, el Partido Operário Revolucionário-Troskista. Su articulaciones internacionales, con el objetivo de participar en lo movimiento de construcción de la IV Internacional, a par de las tentativas de unificación de las organizaciones. La formación de un tercero grupo, en el exilio brasileño, en Francia, el Outubro. Señalando las condiciones políticas en Brasil que les tornaran posible la unificación de las organización, con la fundación en 1976, de la Organização Socialista Internacionalista.

Palabras clave: movimiento trotskista, IV Internacional e posadismo.

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ADUSP: Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo  
AI-5: Ato Institucional no5  
AJS: Alliance des Jeunes pour le Socialisme  
ALN: Ação Libertadora Nacional  
AP: Ação Popular  
APML - Ação Popular Marxista-Leninista  
ARENA: Ação Renovadora Nacional  
ASI (ou AESI) - Assessoria de Segurança e Informação  
BLA: Bureau Latino-Americano  
BP: Bureau Político  
CA: Centro Acadêmico  
CAEL: Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras da USP  
CAF: Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da USP  
CALC: Centro Acadêmico Lupe Cotrim da Escola de Comunicação e Artes da USP  
CAOC: Centro Acadêmico Osvaldo Cruz da Faculdade de Medicina da USP  
CC: Comitê Central  
CCA: Conselho de Centros Acadêmicos da USP  
CDPP: Comitê de Defesa dos Presos Políticos  
CEB: Conselho de Entidades de Base  
CEFISMA: Centro Acadêmico de Física e Matemática da USP  
CEMAP: Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa  
CEUPES: Centro de Estudos da Faculdade de Ciências Sociais da USP  
CIQI: Comitê Internacional da Quarta Internacional  
CORQUI: Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional  
CS: Convergência Socialista  
CU: Comissão Universitária  
CUT: Central Única dos Trabalhadores  
DCE livre: Diretório Central dos Estudantes Livre  
DOI: Destacamento de Operações de Informações  
DOI-CODI: Destacamento de Operações de Informações – Centros de Operações e Defesa Interna  
DOPS-SP (ou DEOPS-SP): Delegacia Especializada de Ordem Política e Social  
ECA USP: Escola de Comunicação e Artes da USP  
ENE: Encontro Nacional de Estudantes  
FBT: Fração Bolchevique Trotskista  
FAU USP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP  
FEA USP: Faculdade de Economia e Administração da USP  
FES: Frente Estudantil Socialista  
FFLCH: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP  
FUA: Frente Única Antifascista  
GO: Grupo Outubro  
MDB: Movimento Democrático Brasileiro  
ME: Movimento Estudantil  
MEC: Ministério da Educação e Cultura  
ME 1ºM: Movimento Estudantil Primeiro de Maio SP

OBAN: Operação Bandeirantes  
OC 1º de Maio: Organização Comunista 1o de Maio  
OCI: Organisation Communist Internationaliste  
OLAS: Organização Latino-americana de Solidariedade  
OMB: Organização Marxista Brasileira  
OMO: Organização de Mobilização Operária  
OSI: Organização Socialista Internacionalista  
OT (ou o.t.): Organização trotskista  
PCB: Partido Comunista Brasileiro  
PC do B: Partido Comunista do Brasil  
PCI: Partido Comunista Internacionalista  
PO: Partido Operário  
PO: Política Obrera  
POC: Partido Operário Comunista  
POR: Partido Operário Revolucionário  
PORT: Partido Operário Revolucionário Trotskista  
PSR: Partido Socialista Revolucionário  
PT: Partido dos Trabalhadores  
PUC: Pontifícia Universidade Católica  
Q.I.: Quarta Internacional  
QI/CI: Quarta Internacional/Comitê Internacional  
QI/CIR: Quarta Internacional/Centro Internacional de Reconstrução  
SBPC: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
SI: Secretariado Internacional  
SLL: Socialist Labour League  
SWP: Socialist Workers Party  
SU: Secretariado Unificado  
UEE: União Estadual de Estudantes  
UEE-SP: União Estadual dos Estudantes de São Paulo  
UNE: União Nacional dos Estudantes  
USP: Universidade de São Paulo  
VPR: Vanguarda Popular Revolucionária

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Introdução .....  | 09  |
| <b><i>I Reorganização do Movimento Trotskista no Brasil</i></b> .....   | 14  |
| 1. <i>POR-T e o surgimento da quarta geração do trotskismo no Brasil</i> .....  | 12  |
| 2. <i>Surgimento do “posadismo” e o início de rupturas, 1962-1966</i> .....   | 17  |
| 3. <i>Do Movimento Estudantil 1º de Maio à Organização Comunista 1º de Maio- 1968-1972</i> .....                            | 34  |
| 4. <i>Uma tentativa Chamada Fração Bolchevique Trotskista, 1968</i> .....   | 50  |
| <b><i>II Ditadura, luta armada e (re)organização do movimento trotskista</i></b> .....                                      | 66  |
| 1. <i>Do entrismo sui generis à luta armada . As divisões da IV Internacional e a formação do CORQUI. (1953-1972)</i> ..... | 67  |
| 2. <i>Comitê de Unificação e surgimento do grupo Outubro, 1971-1973</i> .....   | 72  |
| <b><i>III A unificação das organizações, formação da OSI.1975-1976</i></b> .....  | 89  |
| 1. <i>Os caminhos da FBT</i> .....  | 89  |
| 2. <i>- A Organização Comunista 1ºde Maio entre 1971-1974</i> .....   | 91  |
| 3 - <i>O surgimento da Oragnização Socialista Internacionalista (OSI)</i> .....   | 95  |
| Considerações Finais.....   | 108 |
| Fontes .....  | 109 |
| Bibliografia.....   | 119 |

## Introdução

Quando iniciei esta pesquisa a ideia inicial era estudar o projeto político da OSI desde sua fundação em 1976 até meados de 1980, quando da sua adesão ao Partido dos Trabalhadores. O problema elaborado, ponto de partida da pesquisa, era a indagação sobre a inter-conexão entre liberdades democráticas e revolução socialista nesta organização. Ou seja, qual era a conexão entre a luta pelas liberdades democráticas, cerceadas com o golpe civil-militar, e a luta pela revolução socialista no programa da Organização Socialista Internacionalista, uma organização que se construía referenciada no modelo bolchevique de partido e no interior do movimento trotskista.

Ainda com esse problema no horizonte da investigação, pouco a pouco fui desenvolvendo um deslocamento no foco da mesma. Esse deslocamento foi fruto do contato com a bibliografia sobre a história da esquerda brasileira e com o contato com as fontes presente nos arquivos. De início o trabalho de Denise Rollemberg *Exílio, Entre Raízes e Radares*<sup>1</sup>, onde a autora estuda o fenômeno do exílio político na história brasileira – decorrente do processo histórico-político a partir de 1964 – um dos aspectos que me chamou a atenção foi a incorporação do exílio como parte da história da esquerda brasileira, algo que até então me escapava. Por outro lado, também, como mostra Rollemberg, o exílio foi um momento de continuidade dos debates políticos, de recomposição, de mudanças de perspectivas pelos revolucionários brasileiros a respeito do processo político em curso no Brasil, bem como dos acontecimentos políticos de outros países, especialmente do Chile, país que recebeu muitos exilados brasileiros. Este debate, das várias organizações políticas se deu centralmente através dos periódicos publicados por essas organizações durante o exílio. Assim, entrei em contato com a vasta produção de periódicos desse período.

Um desses periódicos era a revista *Outubro*, publicada em Paris durante o ano de 1972 por exilados trotskistas brasileiros na França. Os militantes agrupados em torno da revista posteriormente seriam conhecidos como grupo *Outubro*, constituindo em uma das organizações que impulsionariam a criação da OSI em 1976, junto com a *Organização Comunista 1º de maio* e a *Fração Bolchevique Trotskista*. As três organizações, por sua vez, vinham de um processo de ruptura com o Partido Operário Revolucionário, POR-T – organização de matriz *posadista* – a partir de 1966 [o que pude constatar posteriormente com a ida aos arquivos]. Na revista *Outubro* já despontava a perspectiva de unificação dos trotskistas brasileiros, sendo marcante por um lado uma crítica a alternativa de enfrentamento

---

<sup>1</sup> ROLLEMBERG, Denise. *Exílio, Entre Raízes e Radares*. Record, Rio de Janeiro, 1999.

armado à ditadura brasileira ( assumido por grande parte das organizações de esquerda ) e a ênfase na luta pelas liberdades democráticas como tarefas colocadas para o combate político.

Com isso foi aumentando ainda mais meu interesse para as organizações que deram origem a OSI. A leitura do documento *Algumas Considerações Sobre a Formação da Direção Revolucionária do Proletariado* (REIS Fº , D.A. e SÁ, J.F. : 2006) elaborado pela *Organização Comunista 1º de maio* em 1971, aprofundou e consolidou essa tendência investigativa, pois neste também estavam presente o enfoque destacado acima por parte da *Outubro*.

Foi se adensando assim mais perguntas para a pesquisa. Os poucos textos que mencionam a formação da OSI citam as organizações de origem apenas de maneira lateral e rapidamente, com poucas informações. Como surgiram? Qual a relação com a organização trotskista anterior, o POR-T? Quais os caminhos percorridos até a unificação em 1976? Quais atividades desenvolveram? Como se posicionaram em relação ao enfrentamento armado à ditadura? Como se posicionavam em relação as divisões da IV Internacional? Foram algumas questões que iam emergindo de imediato no tecido da investigação.

O deslocamento, por sua vez, envolvia novas fontes, ou novas dificuldades com as fontes. No arquivo CEDEM/CEMAP onde se encontra uma grande quantidade de materiais da OSI, fato enfatizado por Dainis Karepovs<sup>2</sup>, pude verificar que grande parte desses documentos abrange o período posterior a 1979. O que é compreensível, pois anterior a este ano, a organização estava marcada pela necessidade da clandestinidade. Com os sinais de abertura política a OSI criou a livraria e editora **A Palavra**, no início dos anos 1980. Na livraria funcionava as reuniões da organização e eram reunidos os documentos. Quando da grande divisão que ocorreu, em 1984, na agora *O Trabalho* (já como tendência interna do PT) o acervo da livraria A Palavra foi doado ao arquivo CEDEM/CEMAP<sup>3</sup>. No Fundo Fábio Munhoz, do mesmo arquivo, encontrei alguns poucos documentos da organização Movimento Estudantil 1º de maio (ME1º de maio).

Assim fui compondo um quebra-cabeças com os documentos encontrados. As entrevistas por sua vez ajudaram a iluminar um aspecto aqui e outro ali, mas possuíam seus obstáculos próprios, as dificuldades de lembrar eventos a tempos passados e questões relativas a clandestinidade impunham suas marcas, como disse Miroslava Lima, militante do grupo Outubro, “*nós nos treinávamos para não lembrar as coisas, era tudo clandestino, a*

---

<sup>2</sup> KAREPOVS, Dainis. O Arquivo Edgard Leuenroth e a pesquisa sobre o trotskismo no Brasil. In: *Cadernos AEL*, v. 12, nº 22/23. Campinas, Primeiro e Segundo Semestres de 2005. pp. 265-280.

<sup>3</sup> Conf. Miroslava Lima. Entrevista realizada pelo autor em São Paulo, 21/09/2012.

*qualquer momento...»<sup>4</sup>.*

No Arquivo Edgard Leuenrenroth encontrei documentos importantes para a pesquisa, o que foi uma boa surpresa. No fundo do projeto *Brasil: Nunca Mais* há os registros dos processos movidos contra militantes da FBT, presos em 1970 e 1972, bem como nos anexos, documentos apreendidos junto a esses militantes, especialmente os referentes as tentativas de unificação. Mas foi no fundo Luiz Araújo, fundo até então pouco utilizado em pesquisa, que encontrei verdadeiras preciosidades que ajudaram a iluminar as perguntas dessa pesquisa. Os documentos foram preservados porque o militante os enterrava no quintal da sua casa. Contém, especialmente documentos do ME1º de maio e sobre o processo de unificação, além de troca de cartas com militantes na França que viriam a compor o grupo Outubro.

Mais surpreendente ainda foi o contato com Arkan Simaan, residente na França desde 1969, quando precisou fugir do Brasil. Simaan fora militante fundador do Movimento Estudantil 1º de Maio e posteriormente, em Paris, militante da OCI e fundador de Outubro. Além de conceder seu depoimento me permitiu acessar seu acervo pessoal, com uma vasta documentação inédita, com documentos internos das organizações que formaram a OSI e cartas políticas<sup>5</sup> trocadas entre militantes no exílio, no Brasil e com trotskistas espalhados pela América Latina. O contato com tal acervo me deu segurança para deixar a idéia inicial da investigação para um trabalho posterior e focar o presente trabalho na formação da OSI, visando elucidar uma lacuna nesse período da história do trotskismo no Brasil.

O resultado desse percurso esta traduzido nessa dissertação, com ela busco narrar uma história paralela à saga da luta armada. Um pequeno, mas aguerrido grupo que não escolheu o caminho das armas e lançou-se na tarefa de construção do Partido Operário para dirigir a revolução, visualizando a importância da luta pelas liberdades democráticas, ao mesmo tempo em que buscavam unificar as fileiras do trotskismo no Brasil.

Assim, o trabalho que ora se apresenta procurou perscrutar o desenvolvimento do projeto político durante o processo de reorganização do movimento trotskista no Brasil, em uma de suas vertentes, reorganização que marca a origem da quarta geração do trotskismo na esquerda brasileira<sup>6</sup>. Lancei mão principalmente dos documentos produzidos pelas

---

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Estas cartas somam 211, trocadas no final dos anos 1960 e a primeira metade dos anos 1970!!!

<sup>6</sup> Diferentemente dos momentos anteriores a quarta geração trotskista no Brasil não vai se constituir em torno a uma só organização. Nos anos 1970 esta geração vai se constituir em três vertentes principais: Fração Bolchevique Trotskista e ME1º de Maio (objeto de nossa análise) que em 1976 se unificam e formam a Organização Socialista Internacionalista; a Liga Operária (1973), a partir da auto-crítica a alternativa da luta armada por exilados brasileiros no Chile e na Argentina e que posteriormente formará o Movimento Convergência Socialista; e O Partido Operário Comunista- Combate, que tem suas origens na POLOP e a partir do exílio adere ao trotskismo, defendendo a luta armada no Brasil, o POC-Combate fará parte do movimento que

organizações produzidos à época, especialmente documentos internos e publicações de divulgação; outra fonte utilizada foram as correspondências trocadas entre os militantes no Brasil e no exílio, material muito rico que permitiu elucidar vários aspectos. Pude contar também com a realização de entrevistas com alguns militantes e ex-militantes trotskistas do período abordado. Constituí um vasto conjunto de fontes, em sua grande maioria inédita e ainda pouco explorada, o que possibilitou iluminar um pouco esse período da história do trotskismo no Brasil – final dos anos 1960 e início dos anos 1970 – sempre mencionado rapidamente e de maneira superficial nos textos e trabalhos que versam sobre essa temática. Se o presente trabalho puder contribuir, subsidiar e estimular futuras (e necessárias) pesquisas nosso objetivo estará contemplado.

A primeira parte, então, busca pontuar em linhas gerais as origens de parte da quarta geração do movimento trotskista no Brasil. Passando pela criação do POR-T, a consolidação do que se convencionou denominar de *posadismo* e o início das rupturas, com a formação dos grupos ME1º de maio e FBT. Já a segunda parte pretende traçar um panorama da história das divisões da IV Internacional até a formação do Comitê de Organização para a Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI) organização que grande parte dos grupos trotskistas em foco se aproximaram. Pondo em destaque, no interior desse processo, a criação do Comitê de Unificação (FBT e OC1º de maio) concomitantemente ao surgimento do grupo Outubro, apresentando os primeiros passos na tentativa de unificação dos grupos trotskistas.

Por fim, a terceira parte se detém sobre os caminhos da unificação das organizações, processo que culmina com a formação da OSI, em 1976. Apresentamos o argumento de que a retomada das mobilizações estudantis, notadamente a greve da ECA-USP, em 1975, abriu um novo período de mobilizações sociais, criando as condições favoráveis para a unificação dos trotskistas, ao possibilitar o vínculo das suas elaborações políticas com as lutas sociais que (re)emergiam. Tal processo vai se concretizar na unificação dos setores estudantis das organizações, na criação da tendência estudantil Liberdade e Luta..

---

criará a Democracia Socialista, já nos anos 1980. Para um panorama da história do trotskismo no Brasil e suas respectivas gerações recomendamos os seguintes artigos: KAREPOVS, Dainis., MARQUES-NETO, J. Castilho. LOWY, Michel. Trotsky e o Brasil. In: MORAES, J. Quartim de (org). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 1995. v.2; KAREPOVS, Dainis., MARQUES-NETO, J. Castilho. Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930-1966). In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v5 e : KAREPOVS, Dainis. LEAL, Murilo. O Trotskismo no Brasil, 1966-2000. In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v6.



## ***I Reorganização do Movimento Trotskista no Brasil***<sup>7</sup>

### ***1. POR-T e o surgimento da quarta geração do trotskismo no Brasil***<sup>8</sup>

O surgimento do *Partido Operário Revolucionário (Trotskista)* POR-T esta ligado a formação do Bureau Latino-Americano da IV Internacional (BLA), um secretariado internacional para a América Latina, resolução do III Congresso Mundial da IV Internacional, realizado em 1951. Neste congresso o *Grupo Cuarta Internacional*, da Argentina, dirigido por J. Posadas (pseudônimo de Homero Romulo Cristali ), é reconhecida como seção oficial da Argentina da IV e a direção do BLA fica a cargo de Posadas.

O objetivo do BLA era construir seções nacionais da IV na América Latina. No Brasil isso vai acontecer logo em seguida, em 1952, com a chegada do enviado do BLA Guilherme Marcelo Almeyra, que estabelece contato com ex-militantes do Partido Socialista Revolucionário (PSR). A partir desses contatos iniciais, em novembro, sem a realização de um congresso é formado o POR-T com o lançamento do jornal *Frente Operária*. O POR-T marca o início da terceira geração do trotskismo no Brasil. A forma como foi constituído e as condições em que surge não permitem que essa geração mantenha algum laço de continuidade com a geração anterior.

O POR-T surge também em meio às polêmicas do III Congresso Mundial que adota a tática do entrismo *sui generis* que dividirá o movimento trotskista internacional a partir de 1953. Esta ruptura internacional, no entanto, terá poucas repercussões no Brasil. Posadas adere às posições de Michel Pablo, então dirigente da IV e mentor da nova tática, permanecendo nos marcos do Secretariado Internacional (SI)<sup>9</sup>. O POR-T por extensão e

---

<sup>7</sup> Iniciamos nossa exposição a partir do POR-T. Para uma história do trotskismo no Brasil anterior ao nosso enfoque sugerimos os seguintes trabalhos: ABRAMO, F. e KAREPOVS, D. (orgs). *Na contracorrente da história. Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. São Paulo, Brasiliense, 1987. FERREIRA, P.R. *Imprensa política e ideologia: Orientação Socialista 1946-1948*. São Paulo, Moraes, 1989; do mesmo autor: *O conceito de revolução da esquerda brasileira 1920-1946*. Londrina, UEL, 1999. KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea, O PCB em 1937-1938*, São Paulo, Hucitec, UNESP, 2003. MARQUES NETO, J.C. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993. CASTRO, R. F. O Homem Livre: um jornal a serviço da liberdade (1933-1934). In: *Cadernos AEL*, nº 22/23, v.12, primeiro e segundo semestre de 2005, Unicamp/IFCH. SILVA, A. J. da. *Comunistas e Trotskistas: a crítica operária à revolução de trinta*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002; do mesmo autor: *Tempo de Fundadores*. In: MORAES, João Quartim de, ROIO, Marcos del. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: ed. Unicamp, 2000, vol. 4. ALMEIDA, M. T. *Liga Comunista Internacionalista, Teoria e Prática do Trotskismo no Brasil (1930-1935)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, 2003.

<sup>8</sup> As linhas a seguir, a respeito do POR-T acompanham de perto o importante trabalho de LEAL, M. *À esquerda da esquerda. Trotskista, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo, Paz e Terra, 2004. E o artigo de KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, J.C. Os trotskistas Brasileiros e suas organizações (1930-1966). In: RIDENTI, M. e REIS Fº, D.A. *História do Marxismo no Brasil, Partidos e Organizações, dos anos 20 aos 60*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

<sup>9</sup> Sobre o entrismo *sui generis* e as divisões no movimento trotskista internacional será abordado na II parte, capítulo 1.

vinculado BLA vai procurar desenvolver no Brasil as resoluções da internacional.

### **1.1 O desenvolvimento do projeto político do POR-T**

Podemos dividir a história do POR-T, apenas para organizar nossa exposição, em dois momentos, os dois estreitamente vinculados com o movimento trotskista internacional. No primeiro momento o POR-T se caracteriza por desenvolver uma política nos marcos das resoluções do III Congresso Mundial, do seu surgimento até início dos anos 1960. Já o segundo é marcado pela ruptura de Posadas com o SI e o delineamento do que se convencionou chamar no movimento trotskista de *posadismo*, a partir de 1962<sup>10</sup>. Esse segundo momento, ao nosso ver, vai até 1966 quando se inicia os questionamentos ao *posadismo* e o processo de ruptura com o mesmo, conformando o surgimento de uma quarta geração do movimento trotskista no Brasil.

Nos anos 1950 o POR-T aglutina cerca de cem militantes e desenvolve atividades em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Estendendo-se , na década seguinte para Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Sul, procurando se integrar ao movimento sindical, nas mais diversas categorias, como nos trabalhadores de hotéis, ferroviários, nos condutores, garçons, trabalhadores em bondes, trabalhadores da construção civil, dos frigoríficos etc.

No Rio Grande do Sul, onde se originará a *Fração Bolchevique Trotskista* (FBT), o POR-T surge em 1962, possuindo de 15 a 30 militantes. Intervindo no movimento estudantil e no meio sindical, nos segmentos dos trabalhadores da construção civil e metalúrgicos. No Rio de Janeiro, nos anos 1960, o POR-T vai se inserir no movimento estudantil, entre camponeses, entre os trabalhadores da Companhia Brasileira de Energia Elétrica e entre os trabalhadores dos estaleiros.

Esta atuação sindical do POR-T é caracterizada, segundo Karepovs e Marques Neto pela busca de independência sindical em relação ao Estado, pela agitação por comissões de fábrica e a busca por uma central única dos trabalhadores.<sup>11</sup>

Buscando a “aliança operário-camponesa” os trotskistas iniciam, em fins dos anos 1950, atividades no nordeste, com o deslocamento de militantes.

---

<sup>10</sup> Essa periodização é sugerida por LEAL, M. À esquerda da esquerda. Trotskista, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004.p. 41.

<sup>11</sup> KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Marques. Os Trotskistas E Suas Organizações Políticas (1930-1966). In: RIDENTI, Marcelo e REIS Fº, Daniel Araújo (Org.). *História do Marxismo no Brasil, vol. 5 . Partidos e Organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.p.142.

Em dezembro de 1961, o partido apresentou o que se chamou de ‘plano operário para o nordeste’, no qual as propostas ocupações de terras, expropriações, sem indenização, dos latifúndios, bem como medidas de planificação da produção rural das terras que seriam dirigidas por conselhos de camponeses.<sup>12</sup>

O trabalho se desenvolve em Pernambuco, em També, onde consegue a adesão de militantes do Movimento Revolucionário Tiradentes, ligado às Ligas Camponesas, que tornam-se militantes do POR-T. Conseguem expandir sua intervenção à Paraíba. Em 1963 a repressão policial e a violência dos latifundiários é desencadeada contra os trotskistas assassinando Jeremias e prendendo os dirigentes de Pernambuco. Com o golpe civil-militar de 1964 a repressão consegue impedir o prosseguimento das atividades do POR-T no campo ao prender cerca de 40 militantes, em novembro de 1964.<sup>13</sup>

Os trotskistas buscaram também intervir nos grandes acontecimentos da luta de classes no Brasil. Quando da crise institucional da renúncia de Jânio Quadros, nas manifestações foram além da defesa da legalidade constitucional defendida pelo PCB e levantaram a consigna da Assembleia Nacional Constituinte. Por outro lado o POR-T avaliava que no seio da burguesia brasileira estava em desenvolvimento uma facção nacionalista em vias de radicalização. Essas análises abriam a possibilidade para os trotskistas em influenciar esses setores a ir adiante em sua política, cumprindo funções de direção revolucionária, ou seja, aproximando-se de posições “marxistas revolucionárias”.

Como se analisou posteriormente, todo este tortuoso caminho encobria concepções esquemáticas e etapistas impostas por J.Posadas, que entendia o nacionalismo com uma etapa no processo revolucionário latino-americano.<sup>14</sup>

## 1.2 - POR-T e o Entrismo *sui generis*

Desde 1955 o POR-T aplicou a tática do entrismo *sui generis* e seus militantes passam a ingressar nas fileiras do Partido Comunista do Brasil, visando constituir “*uma ‘ala revolucionária’ e a buscar maior audiência do que até então vinham obtendo, em especial nas bases do partido stalinista.*”(MARQUES-NETO e KAREPOVS, 2007, p.140) Tal política não obteve os resultados esperados e foi cumprida com dificuldades por seus militantes. Para

---

<sup>12</sup> KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Marques. op. cit. p.143

<sup>13</sup> Conf. KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Marques. Os Trotskistas E Suas Organizações Políticas (1930-1966). In: RIDENTI, Marcelo e REIS Fº, Daniel Araújo (Org.). *História do Marxismo no Brasil, vol. 5 . Partidos e Organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.p.143.

<sup>14</sup> KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Marques. op. cit. p. 145.

estes tratava-se de desenvolver uma dupla postura militante, trotskista e comunista, enfrentando um ambiente nada democrático onde a perspectiva trotskista dificilmente poderia encontrar canais para se expressar. Estes subestimavam a já “*estrutura burocrática, ossificada, a falta de democracia interna, os privilégios materiais de alguns dirigentes e assim por diante*”. Vale frisar que o objetivo do POR-T com o entrismo não era constituir tendências revolucionárias para romper com o partido em seguida, para assim construir o partido trotskista. A idéia era permanecer no partido, formando uma alternativa à direção. Tanto no POR-T quanto na IV Internacional (SI) essa era a avaliação, os PC’s do mundo seriam empurrados, devido a correlação de forças mundial, a fazer a revolução, os trotskistas, então, deviam estar juntos com essa vanguarda revolucionária.

O entrismo no PCB obteve dois momentos de repercussão que vale destacar. Trata-se da tentativa de influir nas cisões de José Maria Crispim, em 1955 e na de Agildo Barata, em 1956-1957<sup>15</sup>. A cisão Crispim foi motivada pelas discordâncias com o *Manifesto de Agosto*, de 1950. Expulso em 1952, este vai ingressar no POR-T, sendo alçado rapidamente ao Bureau Político do partido e do BLA, mas a adesão de Crispim ao trotskismo foi rápida e passageira, logo em seguida ele abandonaria suas fileiras.

Na cisão de Agildo Barata a intervenção dos trotskistas no conflito interno do PCB parecia mais promissora, chegaram até a publicar artigos na imprensa oficial do partido stalinista. Esta cisão está localizada nos marcos da crise que se abateu sobre os PC’s do mundo, motivada pelo XX Congresso do PCUS, com a divulgação dos crimes de Stálin, em 1956, bem com a repressão soviética aos levantes na Hungria e Polônia, no mesmo ano. O combate político do POR-T foi pelo não rompimento da tendência capitaneada por Barata. Tratava-se de organizar esse grupo, dotando-o de coesão política e lutar por um congresso partidário democrático, com a participação de todos os militantes expulsos.

Além dos artigos publicados no *Frente Operária*, os trotskistas intervieram na crise do PCB por meio de duas cartas abertas assinadas por José Maria Crispim, de artigos de Leôncio Martins Rodrigues e Ruy Fausto publicados na imprensa oficial do PCB, e na revista dos renovadores e também por meio de Raul, que era membro de uma ala contestadora de jovens comunistas que editaram o jornal interno *O Observador*. Intervieram também ainda em reuniões realizadas com vários integrantes das facções dissidentes.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, pp.141. E LEAL, M. À esquerda da esquerda. Trotskista, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. pp.73-101.

<sup>16</sup> Conf. KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Marques. Os Trotskistas E Suas Organizações Políticas (1930-1966). In: RIDENTI, Marcelo e REIS Fº, Daniel Araújo (Org.). *História do Marxismo no Brasil, vol. 5. Partidos e Organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas, Editora Unicamp, 2007. p.90

Porém todo esse processo de debates internos foi sufocado pela direção do PCB que cessou o debate pós-XX Congresso nas páginas *Voz Operária*, expulsou os renovadores, apelando para, a disciplina, a unidade e o combate aos agentes inimigos do partido.

Para os propósitos do nosso trabalho vale destacar também a adesão de Fábio Munhoz ao POR-T devido ao contato com a militante Doroty Massola, que realizava entrismo na juventude do PCB, no bairro Ipiranga em São Paulo. Fábio Munhoz participou de diversos momentos da história da esquerda brasileira. Foi militante do PCB, adere ao trotskismo passando a militar no POR, afasta-se desse partido e participa do grupo de militantes que fundará o Movimento Estudantil 1º de Maio, em 1968, parte para o exílio em 1970, participa do grupo *Puonto de Partida* no Chile, que aglutinava trotskistas latino-americanos, este grupo esta na origem de outra organização trotskista a Liga Operária que posteriormente formará a Convergência Socialista. De volta ao Brasil, participa das articulações que vão dar origem ao Partido dos Trabalhadores, em fins dos anos 1970.

No início dos anos 1960, o então jovem Fábio Munhoz era militante da juventude comunista. A partir das intervenções de Dorothy Massola suas críticas ganham outros fundamentos

Então as coisas que eu falava o Fábio ouvia muito, porque ele estava achando aquilo tudo absurdo: ‘Pô, que negócio é esse?’ Eu tentava conversar com o Fábio não tanto dentro das reuniões, mais fora, era meio complicado fazer aquilo dentro das reuniões, com o Décio [Munhoz, irmão do Fábio e também militante comunista] e tudo. Aquela coisa: ‘Veja o que está acontecendo na União Soviética, veja, que negócio é esse, essa história do PC se ligar à burguesia?’ (...)Aí chegou uma hora que eu falei: olha, eu não agüento mais esse negócio, eu vou contar para o Fábio. Como ele é um cara que concorda com essas coisas todas que a gente coloca, que eu coloco, eu vou abrir o jogo com ele. Se deu certo deu...[TROCA DE FITA]...aí contei a história toda. Ele desconfiava porque o irmão vivia falando: ‘Não, ela é trotskista, pô, isso é posição de trotskista’, aquelas coisas. Mas como a gente tinha avançado bastante a discussão do que estava certo, o que estava errado no PC, na União Soviética, na política do PC do Brasil, aquelas coisas todas, a gente já tinha discutido muito sobre tudo isso e o Fábio concordava, então deu para tentar fazê-lo ver que os trotskistas não eram os lobos vestidos de cordeiro como dizia o nosso burocrata lá: ‘Não, os trotskistas são lobos vestidos de cordeiro. São agentes do imperialismo...’, são isso, são aquilo, aquela coiseira toda. Então eu me sentia...eu era uma figura terrível porque na minha casa eu era comunista. Para os comunistas eu era ...sabe, era uma coisa muito complicada, muito complicada. Quando eu abri o jogo com o Fábio ele ficou meio chocado com a coisa, mas até que entendeu. Aí eu disse para ele: ‘Olha, Fábio, você não quer conhecer uma pessoa da IV que não seja eu, uma outra pessoa e ver, saber como funciona essa coisa, o que é que se pensa direito, o que que é o trotskismo?’<sup>17</sup>

Fábio Munhoz então, como sugerido por Doroty Massola, entra em contato com Ottaviano De Fiori, militante do POR-T e em seguida adere ao trotskismo. De Fiori – mais

---

<sup>17</sup> Entrevista de Doroty Massola concedida a Murilo Leal. São Paulo, 02 de março de 1996.p.7. In: Fundo POR/Arquivo CEDEM/CEMAP.

conhecido como Barão, pelos mais próximos – junto com Julio Calosso e Fábio Munhoz estarão presentes na articulação que vai originar o Movimento Estudantil 1º de Maio e constituirão seu primeiro núcleo dirigente.

O POR-T ainda vai desenvolver o entrismo no PC do B, do qual participará Fábio Munhoz<sup>18</sup> e Doroty Massola. Mas essa experiência terá vida curta e rapidamente são descobertos e expulsos do partido de forma humilhante e hostil.

## **2. Surgimento do “posadismo” e o início de rupturas, 1962-1966.**

Em 1962 o movimento trotskista internacional vê a origem de mais uma divisão. Neste ano J.Posadas a partir do BLA, rompe com o SI e forma a sua própria internacional, a IV Posadista. Centrando os fundamentos da sua ruptura sobre diferenças políticas com os dirigentes europeus, incapazes, a seu ver, de avaliar corretamente os impactos da revolução colonial sobre a revolução mundial.

As razões políticas para a ruptura do BLA e a criação da (nova) IV, que vão constituir as bases do projeto político do posadismo são 1) diferentes compreensões a respeito da Terceira Guerra Mundial. Para os fundadores, em especial seu chefe supremo Posadas, o terceiro conflito mundial era inevitável. “*Exigia-se a aceitação da inevitabilidade da guerra e a necessidade de preparação das massas para a guerra atômica mundial.*”<sup>19</sup> 2) A defesa do momento de uma situação revolucionária mundial; 3) A não devida valorização da revolução colonial pelos dirigentes europeus do SI, que subordinavam esta a revolução nos países capitalistas metropolitanos.<sup>20</sup>

Para Leal a ruptura do BLA e a formação de uma nova IV responderiam a crise de não crescimento do movimento trotskista, a resposta a essa crise delineariam o projeto político de Posadas em três frentes: “*a fundação de uma nova organização, a proposição de uma nova linha política e de novas formas de funcionamento interno da organização.*”<sup>21</sup> Os europeus, para Posadas, eram os responsáveis pela crise, para tanto o novo projeto político era a

---

<sup>18</sup> Fábio Munhoz desempenhou um importante papel no POR-T. Participará da greve dos trabalhadores do porto de Santos logo após o golpe civil-militar, em 1964, sendo preso na ocasião. Participou também das articulações do partido no nordeste, visando organizar o movimento no campo no início dos anos 1960. Conf. LEAL, M. *À esquerda da esquerda. Trotskista, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo, Paz e Terra, 2004. pp.228-251.

<sup>19</sup> LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. p. 142.

<sup>20</sup> Conf. LEAL, Murilo. op. cit. p. 142-143.

<sup>21</sup> LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. p. 143.

promessa da superação dessa situação do trotskismo, com prazos definidos

Nossa perspectiva é de que em dois a quatro anos se resolva o ajuste final de contas. Todos os camaradas devem basear suas perspectivas, sua atividade, suas opiniões na perspectiva de guerra em dois a quatro anos (ou pode ser para o mês que vem).<sup>22</sup>

A respeito da centralidade da revolução colonial a avaliação era de que a nova internacional deveria ter maioria latino-americana em sua direção e “*deveria dedicar seus melhores meios à intervenção na revolução colonial*”

Esta alternativa era apresentada como adaptação necessária aos novos processos da história e uma resposta às dúvidas provocadas pelas práticas entrincheiradas resolvidas a partir do III Congresso Mundial. A prioridade era o apoio e a participação na revolução colonial, que deveria substituir a prioridade e as esperanças depositadas até então nos resultados da prática entrincheirada. O entrincheiramento não era mais discutido nem questionado, mantinha-se a avaliação de que esteve correto, mas agora tratava-se de outra coisa.<sup>23</sup>

No que toca a questão do novo funcionamento Posadas propunha a substituição do “centralismo democrático” pelo “centralismo monolítico” para por fim as divisões do movimento trotskista

Como dissemos anteriormente, nesta etapa a relação do centralismo democrático deve mudar : centralismo 90%, democracia 10%. Digo estas cifras como guias e relação (...)  
(...) Nos preparamos também para uma etapa histórica próxima na qual não haverá lugar para o centralismo democrático. A guerra atômica não permitirá o centralismo democrático. A guerra atômica vai exigir um grupo decidido, já preparado, disposto a enfrentar o caos maior que a humanidade já viveu (...)  
(...) Nós estamos pelo monolitismo, que não é a anulação da liberdade do pensamento. dentro da vida da Internacional não é a anulação da elaboração coletiva. Monolitismo significa uma única intenção, uma única vontade de ação, um único objetivo, um único programa, uma única política e uma única organização.<sup>24</sup>

A ruptura de 1962 não causou debate no POR-T, Posadas controlava sua direção e a possibilidade de debate foi abafada, cabendo a organização acatar as resoluções do centro político *posadista*. Mas seus militantes a época são unânimes na avaliação de que depois disso o POR-T dá uma guinada sectária, deixando de atrair militantes, com muitos se afastando, tornando-se uma seita a medida que Posadas avança para posições cada vez mais excêntricas. Arkan Simaan que tomou contato com o posadismo em 1964, através de Fábio Munhoz,

---

<sup>22</sup> POSADAS, J. “Informe de organización adoptado como resolución del VII Congreso Mundial”, *Revista Cuarta Internacional*, nº4, Año 22, julho de 1964. Apud LEAL, Murilo. op. cit. p. 144.

<sup>23</sup> Conf. LEAL, Murilo. op. cit. p.145.

<sup>24</sup> POSADAS, J. “Informe de organización adoptado como resolución del VII Congreso Mundial”, *Revista Cuarta Internacional*, nº4, Año 22, julho de 1964. Apud LEAL, Murilo. op. cit. p. 147.

lembra da fidelidade inquestionável exigida para a militância no POR-T

(...) creio que nunca fui plenamente considerado militante pelo POR-T, meu único contato era o Fábio [Munhoz], eu e ele em praças públicas, faculdades, bares, a gente tomava uma cerveja, ele me doutrinava, passava o material, marcava outro encontro e sumia. Raramente participei de reuniões com a presença de outros companheiros. Quando acontecia era dentro de carros. Soube depois que um simpatizante devia dar provas absolutas de submissão antes de ser cooptado aos aparelhos. Talvez por razões de segurança, os posadistas escondiam os pontos de reunião aos que tinham a mínima reação contrária à sua pregação. Ora, eu contestava certas afirmações do Posadas. Demorei, porém, a perceber a prevenção deles contra mim, só me dei conta quando notei o comportamento diferente que davam ao JA que engolia como hóstia a verborreia do POR-T. Os posadistas desconfiaram ainda mais de mim quando comecei a desconversar as conversas que eu tinha tido com JA. Ele virou dirigente do partido (...)

Além disso, me chateava o culto da personalidade ao Posadas e os comentários de temas onde, visivelmente, ele não conhecia nada, como, por exemplo, a relatividade geral. Por que diabos ele tinha que tocar em todos os assuntos? Ainda por cima, ele acreditava em discos voadores, afirmava que eram enviados por seres superiores que só poderiam ser socialistas e por isso aclamados quando invadissem a Terra para impor o comunismo!<sup>25</sup>

Ottaviano De Fiori aponta para o mesmo sentido a mudança ocorrida no POR-T com o domínio absoluto de Posadas, o que levou a se afastar do posadismo em 1967

Eles falavam um linguajar que não era o linguajar do marxismo, era o linguajar do posadismo que já era uma língua própria. Me lembro de um que falava que o partido estava tendo uma influência “muito imensa” nas massas. Porque a frase do Posadas sempre era “imensa”, “a imensa, o avanço irresistível das massas!” E esse cara para ser mais posadista dizia: “O avanço muito imenso das massas”. Eu disse: meu Deus...aquilo era uma sensação...eu tinha ido dormir com, sei lá, com os marxistas e tinha acordado com os adventistas. Era uma sensação muito esquisita. Eu saí sem fazer barulho por causa disso. Porque eu percebi que havia sido um enorme equívoco aquilo. O Tullo [Vigevani] resistiu, coitado, mas acabou sendo expurgado também. Todos eles acabaram saindo. E ficou na mão desse pessoal que era muito ignorante. Mas isso já acontecia há algum tempo. Eu me lembro, por exemplo, que o Tullo já dizia que a gente não tinha que ler o Trotsky. “Tullo, mas não ler o Trotsky?” Ele disse: “Não, porque a fase atual é o Posadas”. Ele estava botando de lado o Trotsky porque bastava ler o Trotsky para perceber quem era o Posadas. Esse é que era o problema. Então como ele não queria mesmo, ele queria colocar de lado o...no fim não estávamos lendo Trotsky. Era só para ler o Posadas. Isso não era ambiente onde intelectuais podem sobreviver. Acabou num pífio...<sup>26</sup>

Mas um grupo de militantes esboçou uma resistência ao avanço do posadismo É o que veremos a seguir.

## **2.1 O documento “*Criticar, Planejar e Construir o Partido Coletivamente*” – 1966**<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Depoimento de Arkan Simaan a Tiago de Oliveira, 03/02/2013.

<sup>26</sup> Depoimento concedido a Murilo Leal, São Paulo 21/07/1996. In: CEDEM/CEMAP Fundo POR. p. 11-12.

<sup>27</sup> Este documento encontrava-se no CEDEM/CEMAP Fundo Fábio Munhoz, no entanto foi extraviado. Murilo Leal gentilmente transcreveu seu fichamento e nos concedeu uma cópia. Registramos aqui o nosso agradecimento.



Leal destaca que até 1962 o POR-T possuía uma relativa autonomia, mas a partir desse ano a intervenção de Posadas, através do *monolitismo* põe fim a esta autonomia, aumentando seu controle, exigindo “*uma fidelidade e uma aplicação cega das diretrizes do dirigente.*” Na V Conferência Nacional do POR, realizada em 1966 foi divulgado o documento *Criticar, Planejar e Construir o Partido Coletivamente*, no qual o grupo de signatários avaliava os rumos tomados pela organização, endereçando críticas ao culto a personalidade de Posadas. Nos interessa aqui apontar as críticas e permanências em relação ao *posadismo*. Esse momento de crítica nos marcos internos ao POR-T é, ao nosso ver, o início do processo de ruptura de parte da militância trotskista com o *posadismo* no Brasil. Esse processo, no entanto, vai se desenvolver com críticas e permanências, como veremos ao decorrer de nossa exposição. Vejamos com se desenvolveu esse momento inicial.

Sobre o significado do documento, podemos dizer que representou: a) uma crítica ao monolitismo e aos sintomas de fechamento do POR; b) a partir do exame das principais atividades realizadas, um balanço sobre os dilemas em cada frente de trabalho; c) a defesa de um projeto de trabalho visando inserir o POR nos movimentos sociais, na contra-mão da tendência ‘posadista’ de encerrá-lo em si mesmo; d) uma tentativa de resgatar e preservar o que pareceria válido da atividade de Posadas.<sup>28</sup>

Para os signatários do documento Posadas acertou ao romper com os dirigentes do SI e constituir uma nova direção internacional, no entanto, os trotskistas não estavam conseguindo dirigir esses novos processos que surgiam. Atribuem esse fato ao isolamento ao que o POR-T se mantinha, numa espécie de seita preocupada em manter o partido do que realmente colocá-lo em contato com o desenvolvimento das lutas sociais. Outro ponto também frisado é a substituição do “centralismo democrático” pelo “centralismo personalista”. O projeto político proposto pelo opositores era inserir o POR-T nos “organismos de massa”. Para estes era preciso adaptar o partido para um novo momento da conjuntura política no Brasil, que com o golpe civil-militar de 1964 desestabilizou o movimento nacionalista e o aparato dos comunistas, tal fato colocou o POR-T como referência tendo sido procurado por vários militantes, que no entanto o partido não conseguiu absorver.

Para tanto propunham abrir o partido iniciando com a publicação de um “*jornal que respondesse aos problemas concretos de cada frente de trabalho numa linguagem adequada*”, que não fosse destinado exclusivamente para reafirmação da ruptura e de

---

<sup>28</sup> LEAL, Murilo. LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. p. 152.

contraposição ao SI. Por outro lado, os opositores apontavam a necessidade de aprofundar as análises a respeito do Brasil e de cada região do país. E marcados pelo ambiente político da época o documento também traz como perspectiva política a preparação do partido para a guerrilha, deslocando o sujeito da revolução para o campesinato.

O ponto que mais se afastava do *posadismo* parece ser sobre a questão do funcionamento interno do partido

o documento lançava a discussão contra o ‘central personalismo’ que seria o ‘centralismo gravitando não em torno de um organismo coletivo mas de uma ou mais personalidades’. O texto advertia: ‘conciliar com o vício que esta nascendo é alimentar um monstro que poderá dar dores de cabeça bem maiores mais tarde’. A crítica atingia direta ou indiretamente o próprio Posadas e seus representantes no Brasil.<sup>29</sup>

O documento foi repudiado na conferência, todos os militantes que assinaram o documento foram alvo de duros ataques. Para a direção do POR-T e Posadas (também presente na Conferência) tratava-se de “fracionistas” e expressariam a “*radicalização da pequena burguesia sem conteúdo revolucionário e muito menos marxista*”. Os opositoristas são “orientados” a dissolver imediatamente o funcionamento paralelo, os dirigentes são afastados e incorporados as células de base.<sup>30</sup> Enfraquecidos politicamente e desarticulados os militantes que buscaram resistir ao rumo *posadista* do POR-T foram pouco a pouco se afastando do partido e deixando a militância. Porém é neste processo, em que o documento “*Criticar, Planejar e Construir o Partido Coletivamente*” registra, esboça-se as características da próxima geração, o afastamento do espectro do *posadismo*, um processo que vai se adensando pouco a pouco, mas que se mostrará irreversível, como veremos.

O grupo de militantes que assinou o documento era composto por Maria Hermínia Tavares de Almeida, José Leão de Carvalho, Fábio Munhoz, Antônio Carlos Leal Campos e Gilvan Rocha. Desses Fábio Munhoz e Leal Campos irão prosseguir com a militância, o primeiro estará nos momentos iniciais do *Movimento Estudantil 1º de Maio* (ME1º de Maio), o segundo integrará a *Fração Bolchevique Trotskista* (FBT), duas organizações que vão lançar as bases para a formação de uma quarta geração do trotskismo no Brasil.

---

<sup>29</sup> LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. p. 155.

<sup>30</sup> LEAL, Murilo. op.cit. p. 156.

## 2.2 A experiência do *Jornal Chispa*, 1967.

Junto com Fábio Munhoz, Mtnos Abdala Calil e Julio Calasso, todos afastados já do POR-T, editaram durante o ano de 1967 o jornal *Chispa*<sup>31</sup>, apresentado como *Órgão do Movimento por uma Nova Internacional Comunista*. Serão estes militantes que constituirão o primeiro núcleo dirigente do ME 1º de Maio<sup>32</sup>.

Entre agosto e dezembro de 1967 foram lançados três edições de *Chispa*. Através desse periódico podemos observar as continuidades ainda presentes nesse momento inicial de ruptura com o *posadismo*, nos primórdios da formação de uma nova geração do movimento trotskista no Brasil.

Os três números de *Chispa* registram a confusão político-teórica e a permanência do prisma *posadista* na análise da situação política nacional e internacional. Neste momento há também a presença da influência do ambiente que já perpassava várias organizações de esquerda brasileira: a opção da luta guerrilheira, como método de enfrentamento a ditadura. Para *Chispa* a Conferência da Organização Latino Americana de Solidariedade (OLAS), realizada em Cuba no ano de 1967, era a expressão da ascensão das massas em luta contra o imperialismo dos Estados Unidos, no continente latino-americano. Junto com a *Guerra do Vietnã*, o processo político que se convencionou chamar de *Revolução Cultural*, na China, e os conflitos e desenvolvimento do nacionalismo árabe, esses processos culminariam na formação da nova internacional comunista. Sobressai das páginas de *Chispa* um otimismo exagerado desses processos então em curso naquele momento histórico. Ainda que reconhecendo as limitações das direções políticas que despontavam no cenário político internacional, tal como *Nasser* no Egito, *Fidel Castro* em Cuba, estas eram vistas como canais de expressão políticas das massas em luta.

Outro aspecto que chama a atenção é a crença da iminência da *III Guerra Mundial*, que seria atômica. Avaliação cara a Michel Pablo<sup>33</sup>, apropriada e redimensionada por J. Posadas. Segundo *Chispa* a Guerra Atômica, era a última solução, ainda que suicida, para salvar o capitalismo e o imperialismo, amedrontados pelo avanço das massas

As forças imperialistas assistem hoje ao avanço irreversível das massas em escala mundial e

---

<sup>31</sup> Segundo depoimento de Arkan Simaan e o documento “História do 1º de Maio”[redigido por Gaspar]. 14/01/1973. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL)/Fundo Luiz Araújo. p.2

<sup>32</sup> Conf. “História do 1º de Maio” [Gaspar]. op.cit. ; “Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio”, Guilherme [Luiz Araújo], 07/03/1973. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL)/Fundo Luiz Araújo; e “Carta: Lino para Raul[Arkan Simaan]”, 30/05/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

<sup>33</sup> Voltaremos a esse tema na parte II cap. 1.

esgotam seus últimos estertores para conter a revolução, percebendo ao mesmo tempo que a terceira guerra mundial é o recurso final com que contam para sobreviver.<sup>34</sup>

Anuncia o editorial do primeiro número do jornal.

Nos dois primeiros números de *Chispa* são analisados, de maneira entusiasmada e com muito otimismo a situação internacional, ganhando destaque principalmente a luta dos negros nos EUA, a guerra do Vietnã, a iniciativa política dos dirigentes de Cuba com a reunião da OLAS, a Revolução Cultural na China e os conflitos no Oriente Médio. Todos esses fenômenos políticos eram expressão do avanço das massas rumo à revolução socialista mundial, por um lado e o enfraquecimento do imperialismo dos EUA e da burocracia soviética, por outro lado. Para *Chispa* esse avanço da luta das massas no mundo culminaria na formação da nova internacional comunista, organização importante para o enfrentamento na III Guerra Mundial, último recurso do imperialismo para conter a revolução mundial.

Nas análises da situação nacional, menos generalizantes que as análises internacionais, mas ainda assim carregadas de otimismo, ganha relevo as lutas dos trabalhadores por reposição salarial e o fenômeno da constituição de chapas de oposição nos sindicatos; as lutas do movimento estudantil e as dificuldades do bloco no poder.

A guerra do Vietnã para *Chispa* era o exemplo cabal do enfraquecimento dos EUA, incapaz, mesmo contando com a colaboração da URSS de conter o avanço da revolução mundial. A reunião da OLAS, impulsionada pelos guerrilheiros cubanos, e o processo político então em curso na China, entendido pelo grupo como uma *revolução política*<sup>35</sup>, uma tentativa das massas de expulsar a burocracia do poder, representariam, também, o enfraquecimento da burocracia soviética, incapaz (também) de conter o avanço das massas rumo ao socialismo.

São análises em que se agrupam fenômenos políticos distintos como parte de um mesmo conjunto, a saber, o avanço da luta das massas no mundo. Não há uma ponderação sobre as especificidades e particularidades de cada fenômeno. Tanto no Vietnã, China, Oriente Médio e América Latina as massas estariam pressionando suas direções políticas no sentido da revolução socialista.

---

<sup>34</sup> *Chispa* nº1, agosto de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181. p. 01

<sup>35</sup> Os trotskistas entendiam a URSS e os estados surgidos após a II Guerra Mundial, como Estados Operários Degenerados, ou seja, estados onde houve a expropriação da burguesia e a construção de um estado operário, mas com o domínio político de uma burocracia política usurpadora do poder. Assim, acompanhavam a avaliação política de Trotsky de que era preciso defender esses estados, como conquista do proletariado, ao mesmo tempo em que defendia uma *revolução política* que expulsasse a burocracia do poder. Ver, por exemplo, TROTSKY, L. *A Revolução Traída. O que é para onde vai a URSS*. São Paulo, José Luis e Rosa Sundermann, 2005

Na medida em que o canal de expressão revolucionário das massas, o seu partido, esta destruído pela máquina de traição da burocracia soviética, esta necessitou de novos instrumentos para se expressar.<sup>36</sup>

Estes novos instrumentos, ou direções políticas, eram principalmente o nacionalismo árabe, com Nasser a frente e Fidel Castro na América Latina. *Chispa* esboça algumas críticas desses processos ao apontar as limitações destas novas direções políticas, como sua origem social caracterizada como pequeno burguesa, o não reconhecimento do proletariado como vanguarda da revolução, ou mesmo o desdém da necessidade do partido revolucionário. Ainda assim essas direções eram caracterizados como fenômenos positivos, pois expressariam a derrota política dos PC's no mundo.

No bojo dessa avaliação, no Brasil as massas, mesmo não dispondo de uma direção política, fruto do descrédito em que caíra o PCB após o golpe de 1964, estariam avançando. Com as greves que se seguiram ao golpe, as lutas por reposições salariais, a formação de chapas de oposição, principalmente em Osasco e em São Paulo, estava em formação uma nova vanguarda operária. Para os militantes agrupados em torno de *Chispa* essa vanguarda possuía características diferentes da experiência do proletariado brasileiro anterior, pois era “*produto autêntico das lutas operárias depois do golpe, em situação de semi-legalidade. Esta vanguarda emerge da classe operária, mantendo-se intimamente ligada às bases proletárias que a geraram.*”<sup>37</sup>

Tratava-se de um novo fenômeno porque, segundo a análise desenvolvida no editorial, distinguia-se do sindicalismo criado por Vargas e controlado pela burocracia sindical do PC e de Goulart. A única limitação apontada era a ausência de um programa político claro, decorrente da ausência de um “*partido proletário que sintetize suas experiências através da formulação desse mesmo programa.*”<sup>38</sup>

Outro elemento avaliado como positivo da situação é o resultado das eleições, onde, segundo *Chispa*, a grande quantidade de votos em branco e nulo, seriam a tradução de um posicionamento do proletariado de recusa às opções partidárias colocada pela regime, MDB e ARENA. Este fenômeno apontaria para a ausência de um partido “*para lhe propor um programa de luta e um caminho a seguir*” e por outro lado seria o resultado do amadurecimento do proletariado, marcadamente na (nova) vanguarda operária.

---

<sup>36</sup> *Chispa* nº2, setembro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181. p.8

<sup>37</sup> Editorial de *Chispa* nº2, setembro de 1967 In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181. p.02

<sup>38</sup> Idem, ibidem.

Era necessário, por outro lado, a formação de comitês de fábrica para impulsionar as lutas pela base. Outra tarefa necessária era a formação de um Comando Sindical Único para centralizar as lutas das várias categorias, para dirigir as lutas de toda a classe operária. E por fim, todas as tendências políticas que atuavam nas oposições sindicais deveriam se unificar e propagandear a Central Única dos Trabalhadores, para superar a divisão dos trabalhadores em categorias e centralizar suas lutas.

Outro ponto positivo destacado da conjuntura nacional era a definição, no último congresso da UNE pela aliança operário-estudantil. No entanto, embora visto como avanço a definição de uma frente única entre estudantes, operários e camponês no congresso *Chispa* defende que era preciso efetivar essa frente com o programa operário, incorporando junto as reivindicações estudantis as reivindicações operárias; impulsionando também a formação de um Comando Operário de oposições Sindicais, da qual faria parte também os estudantes. Os estudantes deveriam tomar para si as palavras de ordem tais como, aumento de salários, formação de comitês de fábrica, abaixo a lei de greve etc.

Em outra frente a análise se volta para a composição do governo de Costa e Silva. Este expressaria a dificuldade em unir as diferentes frações da burguesia em um bloco no poder. Para *Chispa* os representantes políticos da burguesia estavam divididos, especialmente com a formação da Frente Ampla (Juscelino, Lacerda e Goulart), agravando ainda mais as divergências entre os setores burgueses. O bloco no poder, pressionados pela revolução mundial, pelo enfraquecimento do imperialismo e da burocracia soviética e pela III Guerra Mundial cada vez mais próxima se voltavam para os problemas internos, tanto econômicos quanto políticos. O governo tentava conter, sem sucesso, as lutas sindicais ao mesmo tempo em que buscava saídas para a crise econômica com o estímulo ao mercado interno, o que dava, segundo *Chispa* uma coloração nacionalista aos seus pronunciamentos. Porém, tal como pressupunha grande parte da esquerda<sup>39</sup>, nenhum desenvolvimento econômico era possível nos âmbitos do capitalismo brasileiro, somente um governo revolucionário poderia desenvolver economicamente o Brasil. “*Num país descapitalizado como o Brasil, o desenvolvimento só deixará o terreno da utopia quando um governo das massas revolucionárias assumir o poder e conclamar ao conjunto da população a trabalhar para o futuro.*”<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Para a maioria da esquerda o golpe civil-militar de 1964 levaria a estagnação econômica, decorrendo daí que somente uma revolução seria a alternativa para o Brasil. Ver RIDENTI, M. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Unesp, 2005, 2ªed. pp.36-39.

<sup>40</sup> *Chispa* nº1, agosto de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181. p.8.

O que chama a atenção nesse momento inicial da formação de uma nova organização trotskista é o seu “flerte” com a guerrilha, o que reflete o ambiente da época<sup>41</sup>, flerte que será rapidamente abandonado. *Chispa* é impactado pela reunião da OLAS em Cuba, para o grupo que o editava a OLAS constituía um embrião da frente revolucionária continental e uma derrota da burocracia soviética, incapaz de conter a continuidade revolucionária de Cuba, era, enfim, a expressão máxima do avanço da revolução na América Latina.<sup>42</sup> Mesmo os grupos guerrilheiros possuindo, como os mesmos apontavam, importantes limitações, e que teriam ficado marcadas durante a reunião da OLAS. Para *Chispa* a guerrilha só poderia ser vitoriosa com o apoio das massas das cidades, o que era negligenciado pelos guerrilheiros. Outro ponto era o não reconhecimento do proletariado como vanguarda da revolução e a necessidade do partido revolucionário. Todos os participantes da reunião foram unânimes em “*desafiar o imperialismo das montanhas*”<sup>43</sup>.

A reunião teria sido “frágil” também por não tocar em problemas gerais como a iminência de mais um confronto mundial (a III Guerra Mundial), a traição da burocracia soviética à revolução, a coexistência pacífica, a revolução política na China etc. Mas mesmo com essas ressalvas afirmam os militantes de *Chispa* “*Tudo isto não quer dizer que a luta armada, com as guerrilhas, não seja o único caminho para a tomada do poder pelas massas da América Latina.*”<sup>44</sup> As limitações apontadas seriam superadas no desenvolvimento da expansão da luta guerrilheira

o movimento guerrilheiro se expandirá por todo o hemisfério, como essa expansão conduzirá a uma evolução política inevitavelmente à evolução política. E a evolução política do movimento guerrilheiro na A.L. significa a participação das massas no processo pela tomada do poder, através de sua organização nas cidades e nos campos, através da formação de comitês de fábrica e de uma intervenção maciça da classe operária nos sindicatos, através da invasão e tomada de terras pelos camponeses.<sup>45</sup>

*Chispa* parece tentar unir aspectos característicos do programa do trotskismo, como a classe operária como o sujeito da revolução e a necessidade do partido revolucionário, com a tática

---

<sup>41</sup> Esse flerte com a perspectiva da luta armada já está presente como destacamos nas primeiras críticas ao POR-T posadista, no documento “Crítico, Planejar e Construir Coletivamente o Partido”.

<sup>42</sup> Conf. *Chispa* nº1, agosto de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181. p.1.

<sup>43</sup> *Chispa* nº2, setembro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.p. 8.

<sup>44</sup> idem, p.9, grifos no original.

<sup>45</sup> *Chispa* nº2, setembro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.p.idem.

da luta armada.

Não existia no projeto político de *Chispa* um objetivo claro de organização, grande parte de seus textos lembram as análises do POR-T, o que nos faz pensar que o periódico era destinado aos militantes desse partido e buscava influir na política deste, denotando uma dificuldade desses militantes em ir além do *posadismo*. A terceira edição de *Chispa*, no entanto, marca uma alteração nos rumos do grupo. No editorial é publicado uma nota que fora publicado primeiramente em *Frente Operária*<sup>46</sup>, órgão do POR-T, onde é denunciada o surgimento do grupo que editava *Chispa*. Para o POR-T

Esta publicação não obedece a motivos de por posições ou por idéias, não propõe outra política, nem outro programa, e nem mesmo outra tática que não a da IV Internacional. Também não é uma tendência, um despreendimento lógico da experiência e da vida política da vanguarda. Na verdade nem mesmo é grupo: trata-se apenas de alguns indivíduos isolados, pequenos burgueses insatisfeitos, que buscam dessa maneira satisfação individual e sobrevivência, sem a necessidade de submeter-se à militância disciplinada e centralizada do Partido. Por isso saem independentemente com posições do partido, com a finalidade de combater-lo, de competir com ele e de causar confusão.<sup>47</sup>

Nesse sentido o grupo, aos olhos do POR-T, servia a reação, tratava-se de aventureiros irresponsáveis, sua “*rota se persiste, apenas poderá servir a polícia, ao partido comunista ou à reação.*”<sup>48</sup> Por isso *Frente Operária* denunciava o grupo perante toda a vanguarda.

A seqüência do editorial parece corroborar a denúncia do POR-T ao manifestar a resolução do grupo que editava *Chispa*. Antes dessa declaração do POR-T, prossegue o editorial, o grupo já tinha como resolução a sua dissolução e o pedido de reingresso nas fileiras do POR-T, posição que mantinham, mesmo após a declaração mencionada. O número três de *Chispa* então, é composto do editorial, contendo a declaração do POR e alguns comentários sobre declaração posadista, a resolução política do grupo intitulada “*A IV Internacional e programa da revolução*” e como parte dessa resolução a publicação do editorial de *Frente Operária*, da primeira quinzena de outubro de 1967, análises e propostas que o grupo concordava. Vejamos item por item.

Para os militantes de *Chispa*, a denúncia e os termos utilizados, em nada alterariam o

---

<sup>46</sup> Frente Operária era o órgão do POR-T surgiu em 1952 e a partir de 1962 passou a ter tiragem regular, todas as suas edições tinham artigos publicados de J.Posadas, sobre os mais diversos assuntos. Foi publicado até 1990. Ver LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. pp.198-201.

<sup>47</sup> *Chispa* nº3, outubro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.p.1.

<sup>48</sup> *Chispa* nº3.



objetivo de reintegração ao POR-T, assim como a conclamação que redigiram e publicavam. Decidem publicar a “declaração-denúncia” e discutir alguns aspectos do texto com militantes trotskistas, para se compreender o fenômeno de “*atomização das esquerdas*”<sup>49</sup>. Trata-se do fenômeno de dispersão das forças de esquerda, principalmente após o golpe de 1964. Inúmeros foram os grupos que surgiram à esquerda do PCB, *Chispa* cita a “POLOP, MRC, PC do Brasil (Ala Chinesa), Viva o Leninismo ( no nordeste)” como alguns exemplos desse processo de rompimento com o reformismo conciliador. Os acontecimentos políticos de 1964 foram o auge do reformismo, “*que se caracterizava pelo crédito que ponderáveis setores das massas devotavam às ilusões reformistas*”. Para *Chispa* o golpe militar, junto com os acontecimentos internacionais, tanto anteriores, quanto posteriores ao golpe, resultaram em um maior “*amadurecimento da massas*”. Aqui *Chispa* identifica os processos de rupturas com o PCB, e a constituição de várias organizações políticas, com o amadurecimento das massas, estas estariam cada vez mais avançando rumo a revolução. O golpe de 1964 externalizou as contradições internas ao PCB, “*pondo por terra a enorme estrutura burocrática erijida (sic) sobre as bases falsas da traição e do conciliadorismo*”<sup>50</sup>.

Assim muitos grupos lançaram-se no “*torvelinho das confusões*”, pois possuíam vícios de anos de militância em uma organização contra-revolucionária, enquanto outras puderam, junto as massas, ponderar seus erros e elaborar outras políticas; outras ainda buscaram um novo centro, já que as massas davam mostras de que não haviam sido derrotadas<sup>51</sup>. “*Este novo centro não poderia ser outro senão aquela organização que historicamente defendera as posições revolucionárias acertadas e que previra todos os acontecimentos que se deram, inclusive o golpe de abril: a IV Internacional.*”<sup>52</sup>

No entanto, prossegue *Chispa*, o POR-T não estava preparado para as novas condições, em parte pela repressão que se abateu sobre a organização, mas também por não conseguir modificar sua organização de acordo com as novas condições abertas pós-golpe de 1964. Não é possível depreender do texto a que alude os militantes ao argumentar sobre as novas condições políticas e mesmo sobre quais seriam as mudanças organizativas necessárias para estas. Podemos inferir que se trata de uma referência ao *centralismo monolítico posadista*. O fato é que as crises internas se fizeram sentir no POR-T, já que este estava

---

<sup>49</sup> *Chispa* nº3, outubro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.p.2.

<sup>50</sup> *Chispa*, nº3.

<sup>51</sup> *Chispa* nº3, setembro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.p.2

<sup>52</sup> *Chispa* nº3, idem .

inserido nos mesmos “*feitos objetivos atinentes à revolução no Brasil.*”<sup>53</sup>

O descompasso entre as mudanças na situação política nacional e as mudanças organizativas necessárias a estas mudanças parece explicar as crises pela qual passara o POR-T. “*Como o partido não correspondia às necessidades organizatórias da revolução no Brasil, Posadas investiu contra o que ele naquele momento, e todos agora, sentia ser os elementos de entrave ao livre desenvolvimento da organização.*”<sup>54</sup> Por outro lado esta crise, tornada pública através dos artigos de Posadas nas páginas de *Frente Operária*, também apontavam para a crise na própria Internacional como um todo.

Ao que parece os militantes de *Chispa* recuam nas críticas elaboradas no documento *Criticar, Planejar e Construir o Partido Coletivamente*. Talvez em um intento de auto-crítica, visando integrar-se ao POR-T novamente aderem as elaborações características do *posadismo* especialmente na questão da organização interna partidária, o *monolitismo*.

Para os militantes de *Chispa* eles também eram parte dessa crise, seriam o reflexo inconsciente desta.

Com o programa e análises da IV Internacional a tiracolo, mas com o temor resultante de experiências anteriores, de que ela ( a IV Internacional ) não possuía estrutura suficientemente forte para constituir-se em centro da nova vanguarda já amadurecida.

Sob o impulso da revolução em ascenso, o grupo pôde rever rapidamente esse erro de análise. Nos sindicatos em S. Paulo uma corrente das massas proletárias já começa a se expressar através do programa da IV Internacional. Este fato é de capital importância, pois mostra que o processo de amadurecimento político das massas marcha a passos acelerados, encontrando o necessário respaldo de uma organização, que a tempo conseguiu rever suas dificuldades e desacertos internos.<sup>55</sup>

Antes de expor a conclamação aos militantes trotskistas *Chispa* tece alguns comentários sobre os adjetivos utilizados na declaração do POR sobre o grupo. Para o grupo tais palavras são caras ao stalinismo, utilizadas para sufocar a discussão, não contribuindo em nada para clarear o debate. Já no texto *A IV Internacional e o Programa da Revolução* é desenhado o quadro da situação política internacional, com pinceladas de otimismo na força das massas, tal como nos números anteriores de *Chispa*. Neste texto é sintetizado as análises feitas no primeiro e segundo número do periódico. O mundo de um extremo ao outro era sacudido por crises políticas e sociais, nos EUA com a luta dos negros, as dificuldades do imperialismo na guerra do Vietnã, a reunião da OLAS, a luta das massas chinesas, ao mesmo

---

<sup>53</sup> *Chispa*, nº3, p. 2.

<sup>54</sup> *Idem*, *ibidem*, p.3.

<sup>55</sup> *Chispa*, nº3, p. 3.

tempo em que se consolida, ao olhos de *Chispa*, a única saída para o imperialismo e o capitalismo “a guerra atômica último recurso para enfrentarem a revolução”<sup>56</sup>. O mesmo tom também esta presente quando se voltam para o Oriente Médio, nem mesmo a derrota político-militar do nacionalismo árabe contra o exército de Israel na guerra dos seis dias é suficiente para a alterar o ímpeto revolucionário das massas

A derrota militar sofrida pelos árabes mostrou às massas daquela região que não devem mais confiar nos exércitos burocráticos de seus países. Israel e o imperialismo, sabem que se no último episódio da guerra contavam com centenas de militares reacionários egípcios, na próxima etapa da guerra terão que enfrentar as massas diretamente. (...) E o imperialismo já aprendeu que não pode vencer as massas;”

Junto ao avanço das massas vem se somar a crise financeira do capitalismo, prenunciando também neste aspecto, a derrocada final do capitalismo.

Nesse cenário as antigas direções estariam sendo substituídas. Por antigas direções *Chispa* alude aos PC's e à burocracia da URSS. Em substituição aparece os dirigentes cubanos, cada vez mais no sentido da revolução mundial, propondo a luta armada e organizando a OLAS, “como organismo de centralização das massas latinoamericanas, o que é indubitavelmente um avanço; mas um avanço empírico sem análise política, sem um programa.”<sup>57</sup> Assim como a direção maoísta no desenrolar da Revolução Cultural na China. Todas essas direções políticas tendem ao programa da IV Internacional.

A direção cubana ao propor a luta armada rompe com a burocracia soviética e se aproxima do programa da IV Internacional. A equipe de Mao ao radicar a luta contra a burocracia chinesa terá que inevitavelmente buscar na IV Internacional o programa para fazer avançar a revolução (...) As massas de todo o mundo pressionam pela formação de uma nova internacional comunista de massas. Na Síria as massas levam à prática a formação de milícias populares, palavra de ordem da IV Internacional. A formação de comitês de fábrica na China é o programa da IV em execução (...) as massas procuram e encontram na experiência histórica da revolução suas próprias formas organizatórias, indo de encontro ao programa da IV...<sup>58</sup>

Impressionados com os acontecimentos mundiais e vendo nestes a convergência com o programa da IV Internacional, que a alçaria como centro da vanguarda revolucionária, os

---

<sup>56</sup> Chispa, nº3, p. 4.

<sup>57</sup> Chispa, nº3, p.5.

<sup>58</sup> Idem, ibidem.

militantes de *Chispa* de acordo com esse programa, decidem

1. dar por encerrada sua atuação como grupo independente.
2. reivindicar seu ingresso no POR.
3. propor a todos os companheiros que discutam nossa decisão e se incorporem ao POR (trotskista) seção brasileira da IV Internacional.
4. publicar o editorial, que segue abaixo do jornal 'FRENTE OPERÁRIA' da primeira quinzena de outubro de 1967, porque concorda com a análise e propostas de organização das massas do Brasil nele contidas.<sup>59</sup>

O editorial publicado do jornal *Frente Operária* traça algumas coordenadas programáticas às análises feitas por *Chispa*, guardando muita semelhança com essas. A diferença é marcada pela proposta do POR-T em impulsionar um Partido Operário a partir dos sindicatos. A avaliação do POR-T apontava o avanço da luta dos trabalhadores nas campanhas salariais, e a crise interna dos dirigentes burgueses, especialmente aguçada com o encontro de Lacerda e João Goulart conformando a Frente Ampla. Essa crise, por sua vez, poderia ser a brecha para uma ofensiva da classe, o que poderia levar o Brasil a uma guerra civil. Influenciada pelo avanço da revolução mundial e a crise agônica do capitalismo a pequena burguesia dava mostras de radicalização, como no movimento dos professores em Minas Gerais, dos bancários no Rio de Janeiro e principalmente no movimento estudantil, o “núcleo mais dinâmico de resistência aos planos do capitalismo.”<sup>60</sup>

A resistência dos trabalhadores à política de arrocho salarial imposto pelo regime militar, a luta pela retomada dos níveis salariais adensaria ainda mais a crise inter-burguesa, com setores defendendo redução ainda maior dos salários e outros defendendo sua elevação, como o manifesto de Goulart e Lacerda. A burguesia não estaria conseguindo absorver as reivindicações dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que temia que essas lutas tornassem centros de lutas, se unificassem e generalizassem pondo em xeque não só o governo militar, mas o próprio sistema capitalista.

Tanto as massas quanto a burguesia estariam pressionadas pela situação mundial, do avanço das lutas no Oriente Médio, no Vietnã, na China “do desenvolvimento da crise de direção revolucionária, que começa a encontrar empiricamente caminhos para a revolução política na China e em Cuba”<sup>61</sup>. A crise inter-burguesa expressava-se também no plano

---

<sup>59</sup> Chispa, nº3, p.5.

<sup>60</sup> Chispa, nº3, idem.

<sup>61</sup> Chispa, nº3, p.6.

internacional com as dificuldades da OEA em frear os intentos de Cuba, ou as divergências da França com os EUA na reunião do FMI. As massas, mesmo com suas direções divididas avançavam em suas lutas, como dava mostras a luta no Vietnã. Por isso mesmo a luta sindical no Brasil devia se apoiar nesses elementos para se constituir em “*tendência orgânica de classe*”. Visando dois objetivos específicos, vitórias sobre a política salarial do governo e a derrotas da lei de greve e do arrocho salarial.

*Frente Operária* propõe modificações na luta sindical, com campanhas em massa pela sindicalização, com a imposição da democracia operária nos sindicatos, a conformação de uma Central Única dos Trabalhadores, organização dos conselhos e comitês de fábrica. Tais necessidades já seriam sentidas pelo proletariado e já estavam maduras para a sua constituição. Mas para avançar com essas propostas era necessário a formação de tendências sindicais que levassem adiante esse programa, que seja o centro da direção. Esses núcleos conscientes da vanguarda, os trotskistas a frente, deveriam fazer uma atividade constante dentro das tendências sindicais visando

a organização de um Partido Operário baseado nos sindicatos, com um programa de estatizações, expropriações e expulsão do imperialismo, monopólio estatal dos bancos e do comércio exterior, controle operário, expropriação sem indenizações dos latifúndios, entrega de terras aos camponeses, plano de obras públicas para todos o problemas referentes as massas, dirigido e controlado por seus organismos, dissolução do exército, da polícia, milícias populares, tribunais populares, comunas, conselhos de operários camponeses, estudantes, soldados; governo operário camponês.<sup>62</sup>

Era preciso efetivar imediatamente a aliança operário-estudantil. O movimento estudantil deveria apoiar as reivindicações do movimento operário, integrar-se as lutas dos operários, chamando uma frente única que incluía as reivindicações de cada setor, a luta pelas liberdades democráticas, pelo direito de reunião, imprensa, voto, por uma central única que incorpore os estudantes, pela construção do Partido Operário baseado nos sindicatos, pela derrubada do governo militar e por uma Assembléia Constituinte de operários, camponeses e soldados. O editorial conclui com um chamamento do POR às tendências do movimento de massas a se juntar ao POR a lutar com esses objetivos numa frente única a partir das lutas salariais e estudantis.

O relato, um pouco exaustivo, exposto nas linhas acima nos mostram um ensaio de ruptura com o *posadismo*. Pouco se avançou nesse sentido, manteve-se as mesmas

---

<sup>62</sup> Chispa, nº3, p. 8.

perspectivas de análise, as mesmas teses no que toca, especialmente, às questões internacionais, como por exemplo a iminência da III Guerra Mundial atômica. A adesão as direções políticas que despontavam então, como o nacionalismo árabe, os dirigentes cubanos com a formação da OLAS, o maoísmo nascente. As afinidades eram tantas que acabam por pedir o reingresso no POR, como vimos em Chispa nº3. Dois fatos devem ser frisados nesse momento, a adesão do grupo, ainda que com ressalvas, a opção pela luta armada, refletindo o ambiente do período, principalmente pela impactados com a reunião da OLAS; outro fato que deve ser sublinhado é o completo desconhecimento do grupo em relação às divisões e rupturas no interior da IV Internacional, esta era vista e tida como a organização de Posadas. Este isolamento dos trotskistas no Brasil, em relação à organização internacional, será superado somente no início dos anos 1970, quando tem início as aproximações visando a unificação dos grupos trotskistas do Brasil<sup>63</sup>. O objetivo político que animava *Chispa*, nos parece, era travar uma batalha política no interior do *posadismo*, buscando com a publicação expressar suas diferenças políticas, destinando-a especialmente aos militantes do POR-T.

### **3. Do Movimento Estudantil 1º de Maio à Organização Comunista 1º de Maio- 1968-1972**

Da formação do *Movimento Estudantil 1º de Maio*, em 1968, até a constituição da *Organização Comunista 1º de Maio*, em 1970, vários fatores irão determinar esse desenvolvimento que formará um novo momento da história do trotskismo no Brasil. A princípio a relação com o *posadismo* imprimirá suas marcas no nascente grupo. Os impactos da mudança no regime político, com o acirramento da repressão, que culminará com a edição do Ato Institucional nº5, por sua vez será um dos aspectos que também levarão às mudanças organizativas do grupo, levando também, por outro lado, a definições de objetivos e uma maior definição do projeto político desses trotskistas. Outro elemento que influirá, será o contato com o movimento trotskista internacional. E por fim, mas não menos importante, esta presente a vontade humana, o protagonismo de jovens militantes, que entraram na política em fins dos anos 1960, e buscaram construir um projeto político alternativo à luta armada.

A denominação Movimento Estudantil já adianta a localização social e o setor em que se inseriu este novo agrupamento que se reivindicará do trotskismo. Em São Paulo o movimento estudantil, como em grande parte do mundo, passava por momentos de

---

<sup>63</sup> Conf. “Aos trotskistas brasileiros na França. Sobre problemas na unificação.” Comitê de Unificação, 05/03/1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.p.02.

efervescência. O centro e símbolo desse momento era a Faculdade de Filosofia da USP, na Rua Maria Antônia, onde as várias tendências, organizações e partidos, de diferentes matizes à esquerda, disputavam as entidades estudantis e buscavam imprimir um caminho para os rumos do movimento estudantil. Os militantes que estarão a frente na formação do *ME 1º de Maio* eram todos estudantes e militantes no movimento estudantil. Dentre eles poucos tinham um passado de militância em uma organização política, e a organização em que militaram esses poucos foi o POR-T *posadista*. No entanto, o *ME 1º de Maio* não se constituiu em uma ruptura do POR-T, numa dissidência, ou mesmo uma fração deste, voltaremos a isso adiante. Por outro lado entre aqueles que não tinham um passado militante orgânico existia o sentimento, comum àquela época, de recusa ao projeto político do PCB.

O complemento *1º de Maio* por sua vez, traz o objetivo de se vincular o movimento estudantil à perspectiva de luta dos trabalhadores, concretizar a palavra de ordem lançada por esses militantes, *Aliança Operário-Estudantil*. Este 1º de Maio refere-se também ao 1º de Maio de 1968, momento de convergência de sentimentos políticos dispersos que vai se traduzir na constituição do ME 1º de Maio nesta data como nos diz Arkan Simaan

Fábio trouxe-nos uma notícia “de suma importância”: os operários de Osasco queriam perturbar o discurso do governador Abreu Sodré na Praça da Sé no dia 1º de Maio. O governador estava de conchavos com os pelegos do PCB<sup>64</sup>. Na hora H vamos o governador, jogamos pedras e gritamos *Abaixo a ditadura!* De repente, um grupo bradou: *Só a luta armada derruba a ditadura!* Com eles avançamos para cima do palanque. A polícia hesitou em reprimir temendo machucar o governador, mas logo que Abreu Sodré se refugiou na catedral ela desceu pau na gente. Desatamos a correr pelas ruas berrando *Operários no poder!* e os partidários do foquismo *Só a luta armada derruba a ditadura!* Na sequência, levamos conosco umas duzentas pessoas até a Maria Antônia. Improvisamos um comício na rua e eu convidei os que desejavam continuar a luta a uma reunião no dia seguinte à noite. Porque à noite? Porque durante o dia eu trabalhava. Apareceram dezenas de estudantes, bancários, operários. Não era gente trotskista, claro, mas pessoal que havia participado do quebra-quebra. Criamos um grupo de discussão e resolvemos escrever um panfleto para “explicar ao povo porque derrubamos o palanque”. Para assinar o panfleto, precisávamos de um nome. Colocamos *Movimento Operário Estudantil 1º de Maio* que depois virou *Movimento Estudantil 1º de Maio*. Essa denominação mais simples bastava: ela lembrava nosso ato de repúdio à ditadura e aos pelegos e resumia nosso objetivo de

---

<sup>64</sup> Em 1967 o movimento sindical brasileiro procura se rearticular. A partir de encontros e reuniões buscam desenvolver uma campanha contra a política de arrocho salarial. Para centralizar essa campanha, em São Paulo, é criada o Movimento Intersindical Anti-arrocho (MIA), agrupando diversos sindicalistas, entre pelegos, PCB e sindicalistas de Osasco. Em 1968 o MIA organiza uma comemoração do 1º de Maio na praça da Sé em que o governador Abreu Sodré é convidado. Foi a última aparição do MIA. Conf. RIDENTI, M. O Fantasma da Revolução Brasileira. São Paulo, Unesp, 2005, 2ªed. p.180. E FREDERICO, C. (org). *A Esquerda e o Movimento Sindical Operário 1964-1984*. São Paulo, Novos Rumos, 1987, v.1. pp.53-57.

O nome, então, Movimento Estudantil 1º de Maio surge no momento em que este grupo de estudantes na Maria Antônia, após a manifestação na praça da Sé decidem escrever um panfleto sobre o que tinha ocorrido, ao assinar o panfleto surge a proposta do nome, nos diz Arkan Simaan. O *ME 1º de Maio* surge como um grupo de discussão, com reuniões abertas, numa resposta *artesanal*<sup>66</sup> às inquietudes políticas de seus integrantes, tratava-se do questionamento a respeito da continuidade da militância política desses estudantes. Não existia, porém, para onde ir, por onde começar, o que fazer. Todavia, para essa geração que praticamente entrou na política marcada pelo golpe civil-militar de 1964, o panorama político estava marcado pela recusa ao PCB e pelas suas dissidências que vão propagandear a necessidade do lançamento da luta armada como necessário para o enfrentamento ao regime. Deste cenário ficava, para os que constituirão o ME 1º de Maio, a recusa ao PCB e a luta armada.

A continuidade da militância, ou melhor, as formas de continuidade da militância, não estavam claras nem para aqueles que possuíam um passado militante. É o caso por exemplo do Fábio Munhoz e de Arkan Simaan, “*em 1968 eu já estava com um pé dentro e um pé fora [do POR-T], só não sei porque eu não sabia onde, aonde é que eu ia ir. Não tinha jeito de ir pra lugar nenhum*”<sup>67</sup> lembra Simaan. Fábio Munhoz experiente por sua militância no POR, já vinha num processo de conflitos com o *posadismo*, como vimos anteriormente, onde o documento *Criticar, construir e planejar coletivamente o partido* assumiu um ponto importante de inflexão, também enfrentava dificuldades para dar uma saída para a sua militância. Um aspecto que deve ser levado em conta nesse sentido é a quase impossibilidade do POR em absorver críticas e questionamentos de sua política por parte de seus militantes, devido ao *monolitismo posadista*, os caminhos para se expressar essas diferenças estavam cerrados. Não havia o direito de fração, ou a formação de tendências, mesmo os congressos e conferências eram instâncias questionáveis do ponto de vista da democracia. Estes militantes contribuirão para a criação do *ME 1º de Maio*. No entanto, não

---

<sup>65</sup> Depoimento de Arkan Simaan para Tiago de Oliveira , 03/02/2013.

<sup>66</sup> No sentido leninista da expressão. Lênin ao buscar organizar o movimento socialista na Rússia, no início do século XX, argumentava para a necessidade de criar uma organização de revolucionários profissionais em contraposição aos núcleos dispersos e fragmentados em que se encontrava o caminho de construção do partido. Visando superar esse momento inicial de construção partidária em que imperava o não planejamento, organização e centralização, ao qual denominou de método artesanal, Lenin vai propor a criação de um jornal para toda a Rússia, buscando centralizar a organização do partido. Ver LÊNIN, V. Que Fazer, São Paulo, Hucitec, 1978.

<sup>67</sup> Depoimento de Arkan Simaan para Tiago de Oliveira.



se pode concluir daí que o ME 1º de Maio foi uma ruptura do *posadismo*.

Mesmo com o aspecto artesanal deste agrupamento político, ou seja, um movimento aberto, sem programa, sem objetivos claramente definidos e planejamento, o trotskismo era reivindicado pelo grupo. “*Quando nasceu o 1º de Maio não tinha programa*”<sup>68</sup> diz Arakan Simaan.

### 3.1 Movimento Estudantil 1º de Maio: 1968-1969

O intento dos militantes de Chispa em regressarem ao POR-T fracassa. O partido *posadista* no Brasil em 1968 vai passar por uma série de crises, com a expulsão das regionais do Rio Grande do Sul, do Nordeste e parte da de São Paulo e a formação de novos agrupamentos trotskistas como a Fração Bolchevique Trotskista, GTR<sup>69</sup> e o MCI<sup>70</sup>, além do ME1º de Maio.

o ME 1º de Maio não foi formado. Havia já, desde algum tempo, a tendência de vários futuros militantes do ME 1º de Maio de formar um grupo político. Esta tendência se consolida em decisão, em deliberação, consciente, e em execução.(...)

De muitos militantes, e não todos ex-posadistas, forma-se um grupo político independente, simpático ao trotskismo, e em circunstância política bem determinada – em abril/maio de 1968.

É a sua organização – ainda que dispersiva, caótica, ‘movimentista’ – mas autônoma, que marca o início da história do 1º de Maio.

Sua postulação como marxista, trotskista, além de pura simpatia, conduzirá à sua evolução – do choque de confusas contradições, da heterogeneidade de seus militantes, e pelo caminhar pelas ondas do movimento de massas.<sup>71</sup>

À frente do ME 1º de Maio estavam os militantes que editavam *Chispa*, Oscar (Mtnos Abdalla Calil), Augusto (Julio Cassola) e Henrique (Fábio Munhoz), que cumprirão o papel de primeiro núcleo dirigente, podemos dizer assim. Estavam também Luiz Araújo, Arkan Simaan, ex-militante do partido posadista e Otaviano de Fiori, também ex-militante posadista.

O documento *História do 1º de Maio até os dias atuais*<sup>72</sup> nos dá mais detalhes desse

---

<sup>68</sup> Depoimento de Arkan Simaan.

<sup>69</sup> Grupo Trotskista Revolucionário, agrupamento que surge como ruptura do POR-T no Rio Grande do Sul em 1968, desaparecendo logo em seguida. Conf. “Carta: Port of Spain Manuel para Filinto [Francisco Solano]”, 25/02/1970.

<sup>70</sup> Movimento Comunista Internacionalista, grupo que surge a partir da Liga Socialista Internacionalista.

<sup>71</sup> *Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio*. 07/03/1973, ass.: Guilherme [Luiz Araújo]. AEL/Fundo Luiz Araújo. p2. (sublinhado no original)

<sup>72</sup> *História do 1º de Maio até os dias atuais*. 30 páginas, s/1, 14/01/1973. In: AEL, fundo Luiz Araújo. Este

momento. A perspectiva política elaborada pelo grupo que editava *Chispa* era continuar a batalha política dentro do POR-T e da IV Internacional, esta, nunca é demais ressaltar, traduzia-se na organização internacional chefiada por J. Posadas, a única expressão, até então, do trotskismo no Brasil. Até junho de 1968, o grupo atua de maneira independente, intervindo no movimento de massas, esses militantes junto com outros irão constituir o *Movimento Estudantil 1º de Maio*. Em Abril/Maio de 1968 junto aos três militantes, que editaram *Chispa*, se juntou também mais quatro militantes de codinomes Raul (Arkan Simaan) e José (Ottaviano De Fiori), também expulsos do POR-T, Guilherme (Luiz Araújo) e Gaspar. José (Ottaviano de Fiori), no entanto, cumpriu um importante papel na formação política de Henrique (Fábio Munhoz), Oscar (Mtnos Abdalla Calil) e Augusto (Júlio Calasso), e na criação do ME 1º de Maio, mas se afastou da militância. É nesse ano também que o casal de atores Gabriela Rabelo e Francisco Solano se aproximam do trotskismo, via ME 1º de Maio. O último será responsável por (re)estabelecer contato com o movimento trotskista internacional, quando viaja à França como bolsista para estudar teatro.<sup>73</sup>

O jornal *Chispa*, segundo o documento mencionado destinava-se, principalmente, aos militantes do POR e a sua zona de influência.

*Chispa* se constituiu numa publicação dirigida muitos mais ao próprio posadismo e sua zona de influência numa tentativa de continuar o processo interno interrompido no sexto congresso<sup>74</sup>. Com ele são procurados ex-militantes do posadismo e elementos que constituíram oposição a Posadas no sexto congresso. Neste momento (dez de 67) os companheiros previam a possibilidade de reintegração na IV continuando por dentro sua luta fracionária. Porém o que ocorreu foi o inverso: o Processo de desmantelamento se intensifica com o desligamento em forma de expulsão ou espontâneo de todo o regional R.G.S., do regional do Nordeste e parte da de São Paulo.<sup>75</sup>

Segundo o documento em julho o ME 1º de Maio já teria estabelecido contato com os militantes expulsos do POR-T no Rio Grande do Sul, que viriam a constituir a Fração Bolchevique Trotskista, com o objetivo em formar uma única organização. Uma das razões que explicariam a não efetivação desse objetivo, segundo o documento, foi as divergências

---

documento esta inserido no contexto da 1ª Conferência da OC 1º de Maio, realizada em fins de 1972 e início de 1973.

<sup>73</sup> Voltaremos a isso na parte II, quando discutiremos o processo de unificação e o surgimento do grupo Outubro. Solano esteve presente ativamente nos dois momentos.

<sup>74</sup> Trata-se da V Conferência Nacional do POR, realizada no início do ano de 1966. Conf. LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004. p. 151.

<sup>75</sup> *História do 1º de Maio até os dias atuais*. 30 páginas, s/l, 14 de janeiro de 1973, p.3. In: AEL, fundo Luiz Araújo.

políticas entre as duas organizações a respeito da reconstrução da Internacional.

Por um lado os companheiros do sul acreditavam na possibilidade de se construir já uma organização partidária em nível nacional, como fração da seção brasileira do posadismo, refletindo a esperança de, em nível internacional, reconstruir a Internacional Comunista a partir do posadismo. Por outro lado, os companheiros do 1º de Maio viam como já falido o posadismo e a necessidade de a reconstrução passar, pelo menos no caso brasileiro, pela construção de movimentos abertos do tipo FES<sup>76</sup> que criariam as condições ‘objetivas’ necessárias para o surgimento de embriões do POR e da Internacional.<sup>77</sup>

Esse episódio, no entanto, é controverso. Luiz Araújo, no documento “Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio elaborado por Gaspar” apresenta uma outra versão para essa aproximação com a FBT. E caso tivesse se efetivado essa fusão, os rumos da reorganização iria para outro sentido. Vejamos

Pelo que nos consta, o contato com os ex-militantes posadistas do sul se deu antes de julho/68. A divergência fundamental não foi jamais a que o companheiro aponta (método de reconstrução da Internacional Comunista – veja pg.3, 3º §). Isto jamais foi sequer insinuado pelos ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio.

Houve, quanto aos problemas políticos, acordo (crítica ao monolitismo, influência, etc.).

Houve, isto sim, divergência na hora de dividir os cargos de direção, e que era dito confessadamente, em 68. Cada grupo queria ser majoritário. A fração não aceitava nem a paridade.

Os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio também acreditavam na possibilidade de formar uma organização em nível nacional. Tanto é que quase se tornam militantes da Fração, e dão o nome a este grupo, segundo diz o documento.

Por outro lado, o próprio fato de os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio terem dado o nome a Fração e terem participado de seu processo inicial de formação, é reflexo de algo. Reflexo de que não enxergavam o posadismo falido.<sup>78</sup>

A discussão sobre a periodização do 1º de Maio nos traz mais elementos sobre a sua história, em especial pondo em evidência dois aspectos: a questão do posadismo e a busca por uma organização política, embrião de um futuro partido. O documento já mencionado, “História do 1º de Maio” divide a história da Organização Comunista 1º de Maio em quatro períodos, vejamos:

1- O surgimento do 1º de Maio que vai de 1966 (sexto congresso da IV I.) até junho de 1968.

---

<sup>76</sup> *Frente Estudantil Socialista*, uma das iniciativas políticas impulsionadas pelo 1º de Maio, assunto que abordaremos adiante.

<sup>77</sup> “História do 1º de Maio”. op cit , p. 3.

<sup>78</sup> *Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio*. 07/03/1973, ass.: Guilherme [Luiz Araújo]. AEL/Fundo Luiz Araújo. p2. (grifos no original). Este episódio também é mencionado, tal como na versão de Luiz Araújo, na “Carta, Manuel [Arkan Simaan] para Filinto [Francisco Solano]”, 25/02/1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo. Mais adiante vamos abordar a formação da FBT e sua relação com o posadismo.

- 2- Primeiro período: de junho de 1968 até maio de 1969 com o documento A ilha misteriosa encerrando o período.
- 3- Período de Transição: de maio de 1969 a janeiro de 1971 com o jornal número 5.
- 4- A experiência recente: de janeiro de 1971 até hoje [início de 1973]<sup>79</sup>

O primeiro período (junho de 1968 até maio de 1969) é caracterizado como de *organização*, ainda marcado pela influência do posadismo – presente desde os tempos de Chispa – nas análises empreendidas pela organização. Esse período marca o desenvolvimento desse coletivo de militantes rumo a construção de uma organização, um embrião de um partido político, sendo delineado mais claramente os contornos do projeto político desse capítulo da história do trotskismo no Brasil. São apontados as limitações ainda presentes na história do que virá a ser a Organização Comunista 1º de Maio. Estas são delimitadas em torno à três coordenadas: “o *Internacionalismo, A crise de Direções e a Construção da Direção Revolucionária, apesar de intimamente relacionados entre si*”.<sup>80</sup>

A principal auto-crítica elaborada a respeito do Internacionalismo é a insuficiência de uma análise marxista, tanto em Chispa, quanto no posadismo. A argumentação é diretamente referenciada em Trotsky

Trotsky na ‘Revolução Permanente’ defende intransigentemente de embasar a política do partido nacional nas características específicas do desenvolvimento do capitalismo neste país; na análise detalhada da formação de suas diversas camadas sociais, seu relacionamento, a estrutura de suas relações de produção, o desenvolvimento da luta de classes a organização e consciência política de seu proletariado. É aí que se encontram as condições fundamentais que levarão à destruição da ordem capitalista no país.

O internacionalismo proletário, este se baseia a integração do mercado internacional e na divisão internacional, levadas a cabo pela própria burguesia e que faz com que as economias dos diversos países estejam indissolúvelmente ligadas e, portanto, também a sorte de suas burguesias e proletariado dos países capitalistas e hoje acrescentadas as burocracias parasitárias dos países operários. Daí a palavra de ordem: ‘Proletários de todos os países uni-vos’, significar que só com a derrocada final de todos os redutos capitalistas e hoje também das burocracias, será possível construir o socialismo.<sup>81</sup>

O “Internacionalismo” de Posadas e Chispa era a “consciência” espontânea das

---

<sup>79</sup> “História do 1º de Maio”. op cit, p.1. O documento *História do 1º de Maio até os dias atuais* é um dos principais documentos da pesquisa. Este documento nos levou a procura de outros documentos e a novas perguntas, constituindo-se em uma peça chave que organizava e referenciava nosso olhar sobre os outros documentos.

<sup>80</sup> op. cit. p. 5.

<sup>81</sup> “História do 1º de Maio”. op. cit.p.5

massas que empurrariam suas direções para a revolução socialista e política, tal como destacamos nas linhas mais acima, com seus reflexos na situação nacional. Outra lacuna apontada pelo documento é a ausência de uma análise sobre “o surgimento de movimentos nacionalistas”. Por fim, a análise das limitações a respeito do “Internacionalismo” concluem com a crítica à avaliação que tanto o posadismo e Chispa faziam sobre a burocracia e seu desenvolvimentos na revolução cubana e na China; e explicação da tese da III Guerra Mundial. O documento menciona o artigo de Posadas, publicado em Frente Operária nº220, onde critica a posição dos trotskistas no processo político da Tchecoslováquia. Coerente com a visão da iminência do terceiro conflito mundial, os trotskistas deveriam fazer uma frente única com a burocracia soviética, deixando de lado a luta pela revolução política contra a burocracia. Chispa e o que viria a ser o ME 1º de Maio não chegaram a tanto, com respeito ao processo da Tchecoslováquia, defenderam a revolução política neste país<sup>82</sup>. No entanto, acompanhavam as avaliações de Posadas no que se refere aos processos políticos verificados em Cuba, China e o nacionalismo. Como vimos anteriormente, essas direções estariam superando os PC’s e a burocracia soviética no mundo, enfraquecendo o imperialismo e consolidando neste a decisão pela guerra atômica.

O ‘Internacionalismo’ posadista se completa então com a tese da III Guerra atômica. O esquema pisado e repisado, seria de forma esquemática o seguinte: as massas exploradas, de todo o mundo, em constante ascenso, empurrariam suas direções nacionalistas nos países subjugados e burocráticos nos países operários em direção ao programa da IV I. ; o imperialismo não tendo outra saída se lançaria a guerra atômica, quando então seria possível a tomada do poder no mundo todo. Não explicam como isso seria possível sob a direção da burocracia e nacionalistas mas, afirmam, não haveria tempo histórico para a construção de partidos nacionais e da internacional comunista e portanto a necessidade de se utilizar das direções existentes e suas internacionais como a OLAS.<sup>83</sup>

O documento silencia sobre o flerte do grupo com a luta armada, impressionados com a reunião da OLAS. Por outro lado, a opção pela luta armada será criticada ainda neste documento e em outros documentos da organização, assunto que abordaremos mais adiante.

São apontadas também insuficiências nas análises da crise de direção revolucionária

---

<sup>82</sup> “Tchecoslováquia: desespero da burocracia.” In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz. Quando o PCB e as várias organizações silenciaram a respeito desse episódio coube aos trotskistas do 1º de Maio organizar uma grande assembleia na Maria Antonia para se opor a agressão soviética. Esse episódio também esta na origem da simpatia pelo trotskismo que fez com que Gabriela Rabelo e Francisco Solano posteriormente aderissem ao movimento. Conf. Depoimento de Gabriela Rabelo, 20/10/2013; e Depoimento de Francisco Solano, 27/10/2013.

<sup>83</sup> Voltaremos a esse tema na parte II cap.1.

no Brasil. Não conseguiram ir além da constatação dessa crise; a ausência de uma direção revolucionária. Esta seria superada, espontaneamente (sob o prisma posadista) com os ascensos que viriam, que viriam a partir dos acontecimentos como a greve de Osasco, em BH/Contagem, nos enfrentamentos do 1º de Maio da Praça da Sé, estariam se forjando a direção revolucionária. Perpassava nessas análises o que denominavam de “*ufanismo revolucionário*”, obscurecendo uma tendência crescente da realidade: “*as possibilidades destes ascensos estavam sendo destruídas pelo vanguardismo pequeno-burguês, adepto da OLAS, que arrastara já, para o terrorismo a jovem vanguarda de Osasco e Belgo-Mineira*”.<sup>84</sup> Vendo superficialmente essa tendência apostavam nos ascensos que viriam, “*acreditávamos nisto piamente de forma dogmática, da mesma forma que, em nível internacional acreditávamos no ascenso espontâneo da revolução.*”<sup>85</sup>

O documento ao aprofundar a análise sobre esse tópico, afirmando tratar-se de uma “*concepção espontaneista do processo de formação da direção revolucionária*” nos traz mais informações sobre ME 1º de Maio. Neste primeiro momento era um movimento aberto com um núcleo dirigente que se reunia para elaborar a política do grupo, elaboração de panfletos, mas não era ainda uma organização política *strito sensu*. Agrupava ao seu redor um setor amplo, aberto e sem uma distinção entre seus níveis organizativos. O núcleo dirigente era composto por nove militantes, Oscar (Mtnos Abdalla Calil), Raul (Arkan Simaan), Guilherme (Luiz Araújo), Gaspar, Ana, Aurélio, Diogo, Henrique (Fábio Munhoz) e Roberto. Mesmo sem uma estrutura organizativa, sem objetivos políticos definidos, sem planejamento, esboçaram uma intervenção para além do movimento estudantil, com uma intervenção na oposição bancária e buscando contato com o movimento operário. Em bancários participaram os militantes Aurélio e Diogo, junto com militantes da FBT. No movimento operário estabeleceram contato com os dirigentes da greve de Osasco, Barreto e Ibrahim. O então jovem militante operário José Ibrahim quando vai para a clandestinidade, logo após a repressão a greve, será abrigado na casa dos militantes do 1º de Maio, Francisco Solano e Gabriela Rabelo<sup>86</sup>.

No entanto, todas essas iniciativas tem poucos desdobramentos para a “organização”. No movimento estudantil, por exemplo, o 1º de Maio chegou a reunir cinquenta ativistas ao

---

<sup>84</sup> op. cit. p. 10. A greve de Osasco de 1968 estava sendo preparada desde a posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. A nova diretoria era composta por setores da igreja católica e o “grupo de Osasco” que aglutinava jovens militantes operários. Deflagrada em julho, contou com ocupações de fábrica, devido a mobilização de base, via comissões de fábrica. Mas os operários foram surpreendidos pela rápida ação da repressão, que com violência, prendeu vários operários e pôs fim a greve. Ver RIDENTI, M. O *Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Unesp, 2005, 2ªed. pp.177-187.

<sup>85</sup> História do 1º de Maio. op. cit. p.10

<sup>86</sup> Conf. depoimento de Francisco Solano e Arkan Simaan.

seu redor, menciona o documento, sem conseguir absorver nenhum destes à “organização”. Os ativistas se reuniam, participavam das atividades, panfletagem, faziam pichações, mas se dispersavam em seguida. O mesmo saldo ocorre com os contatos do movimento operário. “Assim, quando procurávamos a vanguarda operária não era para ganha-los para um programa, para uma organização;”<sup>87</sup>

Segundo o documento essa característica dos momentos iniciais do 1º de Maio, uma quase aversão a construção de uma organização partidária, devia-se a tentativa de superar as limitações da experiência militante anterior caracterizada como *seita*, o posadismo.

Procurava-se então romper com as características de ‘seita’ do posadismo; buscava-se construir quase exatamente aquilo que éramos: um movimento de massas, aberto, com penetração e influência no setor a que pertencesse, sem entender que um organismo desse tipo não resiste sem uma organização sólida por trás, sustentando-a política e organicamente. Buscava-se desta forma ao mesmo tempo que intervindo dentro do M.E. empurrá-lo em direção à Aliança Operário Estudantil, influenciar outros setores provocando o surgimento de outros ‘1º de maios’ dentro dos bancários, operários, etc.<sup>88</sup>

O acirramento da repressão, especialmente após a decretação do AI-5, a necessidade da clandestinidade e conflito com outras organizações políticas vai impor os limites desse tipo de “organização”. Aumentam os obstáculos à uma política de intervenção de massas

A clandestinidade imposta pelas organizações pequeno-burguesas nos isolavam cada vez mais das massas estudantis e, o que é pior, da nossa própria zona de influência diante da inexistência de canais próprios de comunicação; não contávamos com qualquer forma de organização para nossas bases.<sup>89</sup>

Em maio de 1969 Henrique ( Fábio Munhoz) é preso, em seguida, no mês de julho, é a vez de Roberto. As quedas estão ligadas a descoberta pela repressão do local de reprodução do manifesto *A ilha misteriosa: o ponto da manifestação mais clandestina da história do movimento estudantil*<sup>90</sup>. Henrique, por sua vez, é solto no início do ano de 1970 e decide abandonar a política, Augusto e Oscar o acompanham. As prisões obrigam o grupo a um

---

<sup>87</sup> “História do 1º de Maio”. op. cit.p.12.

<sup>88</sup> “História do 1º de Maio. op. cit. pp. 12-13. Essa experiência será importante para a intervenção posterior no ME, primeiro com o FES e depois, pós-unificação com a tendência Liberdade e Luta. Uma característica será marcante nas organizações trotskistas a busca por alternativas de intervenção nas organizações do movimento de massa, mesmo em situação de clandestinidade e com o acirramento da repressão.

<sup>89</sup> Op. Cit. p. 14.

<sup>90</sup> Conf. Prontuário nº55950- prisão de Fábio Munhoz,1968. In: Arquivo do Estado. Fundo DOPS-SP/Delegacia de Ordem Política e Social. In: DEOPS.

recuo em suas atividades, por um período de dois meses, sendo retomada com a edição do jornal nº2, em 8/09/1969.

A principal atividade em que participam nesse ano é a eleição do grêmio de filosofia da USP, no final do ano de 1969, com a “Chapa 1º de Maio”<sup>91</sup>. O processo eleitoral se dá em difíceis condições, com uma “organização” debilitada, contando com cinco militantes, Oscar e Gaspar (que trabalhavam) e Ana, mais Raul e Guilherme, estes já com “sérios problemas de segurança”.

... enfrentamos todas as tarefas de uma eleição do Grêmio, que ainda abrangia toda a antiga FFCL-USP com mais de 6.000 alunos, num período em que nem mais os grupos de trabalho clandestinos e suas coordenações funcionavam. Tarefas que iam desde redigir os documentos passando, por imprimi-los, distribuí-los, confeccionar e afixar cartazes, fazer pixações e discussões em sala de aula ( pois não conseguimos assembléia) além de ter se enfrentar com o POC e a ALA e toda sua burocracia encastelada nos centrinhos que chegavam a quase agressão física para nos impedir de paralizar as aulas ou fazer pixações. Distribuímos mais de cinco mil documentos, entre cartas programas e panfletos. Pretendíamos com isso nada mais nada menos que tomar a direção do Grêmio e reorganiza-lo.<sup>92</sup>

A participação no processo eleitoral do Grêmio desconsiderava, segundo o documento as novas condições para as atividades políticas, com repressão e o refluxo no movimento estudantil, e sem contar com uma “sólida organização de revolucionários”. As eleições, por outro lado, não se realizam, e o POC se mantém em sua direção.

O documento caracteriza, com a edição do manifesto *A ilha misteriosa...* como marco, o terceiro momento do 1º de Maio, denominado como *período de transição*. Ainda em 1969 é realizada uma reunião onde é debatido o objetivo de construir uma organização partidária, visando a construção de um POR e restabelecer vínculos com a Internacional, e a perspectiva de estender a intervenção a outros setores, como em operários e bancários. Participam dessa reunião Oscar, Raul, Guilherme, Gaspar e Diogo. Ainda nesse momento impera o desconhecimento das questões e debates das organizações que reivindicam a IV. “*É interessante lembrar que até este momento, o grupo que restava não tinha informação, senão vaga ideia, a respeito de outras organizações trotskistas no exterior.*”<sup>93</sup> Mas as condições políticas pioram ainda mais. Raul (Arkan Simaan)<sup>94</sup>, perseguido pela repressão foge para o

---

<sup>91</sup> O jornal 1º de Maio nº3 e 4 publicará o programa da chapa.

<sup>92</sup> “História do 1º de Maio”.Op. cit. p.15.

<sup>93</sup> “História do 1º de Maio”.Op. cit. p. 16.

<sup>94</sup> Arkan Simaan, ao chegar à França, depois das dificuldades da fuga, será o responsável, junto Francisco Solano, em colocar em contato os militantes trotskistas brasileiros com o Comitê Internacional da IV Internacional (posteriormente Comitê para a Reconstrução da Quarta Internacional, CORQUI), via OCI



exílio; posteriormente Henrique, Augusto e Oscar se afastam. A situação se agrava ainda mais com a prisão dos militantes da FBT, no início de 1970, desbaratando o trabalho em bancários e pondo em risco os militantes do 1º de Maio. Iniciam o ano de 1970 reduzidos a quatro militantes Guilherme, Gaspar, Diogo e Ana. Vai se adensando uma política para o setor estudantil que se manterá até o processo de unificação em 1976, com o lançamento da Frente Estudantil Socialista em junho de 1970. É retomado o contato com um operário que participou da greve de Osasco em 1968, que embora afastado da produção mantém discussão com o 1º de Maio. Dessa discussão surge o jornal 1º de Maio nº1, do setor operário (03/11/1970), com essa publicação passam a se denominar Organização Comunista 1º de Maio, nome que se manterá até a unificação. Inicia-se também o contato com o exterior via Raul (Arkan Simaan) e Aquiles Z (Francisco Solano). O processo de construção da FES continua no correr do ano de 1970, junto com a aproximação ao setor operário de Osasco, culminando com a publicação do jornal nº5 em 20/01/1971. Este jornal, expressa, segundo o documento citado, um avanço na análise sobre a “*crise de direção do proletariado, seu reflexo na situação brasileira e o processo que levará a sua superação*”<sup>95</sup>.

De outra parte, nossa intervenção mostrava já que arregaçávamos as mangas e partíamos para a construção da vanguarda revolucionária, dos organismos intermediários e de um embrião partidário, sem esperar que estes caíssem do céu ou que ‘a revolução encontrasse novos canais nas direções nacionalistas e pequeno burguesas’<sup>96</sup>.

Esse período de transição encerra-se com o início da denominada *experiência recente* (início de 1971 até os dias atuais [1973]), onde a idéia da construção de uma organização partidária é concebida e busca-se sua concretização.

No entanto ao nosso ver podemos propor uma periodização alternativa à esboçada no documento “História do 1º de Maio”. Neste documento há uma ênfase em marcar o distanciamento em relação ao posadismo, nos parece até um exagero vincular diretamente o ME1º de Maio a esta corrente política. Provavelmente essa característica em deixar claro o afastamento em relação ao posadismo seja uma preocupação do autor do documento em responder as críticas de Filinto (Francisco Solano) então enviado ao Brasil para participar do processo de unificação das organizações trotskistas ( OC1º de Maio e FBT), que em 1971

---

(*Organisation Communiste Internationaliste*) aprofundando as perspectivas de unificação das organizações trotskistas no Brasil. Assunto que será abordado na parte II desse trabalho.

<sup>95</sup> *História do 1º de Maio até os dias atuais*. Op. cit. p. 18.

<sup>96</sup> Idem, ibidem.

constituíram o Comitê de Unificação<sup>97</sup>.

### **3.2 - A busca por uma Organização Política**

Outros documentos nos sugerem outra perspectiva para a história da OC1º de Maio. Podemos dizer que existem dois períodos, um de surgimento do ME1º de Maio (1968-1969) e outro quando a perspectiva da construção de uma organização política, como embrião de um partido político, traduz-se no projeto político dos militantes do ME1º de Maio, concluindo com a formação da OC1º de Maio (1970-1973).

No primeiro momento, como mostra o documento “História do 1º de Maio”, o 1º de Maio era uma organização aberta, não centralizada, uma resposta artesanal aos anseios políticos de um conjunto de militantes. Mesmo não sendo centralizado, existia um núcleo que cumpria um papel de direção, este núcleo era, fundamentalmente, os ex-posadistas Henrique (Fábio Munhoz), Oscar (Mtnos Abdalla Calil) e Augusto (Júlio Cassola). Esse núcleo ex-posadista, mais experiente, é quem vai imprimir essas características ao 1º de Maio nesse momento.

A construção do partido sempre foi uma proposta, ainda que mais ou menos genérica, e que transparece desde o primeiro documento. É por isto mesmo que nos parece forçar bastante falar em concepção espontaneísta, seja no caso do posadismo, seja no caso dos ex-militantes do ME1º de Maio. Havia, sem dúvida, um espontaneísmo, antes fruto de confusão, de não saber exatamente o que fazer, do que de um conceito, consciente, deliberada. Havia uma confusão espontaneísta que era mais o resultado de uma contraposição mecânica ao rigor monolítico do posadismo e falta de capacidade e disposição para organizar, do que de uma análise que os levassem a isto.”<sup>98</sup>

Em outra carta datada de 30/05/1970 Lino (Luiz Araújo) faz um balanço político do 1º de Maio, onde busca delinear as razões da saída de vários militantes e os responsáveis pela situação do então ME1º de Maio. Vejamos

[Em 1969] ‘era consenso’ que a gente tinha um programa. Entretanto, a gente estava de olhos fechados diante do fato de que sempre fomos, até hoje, o caos! Porque, verificada a impossibilidade dos planos de 68, passamos a nos considerar uma org. [anização]partidária, mas sem objetivos claramente definidos, sem traçar nossos passos, sem formas organizatórias disciplinadas, sem planejamento, enfim, sem um programa advindo de uma realidade concreta. Sem dúvida, sobretudo no início de 69 ( agitação em C. Sociais, cassação de profes[sores]... briga com policiais ) constituíamos no pessoal mais aguerrido, mais do que isso, numa equipe de agitadores ‘proletarizantes’. Sempre pairava sobre nós o

---

<sup>97</sup> Na parte II cap. 2 vamos aprofundar essa discussão.

<sup>98</sup> “Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio elaborado por Gaspar”. 07/03/73 Assinado por Guilherme [Luiz Araújo]. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.p.06. A respeito da perspectiva da já existência da perspectiva da construção Simaan também a menciona em “Carta: Raul para Lino”, 05/07/1970. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

consenso de que tínhamos um programa.<sup>99</sup>

Em 1969 os militantes ex-posadistas se afastam do 1º de Maio, Henrique<sup>100</sup> é preso, Oscar e Augusto se afastam. Mesmo com dificuldades, decorrente do fechamento político, Arkan Simaan e Luiz Araújo mantêm o funcionamento do 1º de Maio, sob um outro formato, não com reuniões abertas, mas com a formação de células que agrupavam militantes

Quando Henrique, Augusto e Oscar abandonam o trabalho em fins de 68, de outubro até dezembro, dois militantes resolvem continuar o trabalho organizado, ou seja, resolvem continuar a construção do ME 1º de Maio.

Raul e Guilherme, não só redigem um panfleto ( Crise na Europa), rodam-no, distribuem-no, como intervêm em assembléias, organizam reuniões do 1º Maio.

Fazem uma análise da nova situação (em outubro/68) e chegam à conclusão de que não era mais possível manter o regime assembleísta, como forma organizatória do 1º de Maio. Isto, porque a Fac. Filosofia já estava fechada, após o ataque do CCC. A policia torna-se cada vez mais agressiva. Bastaria perguntar o seguinte: onde realizar as assembléias do ME 1º de Maio?

É a partir disto que se chega à conclusão de que era necessário organizar células, pequenas, funcionais, coordenadas, começando-se por discutir o b-a-bá do marxismo, célula que formassem os militantes. Tudo foi planejado.<sup>101</sup>

Essa experiência que esboçava um formato de organização partidária será questionada na reunião/ampliado que o documento “História do 1º de Maio” menciona. Nesta, em fins de 1969, quando Oscar e Augusto retornam à militância, duas tendências sobre os rumos do ME 1º de Maio se expressam, uma pela construção de uma organização (embrião do partido) e outra pela manutenção do ME 1º de Maio tal como estava, com intervenção prioritária no movimento estudantil. A segunda tendência sai dominante, “*Oscar e Augusto saem vitoriosos da reunião. Pois eles, Oscar principalmente, é que vai continuar dirigindo, embora não por muito tempo.*”<sup>102</sup> São justamente os ex-militantes posadistas que se unem e defendem o não desenvolvimento do 1º de Maio.

Em 1970 o primeiro núcleo dirigente se afasta definitivamente do 1º de Maio. Henrique ( Fábio Munhoz) vai para o Chile, Oscar (Mtnos Abdalla Calil) e Augusto (Júlio Calasso) abandonam a política. Em fins de 1969 Raul já tinha iniciado sua fuga do Brasil.

---

<sup>99</sup> “Carta de Lino [Luiz Araújo] para Raul [Arkan Simaan]”. São Paulo(Brasil)–Paris(França). 30/05/1970. In: Acervo pessoal de Arkan Simaan. Esta carta relata além da queda da FBT a reunião entre Lino, Diogo e Alfredo.

<sup>100</sup> Henrique (Fábio Munhoz) é solto no início de 1970, abandona a política no Brasil e parte para o exílio no Chile. Ainda será considerado militante do 1º de Maio sendo contatado algumas vezes via cartas para ir a Paris participar da continuidade do processo político trotskista iniciado no Brasil. Voltaremos a isso na parte II do presente trabalho.

<sup>101</sup> “Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio elaborado por Gaspar”. 07/03/73 Assinado por Guilherme [Luiz Araújo]. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.p.07

<sup>102</sup> “Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio elaborado por Gaspar”. 07/03/73 Assinado por Guilherme [Luiz Araújo]. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.p.09

Ainda em 1970 Luiz Araújo junto a mais alguns militantes vai dar continuidade ao 1º de Maio. A queda da Fração Bolchevique Trotskista em abril de 1970 parece ser o marco definitivo para um novo momento no 1º de Maio

Tudo isso [conseqüências da queda da FBT] trouxe-nos o caos após minha última carta a você. Mas, ao mesmo tempo, tudo remediado, parece ter servido como um divisor de águas, além de todos aqueles últimos acontecimentos (apartamentos). Tomamos consciência da situação e de nossas responsabilidades. Fizemos uma discussão ordenada e produtiva, Alf[redo] Diogo e eu, onde muita coisa começou a se esclarecer, definir.<sup>103</sup>

Esse primeiro momento do 1º de Maio (1968-1969) é marcado pela presença de uma certa liderança dos ex-militantes posadistas e se encerra com a saída destes. O segundo momento (a partir de 1970) é marcado pelo acirramento da repressão, ao mesmo tempo em que a mudança na forma de organização e a necessidade de elaboração programática dessa organização tornam-se a marca desse segundo momento.

#### Argumenta Luiz Araújo

Temos de tirar o programa, mas temos de construí-lo de construí-lo através de profundos estudos, preparação de discussões, discussões, ( como aliás, estamos já fazendo há dois anos, sendo que nossos documentos são tentativa, experiência, pontos do programa) e através de uma prática revolucionária – mas claramente deduzida, em função de objetivos definidos e sem ativismo caótico.

Entendemos a atitude dos que abandonaram a luta não como mau caráter deles! Mas como resultado de um processo caótico do grupo, que deu-lhes a impressão de impotência diante dos problemas, levando-os à confusão – processo que ameaça a todos! Sentimos a necessidade de pôr um fim ao caos e isso nos anima, pois sentimos ver claro. Por que nós, e como nos propomos a pôr fim no caos?

Achamos que a atitude dos 2 principalmente (sobretudo L.[aerte]<sup>104</sup> e O.[scar] que foram os 2 centralizadores nas duas fases L-68-69 e 69-O ) foi irresponsável e injustificável, não apenas porque saíram. Mas porque nunca levaram nosso próprio programa, de que eram os principais detentores, às últimas conseqüências. Usavam sua autoridade para manter o 1º [de Maio] centralizado, mas , por outro lado não equacionavam os problemas e não permitiam irmos todos e a todas as tarefas. Em suma, restava sempre neles um impasse, o de quem ainda não rompeu ou ainda não se predispôs a romper os vínculos com a sociedade, o que os impedia de ver claramente. – ‘É esse o problema! Seja qual for ! O que devemos fazer, desde o início, para resolve-lo decididamente?’ Não se colocavam nessa posição o que deveria ter sido a deles, sobretudo, como centralizadores. (...) Foi essa situação, o de serem os principais responsáveis, por serem os mentores, e não assumirem essa responsabilidade, até o fim, que lhes fundiu a cuca! Seu abandono não lhes estalou na cabeça de um momento para o outro. O caos que não conseguíamos ordenar levou-lhes à confusão e à própria falta de confiança na revolução.

Essa situação que podemos chamar período-69 trazia tremendas limitações ao desenvolvimento do 1º [de Maio]. Se não temos o nível político dos anteriores estamos predispostos a tudo fazer para tê-lo e supera-lo e nos propomos a assumir as responsabilidades até as últimas conseqüências. Sinto que hoje, numa nova arrancada, conseguimos superar um impasse ( ou ele nos levaria à destruição) : o de não sermos homogêneos. Para mim, havia duas tendências principais e uma foi desbaratada. Sabemos que é preciso que, hoje, nossa homogeneidade – sem qualquer concessão – se

---

<sup>103</sup> “Carta de Lino (Luiz Araújo) para Raul (Arkan Simaan)”. São Paulo(Brasil)–Paris(França). 30/05/1970. In: Acervo pessoal de Arkan Simaan.

<sup>104</sup> Outro codinome de Fábio Munhoz.

dê no nível mais alto para que inclusive saibamos quais são nossas responsabilidades totais.<sup>105</sup>

Em 1970 é desenvolvido um trabalho no movimento estudantil através da Frente Estudantil Socialista, que procurava aglutinar ativistas ao redor de uma plataforma política e também é retomada as iniciativas rumo ao Movimento Bancário. Em janeiro de 1971 é lançado o jornal nº5<sup>106</sup>. Neste jornal está o documento *Algumas Considerações sobre a Formação da Direção Revolucionária do Proletariado* onde estão presentes os elementos que buscam dar coesão ao conjunto de militantes que se constituem no núcleo dirigente da organização, num esforço de síntese que busca apreender as experiências recentes de intervenção no processo histórico brasileiro, procurando elaborar uma visão comum desse processo. Neste longo documento é feito um balanço sobre as jornadas de 1968, uma crítica à luta armada e as tendências que o surgimento das oposições sindicais abriam. Será nesse ano também que será constituído o Comitê de Unificação (C.U.) entre a OC1ºde Maio e a FBT, em julho. O C.U. contará com a participação de Francisco Solano, que desde 1969 militava na OCI e junto com outros brasileiros na França impulsionam a unificação do trotskismo no Brasil. A constituição do C.U. e a vinda de Solano marcarão as duas organizações, tema da segunda parte desse trabalho.

Como vimos as origens da OC1ºde Maio passa pelo grupo que editava Chispa, ainda fortemente influenciado pelo posadismo, pela constituição do ME1ºde Maio e culmina na formação da organização com perfil partidário, almejando ser um “embrião” de um futuro Partido Operário Revolucionário. Esse processo, vale frisar, não se deu, como pode parecer, de forma linear. Foi permeado de múltiplas determinações, de avanços e recuos, da apropriação das experiências vivenciadas pelos militantes. Vale destacar também que estes em sua maioria se constituía por jovens que assumiam o compromisso com a política. Aos poucos vão se formando os elementos de coesão que conformarão a OC1ºde Maio, que procuraremos discutir.

O nome Movimento Estudantil 1ºde Maio não é casual, tratava-se de uma frente que se reunia, por exemplo, antes das assembléias estudantis para definir uma intervenção, almejando trabalhar em equipe. Nesse momento, no ano de 1968, a inserção do ME1ºde Maio resumia-se à Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia. Possuía, como vimos acima, um núcleo organizado, com contornos de direção política, mas pairava uma indefinição política, a ausência de um programa, de planejamentos... o que, mesmo abrindo contatos com o

---

<sup>105</sup> “Carta de Lino (Luiz Araújo) para Raul (Arkan Simaan)”. São Paulo(Brasil)–Paris(França). 30/05/1970. In: Acervo pessoal de Arkan Simaan.

<sup>106</sup> *1ºde Maio*, Órgão Central da Organização Comunista 1ºde Maio, São Paulo, 20/01/1971, nº5. In: AEL/J/662.

movimento operário, com bancários e com artistas do teatro, redundaram em poucos desdobramentos para a “organização”.

Caracteriza esse momento, um deslocamento de um espontaneísmo no seu aspecto organizativo, atribuído a perspectiva de se afastar da prática militante vinculada ao posadismo, para a busca de uma organização partidária, estruturada nos moldes bolchevique, sob o centralismo democrático. Esse deslocamento, por sua vez, trazia um refinamento nas análises políticas, na perspectiva teórica a medida em que se definia pela busca de uma intervenção no movimento de massas, em outras palavras, em uma alternativa à resistência armada, hegemônica entre as organizações de esquerda de então. O ponto de chegada, do processo que estamos apontando, concluí-se com a formação da OC1º de Maio, junto com a política da Frente Estudantil Socialista e o objetivo de ir além da intervenção no movimento estudantil, rumo ao movimento operário, em Osasco e no ABC, que se traduziu no lançamento do jornal *O Batente*, expressão da política por uma *Tendência Sindical Classista*, em 1972.

#### **4. Uma tentativa Chamada Fração Bolchevique Trotskista, 1968.**

As questões que vão dar origem a FBT a partir de militantes universitários do POR-T do Rio Grande do Sul, são, em linhas gerais, as mesmas que levantaram os militantes de São Paulo em 1966, no documento *Criticar, Planejar, Construir Coletivamente o Partido*. Os gaúchos, porém, deram um desdobramento organizativo para essas diferenças políticas e buscaram um combate interno no partido e na internacional. Tal como os paulistas, os gaúchos criticavam o isolamento do partido, mais preocupado em preservar sua existência do que se inserir no movimento de massas; o funcionamento interno do partido; e destacavam também a nova situação política aberta com o golpe militar. Serão essas questões que vão estruturar, inicialmente, o projeto político da FBT. Vejamos.

##### **4.1 A crise do POR-T gaúcho e as origens da FBT**

O POR-T no Rio Grande do Sul surge em 1962 com o contato entre Luiz Paulo Pilla Vares, através da descoberta de Frente Operária nas bancas, com o partido em São Paulo (LEAL, 2004: 214-215). O partido vai se estruturar inicialmente em torno de jovens militantes que participavam da Juventude Comunista do PCB, como o próprio Luiz Paulo,

Vito Letizia e Deivis Hutz. Tinham portanto uma inserção no movimento estudantil do estado, contribuindo, junto com a AP e a POLOP, para uma “*hegemonia da esquerda anti-stalinista no movimento estudantil*” (LEAL, 2004, 216) do Rio Grande do Sul. Mas logo em seguida também conseguiram estabelecer contato com o movimento operário, inclusive incorporando alguns como militantes. Chegou, no período de 1962-1968, a contar com 15 a 30 militantes (Conf. LEAL, *idem*, *ibidem*).

O partido gaúcho surge em um contexto político nacional em que o estado do Rio Grande do Sul tinha protagonizado uma importante luta política. Trata-se da luta pela posse de João Goulart, quando da renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de golpe militar, no episódio mais conhecido como “crise da legalidade” em 1961. Nesse processo ganhou relevo a atuação de Leonel Brizola, então governador, que liderou o levante popular do estado. Brizola e o Rio Grande do Sul ganham uma importância especial para o POR-T, pois eram evidências da elaboração política defendida pelo partido e por Posadas no período<sup>107</sup>.

A experiência junto ao movimento operário vai precipitar as diferenças políticas que levarão a ruptura no sul. Em entrevista concedida a Murilo Leal, Vito Letizia, o principal militante que articulou a FBT<sup>108</sup>, fala sobre sua expulsão do POR-T.<sup>109</sup>

Eu fui expulso em função do tipo de trabalho que nós estávamos levando no movimento sindical. (...) nós estávamos organizando comitês operários que pretendiam ser comitês classistas no interior do movimento sindical e a partir de um certo momento houve uma decisão de interromper esse tipo de organização. Veio um informe de S.[ão] Paulo dizendo que não era aquela a forma adequada de organizar os trabalhadores. E nós protestamos. Não queríamos mudar o rumo do trabalho que estávamos tendo àquela altura já fazia quase um ano. E eles nos ordenaram taxativamente que se não seguissemos a orientação determinada nós deveríamos nos retirar da organização. Nós dissemos não nos retirávamos, que eles nos expulsassem se quisessem e eles nos expulsaram.

Segundo Vito Letizia o argumento da direção para a expulsão foi que tal experiência era um “movimento paralelo ao Partido”, no entanto, para ele tratava-se do “único laço concreto, organizativo que nós conseguimos estabelecer com relativa força, que realmente tinha um

---

<sup>107</sup> Posadas nos anos 1960 acompanhava entusiasticamente os movimentos nacionalistas da América Latina, para o dirigente argentino os processos de transformações históricas nacionalistas então em curso, apontavam para a inevitabilidade de sua conversão em revolução socialista, colocando para os trotskistas a tarefa de se aproximar dessas direções políticas e participar ativamente desses movimentos. Voltaremos a esta questão em seguida. Entre as várias elaborações de Posadas sobre essa questão sugerimos o texto “De la Revolución Nacionalista al Estado Obrero” [1966]. In: Posadas, J. *América Latina, Del Nacionalismo Revolucionario al Socialismo*. São Paulo, Editora Ciência Cultura e Política, 2008.

<sup>108</sup> Depoimento de Deivis Hutz a Tiago de Oliveira, entrevista realizada em Suzano-SP, 04/05/2013.

<sup>109</sup> A transcrição, bem como o áudio, da entrevista mencionada encontra-se no Fundo POR, no Arquivo CEDEM/CEMAP, fundo constituído a partir da doação de Murilo Leal.

significado de laço vivo, com o movimento sindical naquele momento”. Como veremos a seguir, Letizia faz referência a constituição, pelo POR-T gaúcho, em fins de 1965, do Comitê de Mobilização Metalúrgica (CMM).

O documento “*Balanço da Atuação do POR-T no Comitê de Mobilização Metalúrgica de Porto Alegre (R.G.S.)*”, de abril de 1968, redigido provavelmente por Letizia, traz mais detalhes sobre as divergências políticas que levarão a expulsão e a posterior formação da FBT<sup>110</sup>. Neste, as razões que precipitam a ruptura entre os trotskistas gaúchos, aparecem ligadas às divergências quanto a aplicação, no estado, da política elaborada pelo POR-T. Essas divergências tomam corpo principalmente a respeito da relação do partido com o movimento sindical naquela região, como já foi apontado em linhas gerais na entrevista citada de Vito Letizia.

A partir de 1964 o POR-T gaúcho consegue desenvolver suas intervenções aproximando-se do movimento sindical de Porto Alegre com relativo êxito nos sindicatos de Minas de Butiá e entre os trabalhadores da Associação dos Ferroviários. Nas Minas de Butiá, resultado da intervenção junto aos trabalhadores conquistam a direção do sindicato. Neste período consolidam duas células operárias nestes respectivos locais. Esse processo, no entanto, é interrompido com a crise econômica nas minas, com a demissão de mais de mil operários e a privatização da ferrovia.

Em fins de 1965 os trotskistas priorizam sua intervenção no sindicato dos metalúrgicos de Porto Alegre. Junto com a AP e a JOC conformam a chapa de oposição aos “pelegos”, com o programa que incluía comitês de fábrica, escala móvel de salários, escala móvel de horas de trabalho, liberdade sindical, abolição da lei de greve, luta pela Central Única de Trabalhadores. Dentre os 3000 votantes, a oposição conquista 900 votos, resultado muito valorizado pelos trotskistas.

Após a eleição os militantes do POR-T dão continuidade à intervenção junto aos metalúrgicos impulsionando a formação do Comitê de Mobilização Metalúrgica (CMM), mantendo a luta pelo programa da oposição, reunindo operários, panfletando nas fábricas, e publicando a Folha Metalúrgica, periódico do Comitê. No CMM participavam também militantes da AP, porém estes, segundo o documento, não tinham acordo total com a iniciativa já que apontavam a necessidade de consolidar bases da oposição em cada fábrica. Por outro lado, para o POR-T a organização do CMM consistia na necessidade dos trabalhadores em possuir uma forma organizativa independente, tratava-se de organizar no

---

<sup>110</sup> Balanço da Atuação do POR-T no Comitê de Mobilização Metalúrgica de Porto Alegre (R.G.S), 8 páginas, Acervo Pessoal de Arkan Simaan.



sindicato a formação de uma tendência de classe.

Em 1966 a principal base do comitê foi as fábricas Micheleto, Geral e Taurus. Através do CMM o POR-T foi se notabilizando no movimento sindical, estabelecendo contatos com operários de outros municípios, realizando ainda nesse ano a I Escola de Quadros no Rio Grande do Sul, da qual participou quatro operários, que ingressaram no partido, mas que se afastaram posteriormente. É em torno ao desenvolvimento dessa experiência que os problemas começam a surgir.

As críticas sobre a política do partido no CMM se acirram no início de 1968. Parte dos militantes do Comitê Regional (CR) entram em desacordo com a política aplicada no CMM pelo militante responsável pelo setor, chamado pelo codinome Orlandão. A intervenção de Orlando era diversa, para não dizer oposta, as elaborações do CR em fins de 1965.

A forma de atuação decidida em 65 foi sendo gradativamente deixada de lado. Logo passou o P.[artido] a funcionar no CMM como se seu objetivo central ali fosse fazer com que a vanguarda metalúrgica aceitasse a colocação de todas as palavras-de-ordem do P.[artido] nos manifestos do CMM.

Nunca houve a menor compreensão da política de frente única por parte de Orlandão. Discutia-se em meados de 66, refutando afirmações de Orlandão no CR, que o P.[artido] no CMM devia procurar os elementos de vanguarda que discordavam do P.[artido] mas que estivessem dispostos a levar a luta por alguns pontos. (...)

Em todo caso, o fato objetivo é que, a partir de um certo momento, o P.[artido] no m.[ovimento de] m.[assas] passou a atuar mais ou menos ao inverso do que poderia ser deduzido das discussões realizadas no CR desde fins de [19]65. (grifos no original)<sup>111</sup>

O documento destaca como exemplo dessa atitude a imposição da palavra de ordem do Partido Operário Baseado nos Sindicatos (POBS), agitada pelo POR-T a partir da segunda metade de 1966, na publicação do CMM, Folha Metalúrgica, do mesmo ano. Daí em diante o partido substituiu o CMM e suas intervenções eram as intervenções do partido, o que desarticulou o comitê com a saída dos operários e a não atração de novos membros, o que ocasionou também a saída dos operários das fileiras do partido. O saldo dessa política foi que a intervenção do POR-T se enfraqueceu, culminando com a não participação nas eleições sindicais de 1967, o partido ficou fora da formação da chapa da oposição, liderada exclusivamente pela AP.

Tratava-se então, segundo a avaliação presente no documento, de aplicação no estado, da política elaborada pela organização

---

<sup>111</sup> Balanço de Atuação do P.O.R. (T) no Comitê de Mobilização Metalúrgica de Porto Alegre (R.G.S.) Abril de 1968, s/a. In: Acervo Particular de Arkan Simaan.

O que houve foi uma aplicação errada contínua da política do P.[artido] durante a maior parte do ano de [19]66, que ainda persiste. Uma aplicação errada constante. Simplesmente não houve um esforço coordenado e permanente no sentido de organizar uma tendência de classe. Tudo o que foi feito pode ser considerado como estando de boa fé voltado a aumentar a influência direta do P.[artido] mas não a construir uma tendência de classe. É sem dúvida necessário ampliar a influência do P.[artido]. Estou completamente a favor. Mas e a tendência de classe? Acaso temos prazo histórico para trazer as massas diretamente para o P.[artido]? Não foi isso que aprendi nos documentos da Internacional. Considero perfeitamente correto o sentido da proposição do POBS como saída organizativa para as massas exploradas em países como o Brasil. Ponho em discussão no P[artido] se esta errada ou certo afirmar que a construção do POBS passa inevitavelmente pela organização de tendências de classe, e que essas tendências vão se manifestar principalmente nos sindicatos.<sup>112</sup>

A responsabilidade aos erros da organização, junto ao movimento de massas, é creditado ao CR, por não ter assumido o controle político da intervenção, mas também ao Bureau Político da organização que não corrigiu os problemas no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Era preciso discutir centralizadamente no Brasil o problema da construção das tendências de classe nos sindicatos. Isso nunca foi feito. A partir de uma certa época de [19]66, os editoriais e artigos do “FO” [Frente Operária] dirigidos ao m.[ovimento] o.[perário] centraram em “agitar o POBS”, consistindo os artigos quase apenas em reunião de dados que aprovassem a necessidade da organização do POBS. Não armavam com a compreensão necessária para tomar as medidas objetivas que levassem ao estabelecimento de tendências de classe sindicais que construíssem a base inicial para o POBS no Brasil.

As diferenças políticas se estendem então a direção política da organização.

Junto a esta avaliação a respeito do balanço político a respeito da intervenção no CMM, outro problema político que ganha relevo diz respeito ao debate interno. Em 1968 a iniciativa de rediscutir a atuação no CMM foi inviabilizada pelo CR. Para este não havia necessidade de fazer uma nova discussão e o autor do documento, provavelmente Vito Letizia, é excluído do CR. O documento conclui com a proposta de que a discussão sobre a política do partido para os sindicatos seja aberta, com o balanço da experiência anterior, notadamente sobre o CMM, de forma ampla em todas as células, com a discussão do

---

<sup>112</sup> Balanço de Atuação do P.O.R. (T) no Comitê de Mobilização Metalúrgica de Porto Alegre (R.G.S.) Abril de 1968, s/a. In: Acervo Particular de Arkan Simaan.

documento e com a produção de outros; junto com a discussão é proposto a retomada do CMM imediatamente. O documento encerra com uma formulação que reaparecerá em breve na resolução da 1ª Conferência da FBT, ainda em 1968, “O P.[artido] deve estar preparado para ser a espinha dorsal das tendências de classe nos sindicatos.”

O documento parece apontar para uma ruptura iminente. A insistência dos militantes universitários do partido em continuar a desenvolver uma política de construção do CMM leva o CR a dissolver todas as células universitárias, expulsando esse setor do partido. Estes militantes não aceitam a expulsão e procuram se organizar visando o combate político interno e na internacional.

Passam a se auto-denominar Fração Universitária do POR-T. Em seu primeiro documento, de abril de 1968, a crítica ao funcionamento interno do partido esta articulada com a avaliação de uma nova situação política nacional e internacional. A necessária alteração dos rumos do partido proposta pela Fração Universitária, então, está vinculada a esse novo momento da luta de classes. Vejamos.

Para os totskistas gaúchos naquele período ocorreram o declínio da influência dos PC's e das direções políticas de matriz nacionalista. Eram justamente essas direções que obstaculizavam o desenvolvimento da IV Internacional, pois durante todo um período a política da IV foi sempre vinculada a essas direções, com dificuldades para se colocar como direção para o movimento de massas, a internacional trotskista buscava estreitar seus laços políticos com as direções reconhecidas pelo movimento, os PC's e o nacionalismo. Com a crise dessas direções no mundo, abria-se uma oportunidade para a internacional.

Existem setores no movimento de massas nos quais podemos nos apoiar mas não é possível que eles se desenvolvam independentemente de uma ligação muito mais direta com a Internacional, do que antes. Esta é a mudança que existe. A Internacional se encontra, a partir dessa mudança de situação, diante de uma tarefa superior à anterior. Encontramos que num certo momento o papel quase exclusivo da Internacional era lutar pelo programa. Colocar o programa e manter viva a luta no movimento de massas mundial.

Hoje em dia, isso não basta mais. Já não existem mais pontos de apoio que vão realizar, que vão aplicar este programa, se não estiverem ligados de forma direta à Internacional. Temos que partir destas conclusões, destas constatações para compreender que neste momento temos que nos reestruturar para ligar-nos ao movimento de massas de uma maneira direta e compreender que temos que nos colocar junto à cabeça, como necessidade para que qualquer direção possa responder às tarefas de agora.<sup>113</sup>

O documento, com base nesta avaliação, tira conclusões sobre a necessidade de mudanças na organização. A perspectiva de ligar-se as massas, colocaria, por exemplo, uma

---

<sup>113</sup> Documento Interno sobre a Crise do POR-T [abril de 1968], Fração Universitária – Porto Alegre (RGS) , POR-T seção brasileira da IV Internacional. In: Acervo Particular de Arkan Simaan.

mudança na prática das células de base do partido. A ruptura gaúcha vai, a partir, da experiência adquirida, desenvolver uma perspectiva que contesta, ainda sem o saber, frontalmente o posadismo, já consolidado no partido.

Por outro lado, continua o documento, estas mudanças colocavam a necessidade de uma adaptação do partido. Para a fração existia uma dificuldade da direção em incorporar a formação de novas equipes de direção à direção do partido, estas novas equipes de direção distinguiam-se da formação anterior, em um período em que formavam-se essencialmente na vida interna do partido, nas conferências, congressos e cursos da internacional. Tratava-se naquele momento do surgimento de equipes de direção que tinham uma relação direta com o movimento de massas, principalmente no setor do movimento estudantil e operário. A direção do POR então, na avaliação da fração, era incapaz de dar respostas a uma nova situação, defendia um período de formação do partido já superado e assim não aplicava a política da internacional. Estes teriam sido as razões de fundo que levaram ao rompimento.

Questionava-se o funcionamento levado a cabo pelo CR. Este desconsiderava o funcionamento celular, seu funcionamento era realizado por reuniões ampliadas, com militantes escolhidos pela direção do CR. Este funcionamento, para a fração, não tinha justificativa, era um funcionamento que passava por fora dos organismos do partido. Para não perder o controle da situação o CR lançou mão de um funcionamento irregular do partido, não abrindo a discussão nas células de base, acusa a fração. Para estancar a discussão o CR dissolve as células do setor universitário, precipitando a ruptura.

Porém, continua o documento, o acerto dessas posições, defendidas pela Fração Universitária, não eram suficientes, era preciso demonstrar o acerto das avaliações da fração para além desses aspectos internos, a formação da fração e a luta interna não eram suficientes para viabilizar a recém formada fração. Somente com respostas políticas a crise num nível superior, poderia dar viabilidade a ruptura, sem essas respostas, a fração se desintegraria. O êxito dessas respostas, abria-se a possibilidade, aos olhos da fração, de restabelecer as discussões com a direção do POR em outro patamar.

O maior desafio, reconhece a fração, era a sua relação com a Internacional e com Posadas. A fração não tinha diferenças quanto a política desenvolvida pela Internacional e por Posadas, a diferença política localizava-se principalmente nos aspectos internos do POR, que em consequência disso, não aplicava a política adequadamente. No entanto, a direção nacional possuía total apoio da Internacional e de Posadas. Existia então, prossegue, uma contradição, a Internacional não responderia as novas necessidades do movimento de massas mundialmente, esta manteria equipes dirigentes formadas na vida interna do partido e não

aquelas formadas a partir da sua inserção no movimento de massas, com a ativação e valorização das células de base do partido.

Para a fração a manifestação mais elevada dessa contradição se manifestou no 8º Congresso da Internacional/Escola de Quadros, nesta ocasião os participantes foram escolhidos entre aqueles que tinham uma relação direta com a Internacional, nas palavras da fração, aos setores mais ligados ao funcionamento interno da Internacional.

E o 8º Congresso significou um apoio irrestrito e total a esses setores da Internacional mais ligados ao funcionamento interno, à antiga equipe da Internacional. E, por outro lado, significa um golpe contra a discussão que se levava no Partido. O 8º Congresso foi convocado de uma forma que não corresponde à forma normal de convocação de um congresso. Isso não pode ser interpretado de outra forma, a não ser a de que significou firmar as direções já existentes e cortar a discussão que se desenvolvia na Internacional e que fugia ao controle dessas direções. Não é por acaso que uma das resoluções do 8º Congresso foi a resolução sobre o monolitismo: o impedimento do surgimento de tendências dentro da Internacional. (...)

O tipo de Partido que se exige neste momento, não é aquele para o qual se volta uma resolução como esta do monolitismo. (...) a construção de uma capacidade de responder em cada célula aos problemas da direção do movimento de massas, não pode ser feita simplesmente com uma equipe que se caracteriza por ter a confiança pessoal de Posadas. E no momento em que o critério passa a ser a confiança pessoal, significa que não está sendo realizado aquilo que neste momento seria a solução para a contradição entre o novo papel que temos que desenvolver e os instrumentos que dispomos em termos de direção do Partido.<sup>114</sup>

Outro objetivo da fração então é estabelecer contato com outras seções da Internacional e expor essa contradição, essa era a batalha na organização internacional, seu sentido não era romper com a Internacional.

#### ***4.2- Fundação da FBT: a 1ª Conferência (julho/agosto de 1968)***

Antes da primeira conferência, que vai criar a FBT, alguns militantes gaúchos vão a São Paulo e estabelecem contato com ex-militantes do POR-T. O objetivo inicial era aglutinar esses militantes no projeto político esboçado no sul. A unificação, no entanto não ocorre em decorrência da não aceitação pelos gaúchos da direção da futura organização, em São Paulo, pleiteada pelos militantes paulistas. No restante houve acordo. Os militantes de São Paulo foram convidados, na qualidade de observadores à primeira conferência, mas se recusaram a participar<sup>115</sup>.

A primeira conferência foi realizada nas proximidades de Porto Alegre, entre julho e

---

<sup>114</sup> Tarefas do Partido- Documento Interno: s/d , assinado por Juarez [Vito Letizia]. Sem data mas a partir das informações é possível presumir que foi redigido entre maio e junho de 1968.

<sup>115</sup> Trata-se do contato mencionado no capítulo sobre o ME 1º de Maio. Conf. Carta de Manoel [ Arkan Simaan] a Filinto [Francisco Solano], Port Of Spain-Paris, 25/02/1970. Acervo Particular de Arkan Simaan.

agosto de 1968. Participaram os militantes universitários, Vito Letizia, Vera Lucia Stringhini, Deivis Hutz, entre outros e o operário Luiz Castilhos, este foi militante do POR-T durante a experiência do CMM, tinha abandonado a militância e retorna nas articulações para a fundação da fração. De São Paulo participam Antonio Carlos Leal Campos, um dos signatários do documento de 1966, Márcia Almeida e mais uma militante. Da conferência é fundada a FBT, com uma direção nacional, composta por militantes do sul e de São Paulo, e dois Comitês Regionais (CR), Rio Grande do Sul e São Paulo, e células por setor de atuação do militantes. Entre 1968 e 1969 a FBT vai se estruturar somente no Rio Grande do Sul, através da continuidade da intervenção no movimento estudantil universitário e na retomada da experiência do CMM.<sup>116</sup>

Duas resoluções principais resultam da conferência de fundação: “Situação Nacional: As tarefas necessárias para a construção da direção revolucionária no Brasil” e “A crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente”, ambas serão publicadas respectivamente como Suplemento nº1 e 2 do jornal da FBT, Voz Proletária, em fevereiro de 1969.

A fundação da FBT, fins de julho e início de agosto de 1968, ocorre em meio às grandes mobilizações contra a ditadura e também em um período de agitação no mundo, especialmente na França, Itália e Alemanha Ocidental. No Brasil desde março, quando é assassinado pela repressão o estudante secundarista Edson Luís, no Rio de Janeiro, as mobilizações estudantis tornam-se constantes, estas articulam reivindicações específicas, como fim dos excedentes, por mais vagas nas universidades, contra o acordo MEC-USAID, com questões políticas mais gerais de questionamento à ditadura. As passeatas estudantis em vários momentos ganham adesão popular, como na passeata dos 100 mil, em 26 de junho, no Rio de Janeiro. Em 1968 o movimento operário também aparece de maneira contundente, com destaque para as greves de Osasco, em julho, e de BH-Contagem, em abril e novembro. Esses movimentos grevistas contaram com a participação de organizações de esquerda, com organizações de base, como as comissões de fábricas e contaram, como a de Osasco com ocupações de fábrica.

Esse processo intenso de lutas sociais vai ser encerrado ainda no ano de 1968 com o acirramento da repressão – em Osasco o exército derrota a greve e em outubro o Congresso da UNE em Ibiúna é desbaratado e os estudantes são presos – culminando com o maior fechamento do regime militar, com o AI-5, em dezembro, o que foi considerado,

---

<sup>116</sup> Conf. IPM, Prontuário nº36121, Fração Bolchevique Totskista. Arquivo Público do Estado de São Paulo, fundo DEOPS.

posteriormente, como o golpe dentro do golpe.

É no diálogo com esse processo que o projeto político, esboçado no Rio Grande do Sul, vai ganhar mais densidade. Em sua conferência de fundação os pontos programáticos são aprofundados. É mantido a perspectiva de luta interna no POR-T e na Internacional e a caracterização do surgimento de uma nova etapa de luta de classes no Brasil é aprofundada, articulada com a crise de direção revolucionária.

#### **4.3 - O golpe de 1964 e a nova etapa da luta de classes**

Para a FBT o avanço das massas mundialmente inviabilizou o projeto de desenvolvimento capitalista independente dos países “sub-desenvolvidos”, a luta de classes fez com que a burguesia se unificasse contra as massas, levando a burguesia local a atrelar-se ao imperialismo.

O determinante da atitude da burguesia nos países subdesenvolvidos, esta determinado pela intervenção gradativa das massas dentro desta contradição entre as classes dominantes locais e a burguesia mais ligada ao sistema capitalista central, nos países desenvolvidos. Foi a intervenção das massas que fez com que a burguesia, a partir de certo momento, se recusasse a continuar a luta por um desenvolvimento parcial independente.<sup>117</sup>

Foi essa dinâmica que colocou fim às direções, de setores da burguesia ou da pequena burguesia, vinculadas ao nacionalismo. O golpe de 1964, na análise dos trotskistas, estava inserido dentro desse marco. Foi um golpe contra as massas em luta e contra um setor burguês nacionalista ligado às massas. Este acontecimento marcava a impossibilidade do desenvolvimento do processo revolucionário baseado em um setor burguês.

Mas, o fato de ter havido o golpe significa a liquidação de qualquer perspectiva de um setor burguês qualquer se colocar em contradição com o imperialismo. Está descartada a possibilidade, daqui por diante, de desenvolver uma luta de classes, apoiado em qualquer setor da burguesia. Um setor da burguesia teve que ser liquidado, devido a impossibilidade de desenvolvimento na nova etapa. Nova etapa que significa um avanço da Revolução Mundial.<sup>118</sup>

O fracasso da articulação Frente Ampla, entre Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitscheck, corroboravam, para a FBT, essa avaliação.

Para os trotskistas então, tratava-se de um golpe com características *bonapartistas* num primeiro momento, ou seja, não representavam um setor específico da burguesia, seu

---

<sup>117</sup> *Situação Nacional: As tarefas necessárias para a construção da direção revolucionária no Brasil.* (Publicado como Voz Proletária, Suplemento nº1, em fevereiro de 1969). In: CEDEM/CEMAP, Fundo: Fábio Munhoz.

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*.

objetivo principal era golpear as massas e defender o regime capitalista. Posteriormente, a camarilha militar, concomitantemente às definições da luta intra-burguesa, vai se definir como representante dos interesses capitalistas ligados ao imperialismo. Essa definição política implicava na impossibilidade da formação de uma tendência burguesa independente do imperialismo.

No movimento de massas isso acarretava uma ausência de direção política. O que caracterizou a etapa anterior, foi justamente o desenvolvimento do movimento de massas liderados por direções nacionalista, o golpe encerrou essa etapa. Para a FBT tratava-se naquele momento de desenvolver uma luta pela independência política do proletariado.

O PCB, para os trotskistas, sofriam o impacto da Revolução Mundial e cada vez mais deixavam de ser a direção política que foram no período anterior. Os PC's no mundo estavam em crise, resultado das mobilizações recentes e do conflito entre as burocracias chinesa e soviética. Mas o principal fator que ocasionou a crise de representação do PCB, segundo a FBT, foi a influência da revolução cubana no continente. Depois da OLAS uma grande parcela dos revolucionários foi ganha para a luta armada, referenciando-se em um Estado Operário, o que levou ao questionamento do PCB como direção política.

#### ***4.4- Partido e Sindicato: a luta pela expressão política independente do proletariado***

O principal objetivo para os trotskistas da fração era superar a crise de direção pela qual passava “o avanço das massas”, era necessário, avaliavam, constituir uma direção política que centralizasse as lutas com o programa trotskista, para que as lutas tivessem continuidade e pudessem se lançar na luta pelo poder contra a burguesia. Nesse sentido para a fração tratava-se de um “retorno a linha política da Seção Brasileira [da IV Internacional de Posadas].

A FBT destacava como principal prioridade a intervenção política nos sindicatos para a concretização do Partido Operário Baseado nos Sindicatos, como alternativa para a superação da crise de direção política do proletariado. Impulsionando a construção de organismos transitórios, tais como, organizações e oposição sindical e os comitês de fábricas, organismos enfim que aglutinassem a vanguarda que surgiam nas lutas sociais, tornando esses organismos em ponto de apoio para a intervenção das massas.

A intervenção das massas ainda teria nos sindicatos o seu principal instrumento de luta, no entanto dada a situação política de acirramento, as lutas econômicas-corporativas transcenderiam para as questões políticas, centralizando suas lutas e desenvolvendo-se no sentido de sua expressão política independente, a formação do Partido Operário Baseado nos



Sindicatos, palavra de ordem que vinha sendo agitada por Posadas.

O proletariado nunca abandona um instrumento de luta enquanto não esgotou todas as suas possibilidades. E ele ainda vai empurrar muitas coisas através do sindicato. Não no sindicato mantendo a luta sindical. Vai empurrar no sindicato passando por cima, além da luta sindical; levando um nível de luta que significa uma organização independente do proletariado que já não é mais sindical; Organização sindical ainda é ligada ao regime. Agora, o que o proletariado vai fazer aqui é usar o sindicato para fazer uma organização independente; derrubar os pelegos e usar o sindicato como instrumento de luta pelo poder. Luta no sindicato mas não uma luta sindical. Então se justifica esta palavra híbrida, Partido Operário Baseado nos Sindicatos.<sup>119</sup>

Porém, era preciso organizar o POBS e não apenas agitar essa palavra de ordem, como fez o POR-T no período anterior. Essa organização se daria a partir das lutas reivindicatórias que se traduziriam em questões políticas e unificar os trabalhadores, esse processo colocava a possibilidade de construção do POBS para a expressão política independente do proletariado.

O movimento estudantil, assim como outros movimentos caracterizados como da pequena burguesia, era visto com determinado pela capacidade de luta e de organização do proletariado. Para a FBT o movimento estudantil acompanhava o desenvolvimento das lutas do proletariado, assim, por exemplo, no período anterior a direção do movimento estudantil também era nacionalista, tendo a AP como a principal representante do nacionalismo no movimento estudantil. Esta direção perdurou até 1967 e naquele momento, tal como no proletariado, vivia uma crise de direção. Assim resolvendo a problema da direção política do proletariado, conseqüentemente resolveria também essa questão no movimento estudantil. No movimento estudantil então era preciso ligar esse setor às lutas do proletariado, desenvolvendo a “Tendência pela Aliança Operário-Estudantil”.

#### **4.5- FBT e a IV Internacional**

Na resolução sobre a Internacional é delineado as perspectivas da FBT quanto ao movimento pela IV Internacional. O objetivo segundo a apresentação, quando da publicação como suplemento, era iniciar uma batalha política pelo fim do “monolitismo” e combater o desvio sectário do POR-T, propondo para tanto “um congresso da Seção Brasileira da Internacional posadista, com a participação da Fração Bolchevique-Trotskista.”(Voz Proletária, sup.nº2:1969:12) Mesmo relativizando esse objetivo em 1969, eles mantem como interlocutores os posadistas e apontam a perspectiva da necessidade de unificação com as

---

<sup>119</sup> *Situação Nacional: As tarefas necessárias para a construção da direção revolucionária no Brasil.* (Publicado como Voz Proletária, Suplemento nº1, em fevereiro de 1969). In: CEDEM/CEMAP, Fundo: Fábio Munhoz.

tendências trotskistas da Europa. Os europeus chamam a atenção dos trotskistas brasileiros especialmente devido as jornadas de maio-julho de 1968 na França, já no ano seguinte, por exemplo Vito Letzia em viagem a Europa estabelece contato com a OCI, uma das organizações do Comitê Internacional da IV Internacional e a Socialist Labour League (SLL) na Inglaterra.

Na resolução “A Crise da Quarta...” é realizado um balanço do posadismo. Para a FBT Posadas foi a resposta adequada a um período histórico anterior, quando o nacionalismo e os PC’s ainda mantinham controle sobre o movimento de massas na América Latina. O dirigente argentino teria percebido as especificidades da luta de classes do continente, diferentemente dos dirigentes europeus. Dessa forma a ruptura de Posadas foi não só acertada como inevitável

*E Posadas – e o posadismo nesta época [período anterior] – significavam uma interpretação de um período histórico que não foi interpretado por qualquer outra corrente. Posadas foi o setor da Quarta Internacional que entendeu como a Internacional devia se mover dentro da etapa do nacionalismo. As análises sobre o nacionalismo são de Posadas. Não de outros. A 4ª Internacional Européia avançou até um certo ponto e depois começou a se decompor depois da Segunda Guerra Mundial, muito lentamente, mas começou a perder força, a perder capacidade de militância. E esta perda de força e capacidade de militância se devia ao fato de que o motor da revolução mundial não estava mais na Europa, estava nos países coloniais, como analisava a própria Internacional Européia naquela época. (...)*

*E além de o motor da revolução mundial estar nos países coloniais, o fenômeno do nacionalismo e a compreensão de como se dá o processo de revolução aqui na América Latina, só foi compreendido pelos militantes que fizeram a sua experiência revolucionária aqui na América Latina, cuja expressão mais alta foi Posadas naquela época. (...) Posadas rompeu porque representava uma experiência superior.<sup>120</sup>*

Porém para os trotskistas da FBT o nacionalismo e os PC’s já não controlavam o movimento de massas, assim, com a alteração da situação política as respostas posadistas já não eram suficientes, era preciso ir além. Mas esse ir além não significava uma ruptura com o legado posadista, tratava-se de um “passo a frente além do posadismo daquele período. Dar um passo a frente significa mudar os objetivos no que diz respeito a atuação do Partido no movimento de massas”. Esse ponto esta calcado na experiência do militantes no Rio Grande do Sul, que abordamos mais acima. Para a fração aquela experiência era representativa da política adequada para o novo período histórico, “o Partido tem que se ligar às correntes do movimento de massas e se colocar como sua espinha dorsal, como seu eixo.(...) e para dar esse passo Posadas não tem servido.”(Voz Proletária, op.cit., p.4-5)

A FBT concretiza esse passo além em quatro frentes, na sua constituição como fração,

---

<sup>120</sup> *A crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente* Resolução da 1ª Conferência da FBT, de julho/ago em 1968, publicado como suplemento de Voz Proletária nº2, em fevereiro de 1969. In: CEDEM/CEMAP, Fundo Fábio Munhoz.

na perspectiva de buscar a unificação das correntes trotskistas, especialmente as da Europa com a Internacional Posadista, na crítica ao monolitismo e no chamado ao Congresso do POR-T com a participação da Fração e de outros militantes que se afastaram, ou foram expulsos. Tratava-se então de modificar a política do partido, retomar o centralismo democrático e aproximar a Internacional (posadista) das correntes internacionais do trotskismo atuantes na Europa, visando sua unificação.

Em outubro de 1969 Vito Letizia viaja à Europa para estabelecer contatos com o movimento trotskista internacional, passa pela França, Itália e Inglaterra. Letizia entrou em contato com as seções da IV Internacional de Posadas na Itália e na Inglaterra. Mas foi na França, através do contato com a OCI, que ocorreria mudanças significativas para a FBT, principalmente sobre o posicionamento a respeito de Posadas e sua Internacional<sup>121</sup>. Com a viagem de Letizia, essa nova geração de trotskistas no Brasil inicia a superação do isolamento decorrente do controle do posadismo. A reunião entre o representante da FBT e o dirigente Stephan Just da OCI foi mediada e registrada em ata pelo militante brasileiro Francisco Solano<sup>122</sup>, que participara do Movimento Estudantil 1º de Maio e estava na França desde 1968. Dessa reunião tem início o processo de rompimento da FBT com o posadismo. Em carta para a direção da OCI, em carta de março de 1970, um mês após a 2ª Conferência da FBT, Vito Letizia afirma

[A Segunda Conferência da Fração] foi o derradeiro passo no processo de diferenciação da Fração para com o movimento posadista. Na Conferência discutiu-se em termos de ruptura total com as ideias da dita Internacional de Posadas, de maneira totalmente diferente do que ocorrera na primeira conferência. Portanto, resolvemos formalmente romper todos os laços com a organização posadista. As discussões que tivemos em Paris e Londres tiveram importante papel para esclarecer a Fração a respeito da natureza do movimento posadista. Elas nos permitiram apreender o significado de Posadas no movimento trotskista mundial com uma precisão que era impossível obter na América Latina unicamente com a nossa experiência.<sup>123</sup>

No documento *Balanço e Organização do Partido*, um dos documentos parte da 2ª Conferência, a política da fração em relação à Internacional é caracterizada como “remendos ao posadismo”, uma crítica limitada que pressupunha que fora da Internacional (de Posadas) não era possível desenvolver uma atividade política trotskista.

---

<sup>121</sup> A viagem de Vito Letizia pela Europa é mencionada na troca de cartas entre Francisco Solano e o militante do Movimento Estudantil 1º de Maio Arkan Simaan, este em seu primeiro exílio em Port of Spain. *Carta de Philippe* [Francisco Solano] a *Raul* [Arkan Simaan], 02/03/1970. Acervo particular de Arkan Simaan.

<sup>122</sup> *Ata discussão Vito Letizia e Stpahn Just*, outubro de 1969. Acervo particular de Arkan Simaan.

<sup>123</sup> *Carta de Michel* [Vito Letizia] à direção da OCP, 11/03/1970. (em francês). In: Acervo particular de Arkan Simaan. Tradução gentilmente realizada por Arkan Simaan.

E não por acaso era praticamente impossível a um setor saído do posadismo fazer-lhe uma crítica profunda. Posadas ao romper com a IV Internacional de Pablo, isolou seu grupo da discussão que fazia o trotskismo mundial. A estrutura burocrática do grupo posadista, coloca seus militantes completamente alheios ao desenvolvimento, ao trabalho e a polêmica que as correntes trotskistas travam, visando a construção da direção marxista revolucionária mundial.(...) As condições especialmente favoráveis que permitiram o surgimento da Fração no RGS não foram suficientes para eliminar os dois fatores fundamentais que determinam nossas principais deficiências: a experiência em nível regional e a impossibilidade de nos basearmos numa concepção realmente trotskista, capaz de levar a fundo a crítica ao posadismo.<sup>124</sup>

#### **4.6- A repressão desarticula a FBT**

Em fevereiro de 1970, em Canelas, Rio Grande do Sul, é realizada a 2ª Conferência da FBT que contou com pouco mais que o dobro de militantes da primeira, mais de trinta militantes. No intervalo de menos de dois anos a fração se estrutura principalmente no estado gaúcho, sem grandes êxitos em São Paulo, onde contava com duas células, uma universitária e uma operaria, a última foi formada pelo deslocamento do operário Luiz Castilhos para iniciar a intervenção junto aos metalúrgicos do ABC, na Laminação Metalúrgica de Santo André. As dificuldades em São Paulo eram creditadas ao fraco desenvolvimento do POR-T nesta cidade<sup>125</sup>. Por outro lado, a fração ganha a adesão da regional nordeste do POR-T. No mesmo período em que Vito Letizia estava na Europa, os trotskistas do nordeste realizam a sua 1ª Conferência Regional e formalizam a adesão à FBT. Estes militantes eram em sua maioria também estudantes universitários, militantes de Fortaleza e Recife que entraram em desacordo com a direção pelos mesmos motivos dos gaúchos, as questões internas. Acompanhavam também a avaliação da mudança da situação política em que decorria a necessidade de uma alteração substancial do funcionamento interno, tal como os trotskistas do sul preconizavam.

Esse primeiro período da fração foi caracterizado por atividades estritamente internas de estruturação da organização e nas respostas ao trabalho no Rio Grande do Sul. Segundo o documento *Balanço e Organização do Partido* o aumento das tarefas de intervenção, a busca por uma intervenção nacional e a inserção da FBT no movimento trotskista internacional, a partir da ruptura com Posadas, junto com a perspectiva de aumento dos seus quadros militantes, com a adesão nordestina, colocavam a necessidade de uma mudança na direção política. A FBT sai de sua 2ª Conferência organizada internamente com a eleição de um Comitê Central (CC), com treze membros, a formação de três Comitês Regionais, Rio Grande

---

<sup>124</sup> *Balanço e Organização do Partido. Documento Interno. Partido Operário Revolucionário. Fração Bolchevique Trotskista, fevereiro de 1970. In: AEL/Fundo BNM, Anexo: 8046.*

<sup>125</sup> *Balanço e Organização do Partido. Documento Interno. Partido Operário Revolucionário. Fração Bolchevique Trotskista, fevereiro de 1970. Idem.*

do Sul, São Paulo e Nordeste, formada pelos dirigentes eleitos das células de base e pelos membros do CC das respectivas regionais. Foi formado ainda um Bureau Político (BP) de três membros eleitos pelo CC responsáveis por centralizar a direção política da organização.<sup>126</sup>

No entanto as novas possibilidades de desenvolvimento da FBT abertas com sua reorganização, sua expansão para o nordeste e seu contato com o movimento trotskista internacional, ocasionando uma revisão do legado de Posadas, são interrompidas pela repressão da ditadura, que através das prisões a partir de Porto Alegre desarticula a fração nacionalmente em abril/maio de 1970, poucos meses após sua segunda conferência<sup>127</sup>. Com as torturas os militantes vão sendo presos rapidamente<sup>128</sup>. A vaga repressiva desencadeada no Rio Grande do Sul foi o resultado da tentativa frustrada de seqüestro do cônsul do Estados Unidos da América pela VPR em Porto Alegre, em abril. Logo em seguida os órgãos da repressão são deslocados para o sul do país, alcançando todas as organizações revolucionárias desse Estado<sup>129</sup>.

---

<sup>126</sup> Conf. IPM, Prontuário nº36121, Fração Bolchevique Totskista. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS.

<sup>127</sup> O jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, do dia 03/05/1970, anuncia a prisão dos militantes “subversivos” da FBT: Willi Alberto Branks Dal Zot, Alexandre Schneider da Silva, Lúcio Borges Barcelos, Luiz Antonio dos Santos Aranovitz, Vito Antonio Letizia e Nara Helena Naumann Machado. In: Acervo Particular de Arkan Simaan.

<sup>128</sup> IPM, Prontuário nº36121, Fração Bolchevique Totskista. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS.

<sup>129</sup> CHAGAS, Fábio André Gonçalves. *A luta armada gaúcha contra a ditadura militar nos anos de 1960 e 70*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2007.

## *II Ditadura, luta armada e (re)organização do movimento trotskista*

### **1. Do entrismo *sui generis* à luta armada . As divisões da IV Internacional e a formação do CORQUI. (1953-1972)<sup>130</sup>**

Neste capítulo vamos traçar em linhas gerais um período da história da IV Internacional fundada em 1938, liderada por Leon Trotsky. Ainda não há um trabalho de fôlego a respeito da história da IV Internacional, tal como por exemplo possui a III Internacional Comunista, elaborado pelo historiador Pierre Broué. A história da internacional fundada pela *organização de oposição de esquerda internacional*<sup>131</sup>, é a história de suas divisões, rupturas e fragmentações, talvez por isso seja difícil um trabalho da envergadura do de Broué. Os trabalhos que procuram esboçar uma história desta organização internacional estão marcados pelas disputas políticas, pelo combate e polêmicas que as dividiram. Alguns são para justificar as posições tomadas por suas respectivas organizações, assim são textos marcados pela paixão e o calor dos acontecimentos, onde um distanciamento para a análise quase sempre não está presente, o que exige, de nossa parte, cautela ao utilizar esses textos para não aderir às perspectivas traçadas quando da sua redação. Por fim, não é nosso objetivo esgotar aqui uma história da IV Internacional, queremos apenas mapear os principais marcos dessa história, na medida em que influíram na história das organizações trotskistas no Brasil. Parte da história dessas organizações é a busca pela superação do isolamento em relação ao movimento trotskista internacional, imposto por anos de *posadismo*, e a busca pelo restabelecimento dos vínculos internacionais dessas organizações, já que um dos eixos principistas do trotskismo é sua defesa do internacionalismo e a necessidade de construir um partido mundial da revolução.

---

<sup>130</sup> As linhas a seguir estão baseadas nos seguintes trabalhos: BENSAID, Daniel. *Trotskismos*. Lisboa: Edições Combate, 2008; SAGRA, A. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2010. 2ª edição; MORNEO, Nahuel. *O Partido e a Revolução*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2008, 2ªed. e SILVA, Antônio Ozai da. *História das Tendências no Brasil*.(Origens, Rachas e Propostas). s/l,s/d.

<sup>131</sup> A tática da *Oposição de Esquerda Internacional* até então não era criar outros partidos operários (nem mesmo criar outra Internacional) mas atuar, como fração, nas fileiras dos PCs nacionais, tentando reorientar a “política” dos partidos e da III Internacional. Somente depois da ascensão do nazismo na Alemanha, com a chegada de Hitler ao poder em 1933 – tendo a III Internacional grande responsabilidade nesse processo – é que vai ser afirmada a necessidade de ruptura com os PCs e a construção de uma nova IC, devido à falência da III Internacional, dominada pelo stalinismo.

## 1.2 -“*entrismo sui generis*”

A maioria dos textos sobre a história da IV parecem ter como consenso que a ruptura que virá após o congresso mundial de 1951 marcará o início das rupturas, divisões, fragmentação que se seguirão e por que não dizer do enfraquecimento do movimento trotskista internacional. O surgimento do trotskismo no plural, *trotskismos*<sup>132</sup>, traz as marcas dos desafios colocados por/pelos grandes acontecimentos da luta de classes, desdobrando-se em diferentes análises programáticas, estratégicas e táticas, que estão na raiz da dispersão do trotskismo; por outro lado esses mesmos acontecimentos, como veremos, ocasionaram unificações que depois se desdobraram em novas rupturas. Mas após esse período o movimento trotskista não se recuperará<sup>133</sup> da sua dispersão.

Bensaid nos lembra o contexto político da década de 1950:

Em Abril de 1950, começa a guerra da Coréia. Os anos 50 são marcados pelo clima de Guerra Fria, o *maccarthismo* nos Estados Unidos, o processo e execução de Rosenberg, o início da experiência autogestionária jugoslava, o nascer da revolução colonial no Egito ou na Bolívia em 1952. Em 1953, os operários de Berlim-Leste revoltam-se. Em 1954, o imperialismo francês é derrotado em Diên Biên Phô e a guerra de libertação argelina começa em *La Toussaint*. O ano seguinte assiste (por iniciativa da Índia, do Egito, da Jugoslávia) à conferência dos países não-alinhados em Bandung. Em 1956, Nasser nacionaliza o canal de Suez, Krushov denuncia os crimes de Estaline no seu relatório ao XX Congresso, Mao lança na China a campanha das Cem Flores, Varsóvia e Busapeste insubordinam-se contra o jugo burocrático, a revolução húngara é esmagada pelos tanques soviéticos. Em Cuba, uma dúzia de barbudos escapados do desembarque do *Granma* inicia a luta armada contra a ditadura de Batista.<sup>134</sup>

A burocracia soviética consolida seu domínio no Leste Europeu, mas as revoluções na China e Iugoslávia, bem como a revolução colonial adensam ainda mais suas contradições. Será em meio a todos esses acontecimentos que a IV Internacional vai procurar definir seu projeto político.

Alguns anos antes do III Congresso Mundial, os trotskistas se debruçaram sobre os recentes acontecimentos do pós-guerra. As análises giravam em torno do significado desses acontecimentos e das perspectivas políticas decorrente desses processos para o avanço da revolução socialista. Michel Pablo, pseudônimo de Michel Rapits, militante grego, desenvolve a análise de que tratava-se, no caso do Leste Europeu, do surgimento de novos Estados Operários Deformados, devido a expropriação da burguesia nesses países. No terceiro

---

<sup>132</sup> Conforme proposição de BENSaid, Daniel. *Trotskismos*. Lisboa: Edições Combate, 2008, pp. 14-16.

<sup>133</sup> Só a título de exemplo sobre a dispersão das organizações trotskistas podemos citar a Inglaterra que possui mais de vinte organizações que se reivindicam do trotskismo. Conf. SAGRA, A. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2010. 2ª edição.p.173

<sup>134</sup> BENSaid, Daniel. op. cit. p. 86.

congresso foi

aprovada a caracterização dos novos Estados como operários deformados. A partir desse momento, o trotskismo considerou que a expropriação da burguesia nesses Estados era uma conquista que deveria ser defendida perante qualquer ataque do imperialismo.<sup>135</sup>

Quando da realização do congresso, em meio a Guerra Fria, temia-se a possibilidade das duas potências surgidas após a II Guerra Mundial iniciar um terceiro conflito mundial, especialmente devido ao início da Guerra da Coreia. Imbuídos dessa tensão Ernest Mandel, economista belga, e Michel Pablo desenvolvem o prognóstico de que na

terceira guerra mundial, que era inevitável e iminente, os partidos comunistas e as correntes de esquerda dos movimentos nacionalistas burgueses ou dos partidos socialdemocratas iriam para a guerrilha, para as lutas revolucionárias que os levariam à tomada do poder. Isso ocorreria principalmente com os partidos comunistas que, em seu afã de defender a Rússia, chegariam à guerra de guerrilhas ou métodos violentos, físicos, revolucionários, para se opor ao imperialismo.<sup>136</sup>

Será a partir dessa análise que será lançada a tática do entrismo *sui generis*, assim denominada para se diferenciar do entrismo proposto por Trotsky nos anos 1930, nesse caso tratava-se de entrar nos partidos socialistas para recrutar militantes à esquerda desses partidos visando construir o partido revolucionário. O entrismo dos anos 1950 era diverso, para Pablo e Mandel era necessário entrar nas organizações nacionalistas, democratas e especialmente nos partidos comunistas, ficando dentro das organizações até a tomar o poder e consolidá-lo, para só depois se diferenciar. Essa orientação será questionada por vários militantes, em especial pela seção francesa.

Para seus opositores esse entrismo negava um dos pilares do programa trotskista, a necessidade de construir partidos revolucionários para dirigir a revolução, para superar a “*crise histórica da direção revolucionária do proletariado*”<sup>137</sup>. Pablo e Mandel

faziam eco, mesmo que um pouco tardiamente, ao fato de que a burocracia tinha expropriado a burguesia em países do Leste Europeu obrigada pelas circunstâncias. E transpunham esse fenômeno ao mundo inteiro, sem crítica, sem qualquer perspectiva revolucionária, devido à suposta inevitabilidade

---

<sup>135</sup> SAGRA, A. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2010. 2ª edição.p.168.

<sup>136</sup> MORNEO, Nahuel. *O Partido e a Revolução*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2008, 2ªed. p.22.

<sup>137</sup> TROTSKY, Leon. *A Agonia do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional*. Programa de Transição. In: *A Questão do Programa*. Kairós, São Paulo, 1979.p.73.



da guerra mundial.<sup>138</sup>

Tratava-se, também, de uma análise equivocada, que desconsiderava a contradição fundamental da luta de classes, burguesia e proletariado, substituindo-a pela contradição entre o bloco socialista e o capitalista. Construindo uma visão do mundo dividido em campos.

a teoria da divisão do mundo em blocos aparece sob a previsão de uma iminente e inevitável terceira guerra mundial, que oporia ‘a contra-revolução imperialista contra a revolução em todas as suas forma’. Para Pablo a burocracia stalinista se situava dentro do campo da revolução.<sup>139</sup>

Michel Pablo, para os trotskistas que irão romper com o Secretariado Internacional, era um *revisionista*, que estaria *liquidando* a IV Internacional, já que a capitulação aos Partidos Comunistas e às direções nacionalistas burguesas e pequeno-burguesas dos países dependentes colocaria em cheque a própria necessidade de construção da IV.

Na América Latina as polêmicas se agravam ainda mais com a orientação política que prevaleceu no processo político boliviano em 1952. Na Bolívia os militares bolivianos impediram a posse do Movimento Nacionalista Revolucionário, vitorioso nas eleições do país. As massas respondem com uma insurreição, destruindo o exército e constituindo milícias operárias e camponesas para que Paz Estenssoro, do MNR, fosse empossado. Os trotskistas bolivianos, que então possuíam influência de massas, apóiam o governo do MNR e deixam de lutar para que o poder passasse para a Central Operária Boliviana (COB)<sup>140</sup>, que centralizava as milícias operárias e camponesas, desempenhando um papel semelhante ao *soviet* da revolução russa. Os trotskistas bolivianos cumpriam um papel de destaque tanto na COB quanto nas milícias, co-dirigindo essas organizações, o POR boliviano foi aconselhado, inclusive a ingressar no MNR, o que não fizeram, mas mantiveram o apoio a seu governo. Com essa política as massas foram pouco a pouco desmobilizadas e desarmadas, configurando uma grande derrota.

---

<sup>138</sup> MORNEO, Nahuel. *O Partido e a Revolução*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2008, 2ªed. p.23.

<sup>139</sup> *O Trabalho*. nº34, 16 a 23/out 1979. A história do Trotskismo. p.6.

<sup>140</sup> A COB foi fundada no calor dos acontecimentos revolucionários, com os trotskistas cumprindo um papel de destaque. Ela agrupou todas as milícias, todas as organizações operárias e camponesas da Bolívia. Com o exército destruído tornou-se um organismo de poder, semelhante aos soviets na Rússia. A COB surge também marcada pelas Teses de Pulacayo, tais teses eram o próprio *programa de transição* traduzido para a realidade concreta da Bolívia. Em 1946 no congresso de Pulacayo da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia, influenciados pelos trotskistas aprovam as teses, que propunha entre outras palavras de ordem transitórias a escala móvel de salários; controle operário; armamento; ocupação das minas. Delineando a perspectiva transitória de tomada do poder. Conf. SAGRA, A. Bolívia: 50 Anos à Beira de Tomar o Poder. In: *Marxismo Vivo*. São Paulo, 2004, nº8. pp.49-61

Ainda em 1952 o Secretariado Internacional (SI), com Mandel e Pablo a frente, afasta 16 membros do Comitê Central da seção francesa, nomeando uma nova direção e posteriormente expulsando toda a seção<sup>141</sup>, pois esta se negou a fazer o entrismo no Partido Comunista Francês. Opondo-se à política do entrismo e a orientação para revolução boliviana as organizações trotskistas da Inglaterra, França, dos EUA<sup>142</sup> e parte dos trotskistas sul-americanos rompem com o SI e criam o Comitê Internacional (CI)<sup>143</sup> em 1953 buscando combater o *pablismo*.<sup>144</sup>

### **1.3 - A reunificação de 1963 (Secretariado Unificado) e a adoção da luta armada (1969)**

A revolução cubana de 1959, com o pronunciamento de Fidel Castro em 1961, assumindo o caráter socialista da revolução vai, mais uma vez, unir e dividir os trotskistas. Para uma parte dos trotskistas tratava-se de um novo Estado socialista que deveria ser defendido dos ataques imperialistas, já outros trotskistas não reconheciam este fato como revolucionário. Entre os primeiros estavam o SI, o SWP dos Estados Unidos e a organização de Nahuel Moreno, que desde 1957 criou o Secretariado Latino Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO), nos marcos do CI. Com base nesse acordo sobre o processo cubano o SI e as organizações que rompem com o CI, SWP e Moreno, se unificam em 1963, dando origem ao Secretariado Unificado (SU). O CI continua existindo, tendo a frente principalmente a OCI francesa e a SLL inglesa.

Essa unificação, no entanto terá vida curta. Influenciados pela vitória dos guerrilheiros cubanos, pela expansão da adesão dos grupos a luta armada, inspirados pela teoria do foco *guevarista* a maioria do SU também vai aderir a luta armada como política a ser desenvolvida pelos trotskistas. Livio Maitan, militante italiano, já em 1968, as vésperas do IX Congresso Mundial inicia o deslocamento trotskista para a luta armada<sup>145</sup>. Em 1969 o congresso ratifica

---

<sup>141</sup> Conf. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2010. 2ª edição.p. 173.

<sup>142</sup> Em 1953 o *Socilist Work's Party* lança uma carta aberta aos trotskistas, argumentando que o trotskismo é irreconciliável com Pablo. Disponível em: <http://www.movimentonn.org/jornal/noticia/principios/101> , acessado em 13/02/2013. E Conf. *O Trabalho*. nº34, 16 a 23/out 1979. A história do Trotskismo. p.6.

<sup>143</sup> Participam do CI , a SLL ( Socialist Labour League ), liderado por Gerry Healy; a OCI ( Organisation Communiste Internationaliste) tendo a frente Pierre Lambert; e o SWP (Socilist Work's Party) com James Cannon; os trotskistas sul-americanos são liderados por Nahuel Moreno, pseudônimo de Hugo Miguel Bressano Capacete , militante argentino.

<sup>144</sup> Em 1953 o SI coerente com suas análises se negam a exigir a retirada das tropas soviéticas que invadiram a Alemanha oriental para reprimir a insurreição de seus trabalhadores, o que na pratica constituía-se em apoio à burocracia soviética. Conf. SAGRA,Alicia. op. cit. idem.

<sup>145</sup> Bianchi nos mostra que o objetivo dos dirigentes favoráveis a guerrilha era dessa forma superar marginalidade do trotskismo, o que seria concretizado com uma vitória política em um processo revolucionário,

as teses favoráveis ao desencadeamento da luta armada. Essa política terá impacto principalmente na América Latina, na Bolívia e, especialmente na Argentina.

Na Argentina a polêmica em torno da guerra de guerrilhas já estava presente desde início dos anos 1960, principalmente pela luta travada no Peru. Esta polêmica vai dividir o Partido de los Trabajadores (PRT) em 1968 com a ruptura de Mario Roberto Santucho, favorável a guerrilha, constituindo o Partido de los Trabajadores ( El Combatiente) – PRT (EC) e os contrários as teses foquistas formam o Partido de los Trabajadores ( La Verdad ) – PRT (LV). O PRT(EC) posteriormente irá fundar em 1970 o Ejercito Revolucionário del Pueblo (ERP)<sup>146</sup>.

Coerentes com as novas resoluções políticas o SU vai reconhecer o PRT(EC) como seção oficial da IV, relegando o PRT(LV) como seção simpatizante. Essa política vai gerar reações também no SWP, que junto com o PRT(LV) vão formar a Tendência Lenista Trotskista (TLT), para organizar a oposição às teses foquistas da maioria do SU, que se agrupa em torno a Tendência Majoritária Internacional (TMI)<sup>147</sup>. Essa política será desastrosa para o trotskismo na América Latino, desarticulando várias organizações e vitimando uma série de militantes, vítimas da repressão e do despreparo das ações guerrilheiras.

Já antes dessa divisão, também na Argentina, J. Posadas, em 1962 rompe com o SI e cria a sua internacional, a IV Internacional Posadista, como adiantamos no capítulo 1. da parte I.

#### ***1.4 - O fim do Comitê Internacional e formação do Comitê de Organização para a Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI)-1972***

Já os militantes agrupados em torno do CI realizam em 1966 sua III Conferência e adotam como resolução a Reconstrução da IV Internacional, com várias tarefas como a construção de partidos revolucionários (seções nacionais). As divergências entre os franceses e ingleses se iniciam a partir dessa conferência, os primeiros acusam a SLL de não executar as

---

colocando-se o trotskismo a frente desse processo apostando suas fichas na vaga guerrilheira que percorria a América Latina. Para maiores detalhes ver BIANCHI, Álvaro. *El Che rondado por Callao: o trotskismo e as guerrilhas latinoamericanas*. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=343> . Acessado em 09/02/2013.

<sup>146</sup> Conf. BIANCHI, Álvaro. *El Che rondado por Callao: o trotskismo e as guerrilhas latinoamericanas*. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=343> . Acessado em 09/02/2013.

<sup>147</sup> Conf. SILVA, Antônio Ozai da. *História das Tendências no Brasil*.(Origens, Rachas e Propostas). s/l,s/d. p. 36. E BIANCHI, Álvaro. op.cit. Em 1973 o SWP e o PST (ex-PRT-La Verdad) formam a Fração Leninista Trotskista, postulando-se como alternativa de direção ao SU. Conf. MORENO, Nahuel. *O Partido e Revolução*. José Luiz e Rosa Sundermann. São Paulo, 2008, 2ª edição. p. 29.

tarefas da conferência. A ruptura entre as duas principais organizações do CI se precipita a partir da não realização da pré-conferência que seria realizada em julho de 1970, devido a recusa da SLL. No ano seguinte, porém, a seção inglesa, sem a participação da OCI, realiza a Conferência Internacional e se auto-proclama a IV Internacional, desconsiderando a resolução pela reconstrução da internacional<sup>148</sup>. A OCI por sua vez, realiza em julho de 1972 a segunda sessão da conferência, com a participação de organizações do Leste Europeu e da América Latina, entre eles o Política Orbrera, da Argentina, liderada por Jorge Altamira, e o Partido Operário Revolucionário da Bolívia, com Guillermo Lora a frente, os brasileiros estiveram presentes com o grupo Outubro.<sup>149</sup>

Este evento reconhece o estilhaçamento do Comitê Internacional e aprova a formação do Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI), o qual procuraria a adesão de outras forças trotskistas que concordassem com o ‘Programa de Transição’ e tinha como objetivo encaminhar as tarefas aprovadas na III Conferência.<sup>150</sup>

O CI reconhecia a dispersão organizativa e teórica da IV Internacional, o CORQUI por sua vez, dava continuidade a esse fato, “*não existe um centro dirigente da IV Internacional, pois ela foi destruída como organização centralizada em 1952/1953.*”<sup>151</sup> Assim a principal tarefa colocada pelo CORQUI era a reconstrução de um centro dirigente internacional, uma direção internacional. Este centro seria formado a partir da aglutinação de partidos trotskistas, com base no acordo sobre o Programa de Transição.

Como adiantamos no início nosso objetivo não era esgotar uma história da IV Internacional, mas apresentar, em linhas gerais, as coordenadas que deram origem as várias organizações internacionais vinculadas ao movimento da IV. É nesse panorama político do movimento trotskista internacional que as organizações trotskistas, de fins de 1968 e da primeira metade dos anos 1970, no Brasil, vão se inserir.

## **2. Comitê de Unificação e surgimento do grupo Outubro, 1971-1973**

A retomada dos vínculos internacionais com o movimento pela IV Internacional esteve presente desde o início. Para as organizações que compõe o período da história do trotskismo em estudo, esse processo, de (re)inserir o trotskismo brasileiro no movimento

---

<sup>148</sup> Conf. SILVA, Antônio Ozai da. *História das Tendências no Brasil*. (Origens, Rachas e Propostas). s/l,s/d. p. 36

<sup>149</sup> Conf. “Segunda pré-conferência preparatória à quarta conferência internacional do Comitê Internacional pela Reconstrução da IV Internacional. Paris 1-4/07/1972.[resoluções]” 14/07/1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>150</sup> SILVA, A. Ozai. Idem, ibidem, p. 36.

<sup>151</sup> *O Trabalho*. nº34, 16 a 23/out 1979. A história do Trotskismo. p.6.

trotskista internacional, assumiu ritmos desiguais e foi marcado pelas circunstâncias da luta de classes.

No caso das organizações do nosso estudo esse processo vai percorrer dois caminhos. Um caminho vai ser definido pelos trotskistas brasileiros que vão se reunir na França a partir de 1970. Estes, veremos em mais detalhes a seguir, vão se articular em torno da OCI, umas das principais seções que impulsionava o CI, ou seja, estes já se inserem defendendo posições no movimento pela IV. As articulações dos trotskistas brasileiros na França vão se concretizar na formação de um grupo político definido, o grupo Outubro, em 1971. Outro caminho desse percurso será delineado pelos trotskistas no Brasil. Estes militantes procuram diversas organizações do movimento trotskista internacional. No caso da FBT já em 1969, como vimos, ele era buscado. Esses contatos vão se adensar com a constituição do Comitê de Unificação-FBT+OC 1º de Maio em 1971, a partir do CU estes militantes vão entrar em contato com organizações da América Latina, como o Partido Obrero e o Partido Revolucionário del Trabajador- La Verdad da Argentina e o POR da Bolívia<sup>152</sup>.

A formação do CU e de Outubro, por sua vez, são partes da busca pela unificação dos trotskistas no Brasil. A perspectiva da unificação, como vimos, desde o início foi levantada, mas somente com as transformações políticas pelas quais passaram a FBT e o ME 1º de Maio vão convergir para que as duas organizações busquem mais concretamente a unificação. É nesse período então que os contatos com o movimento trotskista internacional são problematizados no interior do processo político que visa a unificação das organizações, paralelamente ao desenvolvimento do próprio movimento trotskista internacional. Em suma, é com a formação do CU e de Outubro que o trotskismo no Brasil se (re)insere de fato no movimento pela construção da IV Internacional, rompendo o isolamento que se arrastava desde o rompimento do BLA com o SI, em 1962.

Neste período o movimento trotskista internacional, como vimos, estava dividido entre o SU, resultado da unificação, em 1963, das organizações que formavam o SI, com o SWP dos E.U.A. e as organizações latino-americanas organizadas no SLATO. No entanto em

---

<sup>152</sup> Já em 1971 os militantes da FBT e da OC1º de Maio realizam uma pesquisa sobre a situação do movimento pela IV Internacional. Essa pesquisa contava com o estabelecimento de contatos com organizações trotskistas da América Latina, como o PTR-LV, a PO na Argentina e com o POR boliviano. Os militantes, a partir do CU, participaram, inclusive de conferências e de cursos de formação do PRT-LV. Outra parte dessa pesquisa era a leitura dos periódicos e documentos das organizações, foi realizado também entrevistas com os seus principais dirigentes políticos, como Guillermo Lora e Nahuel Moreno. No AEL/Fundo Luiz Araújo encontramos a entrevista realizada pelos militantes do CU com o dirigente Nahuel Moreno, provavelmente no final de 1971. Desse período de pesquisa e viagens resulta um documento onde é relatado a situação da IV Internacional e suas principais organizações e partidos inseridos no movimento trotskista internacional : Documento sem título, 10 páginas, 06/01/1972. In; AEL/Fundo Luiz Araújo.

1969 com a adesão da IV (SU) à luta armada, surge uma divisão em seu interior com a formação da Tendência Majoritária da IV, defensora da luta armada, e a Tendência Minoritária, crítica às posições da maioria, que posteriormente vai assumir o nome de Tendência Leninista Trotskista. Fora do SU ficou as organizações vinculadas ao CI, impulsionadas principalmente pela OCI francesa e a SLL da inglesa e na América Latina o PO da Argentina e o POR da Bolívia.

As diferenças políticas no movimento pela IV Internacional serão questões discutidas pelo Comitê, sem a adesão a nenhum de seus grupos. Mas o principal problema enfrentado e que marcará a história do Comitê é a repressão política que se abate especialmente sobre a FBT em 1972, desarticulando essa organização e inviabilizando os trabalhos de unificação. Em 1972 o Comitê praticamente se extingue e a unificação só será retomada em 1975. Outro elemento desse processo é a participação de Outubro, que desempenhará um papel importante nas articulações internacionais e na discussão do Comitê. Vejamos em mais detalhes os vários aspectos desse capítulo da história do trotskismo.

## **2.1 Trotskistas brasileiros na França. Exílio e formação do Grupo Outubro.**

O primeiro brasileiro a ir à França foi o ator e militante do ME 1º de Maio Francisco Solano, ainda em 1968. Solano e sua então esposa Gabriela Rabelo, jovens atores recém formados pela Escola de Arte Dramática da USP, além do trabalho nos palcos também estavam envolvidos no intenso movimento político teatral de São Paulo. Nutriam uma simpatia distante em relação ao PCB, mas “ *os ventos da Primavera de Praga começaram a se fazer presentes no Brasil*”, nos disse Solano em entrevista. A ameaça e posterior invasão das tropas stalinistas na Tchecoslováquia em 1968, sufocando a revolução política então em curso, chamam a atenção dos dois. As idéias defendidas pelo recém criado ME 1º de Maio a respeito desse acontecimento aproximam os dois do trotskismo, e estes passam a integrar o movimento

Ainda em 1968 Solano é contemplado com uma bolsa de estudos para estagiar nos principais teatros da França e o casal parte para o velho continente. Na efervescência das lutas sociais francesa Solano adere à OCI e passa a militar nessa organização em 1969. Ainda em 1969 Solano busca retomar o contato com os militantes do Brasil através de cartas com Arkan Simaan e Luiz Araújo, no entanto esta correspondência é irregular, especialmente devido ao maior fechamento político do regime.

Simaan aproxima-se do trotskismo através de seu primo que mantinha contato com o

POR-T, nos estudos preparativos ao vestibular na Biblioteca Mario de Andrade, ouviu pela primeira vez o nome e as idéias do revolucionário russo Leon Trotsky, isso no ano de 1964. Chegou a ser apresentado a Fábio Munhoz. Ao entrar no curso de física na USP, em 1965, reencontra Munhoz, seu único contato com o POR-T foi com esse militante, não chegou a ser um militante do POR-T propriamente dito

Para ser franco, creio que nunca fui plenamente considerado militante pelo POR-T, meu único contato era o Fábio, eu e ele em praças públicas, faculdades, bares, a gente tomava uma cerveja, ele me doutrinava, passava o material, marcava outro encontro e sumia. Raramente participei de reuniões com a presença de outros companheiros. Quando acontecia era dentro de carros. Soube depois que um simpatizante devia dar provas absolutas de submissão antes de ser cooptado aos aparelhos.

Essa aproximação, como vimos, ocorre em um contexto de maior fechamento do partido, quando o posadismo assume o controle da organização. Simaan torna-se uma das lideranças do movimento estudantil no período, tornando-o rapidamente em uma das principais figuras públicas do ME1º de Maio no agitado ano de 1968.

A escalada repressiva do regime vai pouco a pouco mudando as condições de atuação política, empurrando cada vez mais as organizações para a clandestinidade e/ou para o exílio. Em junho de 1968 o Congresso da UNE em Ibiúna é desbaratado, com a prisão de todos os delegados e posteriormente os militares invadem o CRUSP, local muito utilizado por organizações de esquerda, entre elas o ME1º de Maio. Arkan Simaan morador do CRUSP é indiciado e quase é detido por policiais do DOPS no seu trabalho.

Na ocasião da aposentadoria compulsória de vários professores da USP pelos militares, em maio de 1969, os estudantes buscaram se articular para se contrapor a essa medida. Simaan é processado e posteriormente condenado por ter participado desse movimento<sup>153</sup>. A situação para o ME 1º de Maio se agrava com a descoberta e prisão do mimeografista onde era confeccionado os panfletos da organização, o que vai levar a prisão de Fábio Munhoz e Roberto em junho, impondo à organização o aumento das medidas de segurança<sup>154</sup>. Para Simaan a organização em 1969, como resultado das novas condições de atuação política estava em refluxo, contando com cerca de dez militantes, com dificuldades de articulação e com sérios problemas de segurança.

Após se esconder junto com Luiz Araújo na cidade de Poços de Caldas, Minas Gérias, em junho/julho, Simaan volta à São Paulo e se esconde na casa de sua tia e mais uma vez é quase preso por agentes do DOPS que realizam uma batida na casa no momento em que ele

---

<sup>153</sup> Processo nº 256/70, da 1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar. In: Acervo Pessoal Arkan Simaan.

<sup>154</sup> Prontuário nº 55960. In: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundo DEOPS.

não estava. Neste momento o ME 1º de Maio contou com o apoio do artista plástico português Fernando Lemos que doou parte de suas produções à organização para angariar fundos. Além disso Lemos abrigou por um tempo Simaan na casa da sua mãe na região da Avenida Paulista. As dificuldades impostas pela clandestinidade, sem emprego e com a fragilidade da organização, junto com a crescente repressão que vinha se organizando e se aperfeiçoando colocam para Simaan a necessidade do exílio. O depoimento que nos concedeu dá o tom do clima político vivido na época quando decidiu partir para o exílio.

Um dia, voltando para casa senti algo esquisito, como se estivesse sendo espiado. Naquela época você tinha que ser muito atento. Por exemplo, eu era o último a descer do ônibus, só descia na hora exata em que ele fechava a porta. Se alguém descesse atrás de mim precipitado era prova que eu tava sendo seguido. A mesma coisa pra subir. Eu ficava no ponto até o ônibus começar a andar, aí eu entrava. Se tivesse alguém atrás, não dava tempo pra ele entrar. Era assim que eu voltava pra casa. E também não entrava direto. Deixava cair um lenço no chão, abaixava pra pegar e olhava pra trás. Dava uma volta no quarteirão, se visse a mesma pessoa atrás, não ia mais para casa: ia embora. Eu usava essas táticas todas, e já estava cansado de tudo isso. Ora, naquele dia senti um ambiente estranho, muito estranho. Vi gente esquisita estacionada. Eram policiais, tava na cara que eram policiais. Para isso, eu tinha um faro especial. “Bom, chegou minha hora, vão me matar aqui”. Andei fininho, passei, não disseram nada, nem olharam pra mim. De repente, poucos passos mais adiante, ouvi uma salva de disparos. Foi tiro para tudo quanto é canto. Não era eu que eles estavam esperando. Era puro acaso se eu estava passando. Fugi correndo. Fazia calor mas eu tremia. Não era de medo, tampouco demorou muito, mas meus nervos tinham disparado. Não fui para casa, passei a noite na rua. Soube no dia seguinte que tinham matado o Marighella.<sup>155</sup>

A rota encontrada por Simaan para sair do país foi, através da ajuda familiar que residia no interior de Goiás, em Anápolis, partir para Port Of Spain, umas das ilhas de Trinidad e Tobago, onde sua irmã morava. Em dezembro Simaan e a família vão para Brasília, o plano era chegar a Belém do Pará e de lá chegar em Port of Spain. Esse plano é frustrado. Já dentro do avião a decolagem é interrompida e a polícia faz todos os passageiros descerem e suas bagagem são revistadas, um professor da USP também passageiro teria denunciado a presença de Simaan no avião com o objetivo do seqüestra-lo.<sup>156</sup>

Toda a pista de pouso e decolagem do aeroporto é tomada pelas tropas militares. Seus familiares conseguem se aproximar. Nada fora encontrado na revista que pudesse supor tal intento denunciado. Aparentemente resolvida a situação todos os passageiros voltam ao avião para a decolagem. A idéia dos policiais era fazer com que Simaan pulasse do avião, o que provavelmente o colocaria em risco primeiro pela queda e depois seria fatalmente alvejado pelas metralhadoras. A situação é resolvida com a detenção de Simaan. Sua família até então achava que ele tinha embarcado e só fica sabendo da sua detenção porque é avisada

---

<sup>155</sup> Entrevista com Arkan Simaan, realizada em 09/01/2013.

<sup>156</sup> Tudo nos leva a pensar que se tratava do mesmo professor que fez a denúncia contra Simaan na ocasião da aposentadoria compulsória dos professores da USP e que hoje é um renomado professor no curso de Geografia da USP, em vias de se aposentar.



provavelmente por um agente.

Dentro do avião, um policial abriu uma porta do fundo e ordenou: “pula aqui”. “Não pulo, não”, respondi alto para que os passageiros fossem testemunhas. Se tivesse obedecido, teria sido colhido pelas metralhadoras. Tive então que desabotoar a calça para não poder correr e, para camuflar minha camisa, o chefe exigiu que eu vestisse o paletó dele. Era pequeno, não entrava. Puseram o paletó em cima dos meus ombros. Mas não fechava, a camisa continuava vistosa. Fizeram apagar as luzes do aeroporto, tudo ficou escuro, desci, um camburão me esperava em baixo.

Um funcionário do aeroporto (ou um policial, não sei) ficou indignado. Correu atrás do meu pai na estrada dando luzes, buzinando e acabou fechando o caminho dele. Meu pai desceu do carro apavorado e o homem, afobado, já foi lhe dizendo: “Eu sou um pai como o senhor... O seu filho não viajou... Vão matar ele... Mas por favor, esqueça até que me viu, não diga pra ninguém que eu lhe avisei... Eu corro perigo”. O homem foi embora apressado dizendo: “Limpei a minha consciência.”<sup>157</sup>

Simaan fica preso até janeiro de 1970 em Brasília. Durante todo esse tempo sua família foi fundamental para que sua segurança física fosse assegurada. Sua mãe todos os dias ia para a delegacia. Seu irmão fez rondas todos os dias para que conhecessem o lugar para onde iria caso fosse transferido. Com um advogado sua mãe conseguiu encontrar o coronel responsável pelo DOPS para que ele desse a ordem de soltura de Simaan, argumentando que não existia provas contra ele. O coronel por sua vez aguardava o retorno de um telex para o DOPS onde pedia informações sobre Simaan. Relata Simaan

Minha mãe vinha todos os dias buscar informação. Cansado disso, o homem prometeu: “se daqui até o aniversário dele [18 de janeiro], não chegar nada de São Paulo eu solto. Ele passa o aniversário na casa da senhora”. Aí, minha mãe disse “se for o caso o senhor está convidado”. O coronel respondeu: “eu aceitaria com prazer”. Tive sorte danada, em São Paulo o DOPS estava mobilizado atrás do Lamarca que eles acreditavam ter localizado. O serviço inteiro estava focalizado nisso. (...)No fim do prazo, o coronel cumpriu a palavra e me largou. Mais do que isso, veio com a família festejar meu aniversário em Anápolis. Meu pai deu cortes de terno pra ele, encheu a esposa e a filha dele de presentes. Parecia até que o aniversário era o deles. Foi tanto presente que o coronel deve ter desconfiado que havia coelho no mato. Aí meu pai informou que eu precisava aproveitar das férias escolares para viajar. “Será que o meu filho vai ainda ter problemas?” “Claro que não”, respondeu o coronel prometendo, inclusive, se despedir de mim no aeroporto. Assim foi feito: mas, ao invés de eu ir para Belém, peguei um vôo direto para Port of Spain. Três dias depois, chegou o famoso telex: os policiais vieram furiosos ver o meu pai. Felizmente, só revistaram nossa casa à procura de textos subversivos.<sup>158</sup>

Depois de alguns meses em Port Of Spain , em maio Simaan chega a Paris e se encontra com Francisco Solano e Gabriela Rabelo, ingressando na OCI. A eles pouco depois dois outros brasileiros tornam-se militantes Victor Leonardi, que também partiu para o exílio e Paulo Rodolfo Rodrigues Pereira, na França por motivos de estudo. Ainda em 1970 Deivis Hutz, também em processo de exílio, se junta aos brasileiros ao redor da OCI. Hutz foi um dos poucos militantes da FBT que conseguiu escapar da repressão que desarticulou a

---

<sup>157</sup> Idem, ibidem.

<sup>158</sup> Idem, ibidem.

organização em 1970 a partir do Rio Grande do Sul . Do sul Hutz chega em Buenos Aires e afirma sua identidade judaica o que lhe conferiu o “direito ao retorno” à Israel para onde foi em seguida. De Israel vai para a França, em meados de 1971, onde encontra os militantes brasileiros.<sup>159</sup>

### 2.1.2 Grupo Outubro

O surgimento de Outubro esta ligado a definição da participação do grupo de brasileiros na França no processo político do Brasil, com o retorno e continuidade na militância em uma organização unificada. Solano já militante da OCI mediou a reunião de Vito Letizia, da FBT, com Stephán Just em 1969, traduzindo os documentos da fração e redigindo a ata dessa reunião. No mesmo ano ele busca restabelecer o contato com os militantes do ME 1º de Maio, com Arkan e Luiz Araújo, através de cartas, solicitando documentos da organização e enviando documentos do CI. Esse primeiro contato é esporso e sem continuidade, especialmente marcado pelas dificuldades de atuação política dos militantes no Brasil, com o maior fechamento político.

No início de 1970, com Arkan em Port Of Spain, as trocas de cartas com Solano são restabelecidas e os projetos políticos começam a ser definidos. Para Solano a FBT mesmo com as limitações políticas decorrente da sua relação com o posadismo não superado, possuía a característica fundamental de ser uma organização política e que buscava restabelecer o contato com o movimento trotskista internacional. Ingressar na FBT não podia ser descartado, em carta de fevereiro de 1970 escreve Solano

Ora a despeito de todas as mazelas, erros e safadezas (...) que possamos imputar à “Fração”, ela procurou o “CI” ( e quando digo “CI” não quero dizer que só ele poderia ou deveria ser procurado, muito embora é nele que o troskismo sobreviveu, e é nele que o marxismo foi preservado enquanto organização ... ), isto é, procurou religar o laço que une o proletariado brasileiro com o mundial, o qual Posadas havia tentado cortar definitivamente, consciente ou não, como queira. (...) Isso, a atitude da “Fração”, para mim é prova de que grupo é regenerável, de que ele procura, embora confusa e penosamente se você quiser, sair do beco no qual foi colado pelo posadismo, enfim, adota uma atitude, como princípio ( o internacionalismo), que é a base única de nossa política. Que por esse fato a “Fração” esteja já imune de erros graves, desvios, etc, ninguém afirmou isso. Trata-se de nos ingressarmos nela e lá dentro combatemos sem descanso para que ela entre definitivamente no bom caminho.<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> Depoimento de Deivis Hutz a Tiago de Oliveira, entrevista realizada em Suzano-SP, 04/05/2013.

<sup>160</sup> Carta de Francisco Solano à Arkan Simaan, 02/03/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan. Grifos no original.

Arkan por sua vez expõe as dificuldades que o ME 1º de Maio enfrentou com a FBT<sup>161</sup>, mas também reafirma a importância do 1º de Maio, como a primeira organização que rompeu com o posadismo, destacando por exemplo a posição que o grupo defendeu no episódio da invasão das Tropas do Pacto de Varsóvia na revolução política da Tchecoslováquia em 1968. Antes de partir para França, Simaan manteve contato com o ME 1º de Maio, através de cartas com Luiz Araújo e Alfredo (codinome), onde é informado sobre os desenvolvimentos do grupo, sua inserção no movimento bancário, a saída do setor vinculado ao POR da direção.

Em maio de 1970 Simaan chega à Paris e ao que parece durante esse mantém-se apenas como militante do ME 1º de Maio não aderindo imediatamente à OCI. Até esse momento, no entanto, somente a FBT era reconhecida como organização trotskista pelos franceses, pairava, devido à interrupção de contato, a suspeita de que o grupo tinha deixado de existir. Na primeira carta para Luiz Araújo após sua chegada assim relata essa situação

No sábado e domingo realizou-se o 1º congresso da AJS ( Aliance de Jeunes pour le Socialisme) onde estive presente. (...) Tentei, então, enviar em nome do “1º” enviar uma saudação, no que fui impedido. A razão deste impedimento foi o fato de que a mensagem certamente seria recusada visto que a direção desconhecia por completo a nossa existência. Esta recusa baseou-se a meu modo de ver, seja porque a interrompida comunicação postal dava-lhes a impressão de que já não mais existíamos como organização senão em nossas cabeças, seja porque, era-lhes difícil admitir, quando encontravam-se em contato com a “Fração” a existência de outra organização – que confusamente ou não – admitia como principio necessário a reconstrução da IV internacional.<sup>162</sup>

Por isso a carta recebida de Luiz Araújo, no dia 01/05/1970, com informações sobre o ME 1º de Maio era fundamental para demonstrar a existência do grupo. Por outro lado Simaan via como necessário também buscar um acordo com a FBT, sobre a base do reconhecimento do ME 1º de Maio como direção em São Paulo e sobretudo era necessário aprofundar a discussão para um programa do ME 1º de Maio

Embora esteja convencido de que minha mais importante tarefa agora em França seja precisamente a de comunicar o “1º” com alguma organização revolucionária dando absoluta prioridade ao CI, não acredito, que isto deva ser feito em detrimento de nossa existência como organização. (...) Isto não significa que não tenhamos erros e que não estejamos necessitando urgentemente de aperfeiçoamentos. Um deles é o que diz respeito à nossa necessidade de programa e a modificação de nosso caráter como organização. Devemos imediatamente adotar o Programa de Transição como o programa do Movimento. (...) Após o estudo deste programa é necessário escrever um documento e enviá-lo imediatamente à França onde armado como mesmo poderei procurar contatos internacionais para o “1º de Maio” entre organização e organização e não como esta sendo feito (...) Este documento deve tomar a forma de uma análise acerca do período do posadismo, da crise da IV Internacional etc etc . Neste ponto poderei participar das discussões enviando material de leitura e análises pessoais.<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> Como a primeira tentativa de unificação em 1968, abordado no cap. 3 da parte I e as diferenças políticas no movimento estudantil.

<sup>162</sup> Carta de Raul (Arkan Simaan) para Lino (Luiz Araújo). 20/05/1970. In: AEL/Fundo: *Luiz Araújo*.

<sup>163</sup> Idem, ibidem.

Simaan procura concretizar esses objetivos, nesse momento desempenha a função de dirigente político do ME 1º de Maio no exílio. Suas cartas seguintes a Luiz Araújo são análises que visam auxiliar o processo de desenvolvimento político do ME 1º de Maio, entre esses aportes destacam-se as análises do posadismo<sup>164</sup>, uma análise das jornadas de 1968<sup>165</sup>, uma polêmica sobre movimento estudantil<sup>166</sup>. As elaborações de Simaan foram ao encontro das preocupações de Luiz Araújo e, como já vimos, em 1970 começam a se esboçar mais concretamente as modificações no ME 1º de Maio, processo que culmina com a alteração do nome para Organização Comunista 1º de Maio e com a publicação do jornal 1º de Maio nº5, em 1971.<sup>167</sup>

Nesse ínterim Solano desconhecia os rumos das atividades do ME 1º de Maio e superestimava o aspecto organizativo da FBT

O companheiro Filinto [Francisco Solano] esta muito mal informado a respeito da “Fração” e do “1º”. E, sempre que uma questão é colocada ele esta sempre inclinado a ter tolerância com a Fração e a censurar-nos. (...) Ele esta muito confuso no que diz respeito à sua posição. Hora (sic) afirma que na sua volta ao Brasil optaria pela “Fração” ora pelo “1º”.<sup>168</sup>

A repressão sobre a FBT<sup>169</sup>, em abril de 1970, e a passagem de Deivis Hutz pela França antes de ir para Israel, em junho<sup>170</sup> redefine a atuação dos trotskistas. Na reunião com os dois, Deivis afirma a necessidade de unificar as organizações no Brasil. “*No Brasil é necessário se unir a todos os grupos que romperam com o posadismo. Neste sentido com o ‘1º de Maio’*”<sup>171</sup>. Em agosto de 1970 Francisco Solano retorna ao Brasil para restabelecer contato com os militantes do ME 1º de Maio e procurar militantes da FBT dispersos pela repressão visando a unificação das duas organizações. Para Simaan em carta onde é anunciada o retorno de Solano tratava-se de colocar sobre novas bases a concretização de um partido trotskista, combinando os aspectos positivos das duas expressões do trotskismo no Brasil, o aspecto organizativo da FBT e o impulso de se aproximar das massas do ME 1º de

---

<sup>164</sup> Raul ao 1º de Maio: “Contribuições à crítica do posadismo”. Paris 17/07/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

<sup>165</sup> Raul ao 1º de Maio: “1968: Começo de um balanço”. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

<sup>166</sup> Raul ao 1º de Maio: “Alto ao centrismo e à confusão”. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan. Todos estes documentos também foram localizados no AEL/Fundo: Luiz Araújo.

<sup>167</sup> Ver cap.3 da parte I deste trabalho.

<sup>168</sup> Carta de Raul (Arkan Simaan) para Lino (Luiz Araújo). 20/05/1970. In: AEL/Fundo: *Luiz Araújo*.

<sup>169</sup> Prontuário nº 36121. In: Arquivo Público do Estado de São Paulo, fundo DEOPS. E carta de Luiz Araújo a Arkan Simaan, 30/05/1970.

<sup>170</sup> Conforme ata da reunião entre Deivis Hutz com Francisco Solano e Arkan Simaan. “Relato do cp. da ‘Fração’”, 04/06/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

<sup>171</sup> Idem, ibidem.

Maio.

Hoje as duas organizações chegaram a um ponto de crise sério. Ambas devem começar a pensar na construção tanto do Partido nos limites nacionais como da Internacional. Tal tarefa será por demais prejudicada se as duas organizações não pensarem seriamente numa união onde se levarão em conta os créditos e débitos políticos de cada uma com a respeito à revolução. A unificação de todos aqueles que no Brasil se reclamam do trotskismo é uma necessidade imperiosa.<sup>172</sup>

No Brasil Solano procura pelos contatos sugeridos por Deivis Hutz como Maria Hermínia Tavares e Alberto (codinome de Antônio Carlos Leal Campos), a primeira foi militante do POR e uma das signatárias do documento “*Criticar, Planejar e Construir o Partido Coletivamente*” de 1966; Alberto era um dos militantes do nordeste ex-POR que adere a FBT. Não obtém sucesso, Maria Hermínia estava no exílio chileno e Alberto ninguém sabia de seu paradeiro, contudo sabia-se que ele não fora preso<sup>173</sup>. Também estabelece contato com os ex-militantes do ME1º de Maio, Júlio Calasso, Mtnos Calil e Ottaviano De Fiori, mas todos já estavam com outros planos e afastados da militância.

O contato mais profícuo se deu com o ME1º de Maio, através de Luiz Araújo e Alfredo ( codinome). Da longa carta enviada a Simaan, em 28/08/1970, podemos depreender que o objetivo desse contato era ligar os brasileiros ao CI.

É necessário levar muito bem em conta o fato de que os... cps. [companheiros] por terem estado até hoje, pode-se dizer, isolados ( uma ou outra carta quase não conta ... ) conservam ainda muito de uma certa desconfiança, quase inconsciente muitas vezes, em relação ao que vem de fora. (...) Aliado a um sentimento, mesmo que vago, de autosuficiência (eles realmente devem ter suas razões para isso, visto tudo que se passou neste último ano e meio ) esta a ausência de hábito (também bastante compreensível ) de leitura e discussões em conjunto, o que não poderia ser muito diferente. Mas é preciso mudar ! (...) não continuo vendo como poderíamos ou quem quer que seja assimilar um método [marxista] que só a permanência numa organização revolucionária em construção permite. Ora, isto tem um significado muito claro para nós hoje: ligar-nos ao CI. Ligar-nos, é claro, organizacionalmente, mas primeiramente, se assim podemos dizer, metodologicamente, isto é, assimilando-lhe os princípios. (...) tenho muitas vezes a impressão de que pensam poder resolver todos os problemas decorrentes de um longo passado de erros que, repito, não foram os agentes mas que têm que percorrer obrigatoriamente, com inteligência é claro, afim de corrigi-los, tão simplesmente, “ligando-se ao CI”.<sup>174</sup>

Solano retorna a França, provavelmente no mês seguinte. A adesão de Simaan à OCI, entre fins de 1970 e início de 1971, com a vinda de mais dois militantes brasileiros, Victor Leonardi e Paulo Rodolfo Rodrigues Pereira, mais o retorno de Deivis Hutz, que estava em Israel, vai dar outros contornos para a atuação, a partir da França, no desenvolvimento político das organizações trotskistas no Brasil. Articula-se então, entre estes militantes, a

<sup>172</sup> Raul ao 1º de Maio, 06/08/1970. In: Acervo Pessoal Arkan Simaan.

<sup>173</sup> Conf. Carta de Raul à Deivis, 28/08/1970. In: Acervo Pessoal Arkan Simaan.

<sup>174</sup> Carta de Filinto (Francisco Solano) a Raul, 29/08/1970.

organização de um grupo voltado para intervir no processo de unificação. As elaborações desse grupo, por sua vez, seriam publicadas em uma revista destinada a contribuir politicamente para esse processo, e a princípio o objetivo não era tornar-se uma terceira organização. O nome dado a essa revista foi Outubro, uma dupla referência, ao outubro da Revolução Russa de 1917, mas também ao outubro da Revolução Húngara de 1956, onde a classe operária pôs-se de pé contra o stalinismo<sup>175</sup>. A OCI assim definiu, posteriormente, Outubro

O Grupo Outubro é um grupo trotskista agindo entre a emigração brasileira na Europa e buscando ganhar militantes para construir no Brasil o Partido Operário Revolucionário (POR), seção da Quarta Internacional;

O grupo Outubro adota o Programa de Transição e milita internacionalmente no que foi o Comitê Internacional da Quarta Internacional (CIQI), e que será brevemente o Comitê de Organização para a Reconstrução da Quarta Internacional. O Grupo Outubro com respeito às suas relações com os grupos trotskistas no Brasil considera que seus objetivos de luta são, em linhas gerais, os mesmos que os da Fração Bolchevique Trotskista (FBT), do 1º de Maio e do Comitê de Unificação (CU) por eles criado;

O Grupo Outubro mantém com esses dois grupos no Brasil as mais estreitas relações permitidas pelas circunstâncias e se considera participante integral das discussões do CU;

O Grupo Outubro, em razão da distância, da repressão e das dificuldades para desenvolver plenamente uma discussão política, considera de seu dever constituir-se nesta fase como grupo independente e ter sua própria publicação;

Na França, todos os militantes do grupo Outubro, por serem trotskistas, militam na OCI e, com respeito às suas atividades relativas à classe operária francesa, dependem da disciplina organizacional da OCI e, segundo os estatutos desta, pagam cotizações e divulgam a imprensa da OCI;

O Grupo Outubro mantém as mais estreitas relações com a OCI, embora possua fisionomia política própria. Ele discute regularmente com a OCI sobre os diversos problemas políticos e organizacionais aos quais poderá ser confrontado, mas conserva sua autonomia política e organizacional, sendo que na esfera internacional manifesta posições políticas próprias que todo grupo político autônomo possui.<sup>176</sup>

Em carta para Arkan Simaan, de 15/07/1971 Luiz Araújo anuncia a constituição do Comitê de Unificação- FBT/OC1º de Maio. Em novembro de 1971 Francisco Solano retorna ao Brasil, como representante dos trotskistas brasileiros na França, com o objetivo de impulsionar os debates no CU. Ele apresenta ao comitê o documento elaborado por Outubro *Texto Projeto para Discussões*<sup>177</sup>.

As atividades iniciais do CU constituíram em estabelecer um programa de estudos e investigação sobre a situação do movimento pela IV Internacional e a tentativa de desenvolver ações comuns<sup>178</sup>. Um dos acordos iniciais entre duas organizações era a não

<sup>175</sup> Conf. *Revista Outubro*, s/l, abril de 1972, nº1. In: CEDEM/CEMAP: Fundo: Periódicos.

<sup>176</sup> Documento apresentado por Marc (François Chesnais), em 03/11/1971, e aceito pelos militantes de Outubro. Tradução do original em francês Arkan Simaan. E conf. entrevista realizada com Arkan Simaan.

<sup>177</sup> *Texto Projeto para Discussões*, 33 pp. s/d. In: AEL: Fundo Luiz Araújo. Este documento com pequenas modificações será publicado na Revista Outubro nº1 com o título de *Pela Construção de um Partido Operário Revolucionário no Brasil*, na apresentação do documento consta que ele foi escrito em outubro de 1971. *Revista Outubro*, op. cit.

<sup>178</sup> O documento *História do 1º de Maio* aponta os primeiros contatos internacionais a partir de agosto de 1971, com a viagem da militante Ana para a Argentina, seguida da viagem de Gaspar e Marcos, este último militante

definição em relação às organizações internacionais da IV<sup>179</sup>. A chegada de Francisco Solano, representante de Outubro, grupo, como vimos, já vinculado ao CI, vai buscar apressar essa definição, um dos motivos que vai gerar conflitos entre o CU e Outubro, como veremos mais adiante. Por outro lado, algumas fontes indicam que as organizações internacionais, no caso dessas organizações, também estavam atentas com o desenrolar do movimento trotskista no Brasil, havia um interesse político de aproximar essas organizações de suas respectivas organizações internacionais, no caso o CI e a tendência de oposição à direção do SU, que tinha PRT-LV a sua principal organização na América Latina.

Ainda em 1971 militantes do CU, em viagem à Argentina, firmam um acordo político com o PRT-LV<sup>180</sup>. Tal acordo previa a ajuda financeira dos argentinos para os brasileiros, a fim de realizar um congresso de unificação, previsto para janeiro de 1972; a criação de uma imprensa da organização; a criação de uma organização nos moldes do partido bolchevique, com o centralismo democrático; o desenvolvimento de um trabalho nos setores estudantis e operários em São Paulo; e o envio de uma delegação para o curso de formação de quadros para a Argentina, em fevereiro de 1972<sup>181</sup>. Diz ainda, o documento do PRT-LV sobre o acordo com brasileiros

Os acordos do ponto anterior observaram os acordos programáticos e principistas existentes entre as três organizações com referência: a) a oposição total a estratégia guerrilheira; b) a reivindicação principista de que a principal tarefa em nossos países é construir os partidos trotskistas, como a coluna vertebral do futuro partido marxista revolucionário com influência no movimento de massas; c) a necessidade de desenvolver a IV Internacional como a principal tarefa revolucionária, entendendo isso como a aceitação do programa de transição e os princípios trotskistas; d) a necessidade de estruturar uma tendência trotskista ortodoxa em nível mundial e latino-americana; e) estes acordos principistas devem ser a base do trabalho comum e levado ao momento da unificação em uma só organização trotskista latino-americana e mundial, apesar das diferenças táticas-organizativas que nos diferenciam com respeito a participação do PRT (A Verdade) na IV Internacional dirigida por Mandel, Frank, etc.<sup>182</sup>

O acordo incluía ainda o desenvolvimento de atividades internacionais em comum, visando a constituição de uma direção da IV para a América Latina e a incorporação dos brasileiros à redação da Revista de América, periódico do PRT-LV.

---

da FBT. No mesmo documento é mencionada a atuação comum da FBT e da OCI<sup>o</sup> de Maio no setor estudantil, na USP, via participação da FBT na FES. Conf. *História do 1º de Maio*, 33pp. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>179</sup> Conf. Carta de 08/04/1972 [enviada de Santiago, Chile] assinada por R. [provavelmente Luiz Araújo, conforme documento História do 1º de Maio], onde se lê: “Até então, estávamos evitando, durante o trabalho de pesquisa internacional, acusar grupos com os quais estivéssemos discutindo”, sublinhado no original. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>180</sup> É provável que os brasileiros tenham sido convidados a participar como observadores do V Congresso do PRT-LV, realizado em outubro de 1971, conforme cotejamento com o documento *História do 1º de Maio*, op. cit.

<sup>181</sup> Conf. *Documento sem título*, 1 página, sem data [cotejando com História do 1º de Maio e com outros documentos, presumimos que se trata de final de 1971], em espanhol. In: Archivo Leon Trotsky.

<sup>182</sup> *Documento sem título*, op. cit. Tradução nossa.

Desse contato com o setor argentino da tendência minoritária do SU, resulta também uma entrevista dos brasileiros concedida aos argentinos e que será publicada posteriormente na Revista de América<sup>183</sup>. Esta entrevista traz mais elementos para percebermos a visão comum a que chegaram as organizações do CU sobre o processo político brasileiro. Para os brasileiros a repressão política era a base do desenvolvimento econômico que já dava seus sinais e que em seguida será chamado de “milagre brasileiro”, consistindo na integração da economia brasileira ao imperialismo. E definia a luta contra a ditadura militar como a “luta pelas liberdades democráticas e sindicais, contra as leis anti-operárias e anti-democráticas, e pela liberdade de todos os presos políticos, essa é a base da luta do proletariado na atualidade”.<sup>184</sup>Sobre a unificação e a IV Internacional afirmavam

Vemos a construção do partido com um processo de integração entre nossa unificação e nossa participação e fortalecimento nas lutas operárias e estudantis, dentro desse mesmo processo com outras tendências que, evitando as variantes pequeno-burguesas do reformismo e do militarismo, se voltem para a classe operária e se dirijam até o marxismo, isto é, até o trotskismo. (...) a construção do partido revolucionário não será possível nos limites do Brasil e das colônias de exilados brasileiros. O partido só pode ser concebido como parte da unidade revolucionária e da luta de classes mundial. O que significa vincular-se às lutas do proletariado e do trotskismo mundial. Em nosso Congresso de Unificação, trataremos de definir nossa relação com o trotskismo mundial, a IV Internacional.<sup>185</sup>

Desse acordo com o PRT-LV ocorreu poucos avanços, os brasileiros vão conseguir participar da escola de quadros, no início de 1972, no entanto, somente os militantes da FBT participam dessa atividade<sup>186</sup>. Em 1971 militantes do PRT-LV viajam ao Brasil para conferir o desenvolvimento dos acordos. Diz o informe:

Cumprimos todos os acordos assumidos com os companheiros brasileiros para ajuda-los a construir um partido no Brasil. Temos dado a ajuda financeira e os materiais que nos haviam pedido. Da viagem de nossos companheiros a Porto Alegre, podemos chegar a conclusão de dois aspectos. Primeiro que a debilidade do grupo é tremenda, falavam em 6 militantes, que depois se reduziram a três<sup>187</sup>, que não puderam se reunir. (...) Em segundo lugar que dada as características dos companheiros é muito perigoso nosso trabalho no Brasil, por isso devemos nos limitar a apoiar nosso trabalho no Brasil a partir do Uruguai ou Argentina, ajudando em tudo o que pudermos. Não repetindo a experiência da última viagem. O que mais [nos] entusiasma foi a possibilidade de vir para a escola de quadros.

---

<sup>183</sup> La repression al servicio del desarrollismo, Reportaje an Brasil. [entrevista dos militantes do CU]. Revista de América, nº8/9, julho/agosto de 1972, Buenos Aires.pp. 38-41. Em espanhol. In: Archivo Leon Trotsky. Na apresentação da entrevista é mencionado a realização em 1971.

<sup>184</sup> La repression al servicio del desarrollismo, Reportaje an Brasil, op. cit., p.39. Tradução nossa.

<sup>185</sup> La repression al servicio del desarrollismo, Reportaje an Brasil, op. cit., p. 40-41. Tradução nossa.

<sup>186</sup> Conf. Carta de Túlio [ Francisco Solano] para Raul [Arkan Simaan], 22/12/1971. In: Acervo Particular de Arkan Simaan.

<sup>187</sup> Após a queda da FBT em 1970 a organização ficou muito debilitada. Na carta em Luiz Araújo anuncia a formação do CU sobre a Fração ele diz: “Aqui em S. Paulo, deve ter a F.[ração] uns oito elementos...”. Carta de Lino [Luiz Araújo] para Raul/Filinto [Arkan Simaan/Francisco Solano], 15/07/1971. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.



Nós cremos que dada a importância do Brasil para o desenvolvimento do trotskismo vale a pena realizar o esforço que estamos fazendo..<sup>188</sup>

Embora com poucos resultados imediatos, esse contato dos brasileiros com os argentinos vai marcar um setor da FBT, tornando-se importante, posteriormente para a formação de outra organização trotskista no Brasil<sup>189</sup>.

## **2.2 - As discussões com Outubro.**

Foram realizadas poucas reuniões entre o CU e Outubro. A primeira reunião entre o CU e o representante de Outubro, Francisco Solano, ocorre no dia 10 de dezembro<sup>190</sup>. Nesta primeira reunião é discutido pela primeira e única vez o documento elaborado pelos trotskistas brasileiros na França, o *Texto Projeto para Discussões*. Em síntese esse documento faz um balanço político da história recente do país, responsabilizando a política conciliatória do PCB com o grande responsável pela derrota de 1964, o ano de 1968 como o esboço do desenvolvimento da independência política do proletariado, processo interrompido pela repressão e a adesão das organizações à luta armada, a luta pelas liberdades democráticas como o sentido das próximas lutas e a necessidade da construção de Partido Operário Revolucionário no Brasil. É feito também um panorama da história da IV Internacional, condenando a política de Michel Pablo e a de J. Posadas, afirmando o CI como a única alternativa para a reconstrução da organização internacional.

Os militantes do CU manifestam concordância com o documento, não tendo acordo no entanto com a adesão ao CI. Esse é o primeiro desacordo entre o CU e Outubro. “O CU afirma, e tem completa razão, que não pode tomar um posição com respeito a isso, assim, sem conhecer mais profundamente com respeito a crise da IV.” diz Solano na carta de 22/12/71.

Outro problema que surge relacionado ao aspecto da IV Internacional é sobre o próprio grupo Outubro. Para os militantes tratava-se de um terceiro grupo, que defendia as posições da OCI e conseqüentemente do CI. O problema levantado parece ter vindo dos militantes da FBT, que enviam uma carta a Deivis Hutz, militante da fração e membro de

---

<sup>188</sup> Ata da reunião do Comitê Executivo do PRT-LV, 4 páginas, 24/12/1971, em espanhol. In: Archivo Fundación Pluma. Tradução nossa.

<sup>189</sup> Trata-se da formação, em 1974, da Liga Operaria, organização vinculada à minoria do SU. Mais adiante voltaremos a esse aspecto.

<sup>190</sup> Conf. Carta de Túlio Matta [Francisco Solano] para Raul [Arkan Simaan], 22/12/1971. Na carta enviada aos trotskistas brasileiros na França Solano afirma: “sem dúvida alguma os cps. [companheiros] que estiveram com ele [Moreno], sobretudo o cp. [companheiro] da FBT, sofreram sua influência. Até hoje ficara-me difícil argumentar contra o grupo de M.[oreno] (que busca constituir uma fração dentro do S.U. (...) posto que não possuía nenhum dc. [documento] do seu grupo.” Carta de Túlio Matta a Raul, 01/02/1972.

Outubro. Simaan, então envia uma carta à FBT, buscando esclarecer a situação:

Somos um grupo na medida em que temos uma homogeneidade de posições sobre alguns problemas políticos, em especial no que diz respeito às tarefas de reconstrução da IV. Mas isto não quer dizer que sejamos uma 3ª “organização” trotskista brasileira, como o são a FBT e o 1º de Maio. Não temos interesses organizativos diferentes dos cdas [camaradas] da FBT e do 1º. (...) lutamos politicamente pela unificação da Org 1º de Maio e da FBT, isto é, pela formação da necessária organização trotskista brasileira, unificando todos os trotskistas do Brasil. Desde já nos consideramos militantes dessa organização.<sup>191</sup>

Impaciente com as poucas reuniões e com o reduzido avanço do processo de unificação Solano escreve o documento *A unificação dos trotskistas brasileiros deve ser seriamente buscada*. Neste Solano, mais uma vez afirma o objetivo do grupo Outubro, não se constituir em uma terceira organização e contribuir para a unificação dos trotskistas no Brasil. É questionado também os rumos dos militantes da FBT, que diferentemente da sua direção anterior à prisão de 1970, manifestou recusa em participar da minoria do SU<sup>192</sup>. “Atualmente os dirigentes da FBT ( ou ao menos aqueles que se fazem representar no c.u.) dão prioridade de discussões e entendimentos com a minoria do SU pablista e, particularmente, com o grupo de Moreno.”<sup>193</sup>

### ***2.3 - A Conferência Latino-América e a Revolução Boliviana***

As organizações PO da Argentina e o POR da Bolívia organizam a I Conferência Latino-americana pela Reconstrução da IV, nesta a OCI e o CU são convidados. Será nesta ocasião que os trotskistas do CU vão se dividir internamente. A principal discussão da Conferência foi a Estratégia Revolucionária para a América Latina, esta se deu sobre os recentes acontecimentos do processo revolucionário da Bolívia. Em agosto de 1971 o general Hugo Banzer derruba o presidente Juan Torres e toma o poder. Torres era um representante da ala nacionalista do exército boliviano, governava com o apoio da COB desde 1970, após a

---

<sup>191</sup> Caros camaradas da FBT, 16/01/1972. Acervo particular de Arkan Simaan.

<sup>192</sup> Trata-se da carta de Vito Letizia enviada ao CC da OCI após a realização da II Conferência da FBT, onde ele anuncia a revisão crítica do posadismo pela organização e os contatos estabelecidos com o PRT-LV, a qual Solano menciona no documento.

<sup>193</sup> *A unificação dos trotskistas brasileiros deve ser seriamente buscada*, Túlio Matta [Francisco Solano], 03/02/1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo. Os militantes de Outubro desconheciam completamente o movimento trotskista na América Latina, como manifestou em carta Solano, ver nota 37. Simaan, inclusive entra em contato com Jorge Altamira, dirigente de Política Obrera: “No momento parecem estar [os brasileiros] muito impressionados por Moreno e sabemos que alguns deles deverão ir para a Argentina participar de um seminário de Moreno sobre ‘Lógica e dialética’. Aqui temos poucas informações sobre Moreno ( ou mais exatamente, não temos nada), e seria muito importante para levar adiante com eles que vocês mandem para cá tudo quanto possam ter sobre o assunto.” Carta de 07/02/1972, para Jorge [Altamira], em espanhol. Tradução nossa.

tentativa frustrada de golpe do general conservador Oviando, este golpe foi derrotado através da greve geral convocada pela COB. Durante o governo de Torres o movimento operário e popular se rearticula e é constituída a Assembleia Popular Nacional, um verdadeiro organismo de poder dos trabalhadores bolivianos, semelhante ao soviético russo<sup>194</sup>.

O CU escreve o documento *Declaração dos Trotskistas Brasileiros aos Trotskistas Latino-Americanos*<sup>195</sup> onde condena a política do POR boliviano, dirigido por Guillermo Lora, nos acontecimentos recentes da Bolívia, em especial o fato desse partido não ter agitado a palavra de ordem de Todo Poder a Assembleia Popular e após o golpe buscar constituir uma frente com várias organizações, inclusive com o general Torres, o que era considerado como uma capitulação política ao nacionalismo burguês, comprometendo a independência política do proletariado<sup>196</sup>. Embora assinado pelo CU, o documento fora elaborado por militantes da FBT, o que gerou discordâncias do militante Luiz Araújo, já em Santiago do Chile, quando o documento é concluído.

Em carta para Gaspar (OC1º de Maio), de 08/04/1972, Luiz Araújo discorda do conteúdo do documento e sinaliza que não vai apresentar o documento na Conferência. A apresentação do documento ficou a cargo do militante da FBT Paulo Eduardo Aguiar<sup>197</sup>. A divisão entre a FBT e OC1º de Maio é consumada na Conferência. Lora e Altamira defendem a política do POR boliviano em participar da Frente Revolucionária Anti-imperialista, teorizada como a tática da Frente Única Anti-imperialista, recebendo apoio de Luiz Araújo e a oposição da delegação da OCI e do militante da FBT<sup>198</sup>.

A previsão da continuidade da discussão no Brasil não se realiza. Entre abril/maio a repressão desferiu mais um golpe na FBT<sup>199</sup>, prendendo toda sua direção e também Deivis

---

<sup>194</sup> Para mais detalhes sobre o longo processo revolucionário boliviano, iniciado desde os anos 1950, sugerimos o trabalho de ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução Boliviana*. São Paulo, Editora Unesp, 2007.

<sup>195</sup> *Declaração dos Trotskistas Brasileiros aos Trotskistas Latino-Americanos*, CU, março de 1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>196</sup> Logo após o golpe é constituída a Frente Revolucionária Antiimperialista, com o lançamento do manifesto *Aplastemos La Dictadura Fascista y Forjemos El Gobierno del Pueblo*. In: Revista de América nº8/9, mayo-agosto de 1972, Buenos Aires, pp. 27-28.

<sup>197</sup> Conf. MARIANO, Andreyson Silva. *Uma Esquerda em Silêncio, militantes trotskistas de Fortaleza no período de 1963-1970*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, 2011. p. 107.

<sup>198</sup> “ Também participou da Conferência um companheiro da fração que quase é expulso da conferência por se opor a frente anti-imperialista”. Boletim Interno del 21/04/1972. Archivo Fundación Pluma. Tradução nossa. Sobre a posição da OC1º de Maio na Conferência Nahuel Moreno, em carta para Luiz Araújo, critica a política de Lora e provaca “ se a política de Lora e Política Obrera é correta, sejam conseqüentes e a apliquem no Brasil”. Carta de Moreno a Fernando [Luiz Araújo]. In: AEL/Fundo Luiz Araújo. Esta carta também será publicada na Revista de América sob o título Lora Reniega del Trotskismo. In: Revista de América, nº8/9, mayo-agosto de 1972, Buenos Aires, pp 17-26.

<sup>199</sup> IPM, Prontuário nº69567, Fração Bolchevique Trotskista. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS.

Hutz, que regressava da Conferência. Com a queda da FBT o CU é totalmente desarticulado e por questões de segurança obriga os militantes da OC1ºde Maio a recuar, paralisando suas atividades. Com isso o contato com Outubro também é interrompido, sendo retomado apenas ao final do ano, por ocasião da I Conferência da OC1ºde Maio, quando Francisco Solano é convidado para participar. Esse episódio, que poderia ser a re-ativação das relações entre Outubro e OC1ºde Maio vai selar o rompimento entre as organizações. Solano não cumpre o pedido do 1ºde Maio em manter sigilo sobre a realização da conferência, por questões de segurança, informando aos militantes na França de seus preparativos<sup>200</sup>. E por fim, no final de 1972, junto com estudantes secundaristas funda o grupo Outubro, tornando de fato o grupo em uma terceira organização<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> Conf. Carta aberta ao companheiro Aquiles [Francisco Solano], 06/01/1973. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>201</sup> Miroslava Lima conta que Francisco Solano era professor de teatro na antiga escola vocacional do bairro do Brooklin. A partir da disposição dos estudantes em criar um grêmio aproximam-se de Francisco Solano, fundando logo em seguida Outubro. Conf. Depoimento de Miroslava Lima a Tiago de Oliveira, São Paulo, 21/09/2012.

### ***III A unificação das organizações, formação da OSI.1975-1976***

A frustrada tentativa de unificação, ao longo dos anos 1971-72, por divergências quanto ao alinhamento internacional da organização, mas principalmente com a repressão que se abate sobre a FBT, em 1972, inviabilizando a continuidade dos debates, colocou os trotskistas a dispersão e a atuação isolada das organizações, com poucos militantes, em difíceis condições de atuação política revolucionária. E, por fim, fragmentou ainda mais as forças do trotskismo com a transformação de fato de Outubro em uma terceira organização. E para além dos aspectos mais na superfície, desse período, podemos encontrar aqui também a arguta observação de Jacob Gorender

nas fases descendentes, após o impacto de derrotas e no ambiente de refluxo do movimento de massas, em condições de clandestinidade cada vez mais densa, quando o intercâmbio flui através de precários canais, prevalece a tendência à fragmentação, as cisões repetidas. São as fases de *rachas*, de divisões e subdivisões, às vezes motivadas por questões secundárias ou pelas rivalidades personalizadas.<sup>202</sup>

#### ***1. Os caminhos da FBT***

Enquanto uma parte de militantes da FBT, que conseguiu escapar da primeira queda, em 1970, era encarcerada em 1972, no final do mesmo ano Deivis Hutz e Vito Letizia eram liberados. Hutz retorna ao Rio Grande do Sul, retoma os contatos e procura reconstruir a FBT, “já com uma influência no ME”<sup>203</sup>, Letizia assim que sai da cadeia parte para o exílio na França, sua presença no Brasil podia redundar em nova prisão<sup>204</sup>. Os dois expressavam uma adesão política ao projeto da OCI e da recém fundação do CORQUI. A ida de Letizia a França, o estreitamento dos laços com o grupo Outubro francês e com a OCI, certamente re-colocou e aprofundou a perspectiva de unificação das duas organizações.

Por outro lado, a FBT pelo menos desde a primeira queda, não era homogênea politicamente, existia outro setor da organização que nas questões internacionais se aproximou mais da perspectiva da minoria do SU, a Tendência Leninista Trotskista,

---

<sup>202</sup> GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*, São Paulo, Ática, 1987. p. 79

<sup>203</sup> Depoimento de Deivis Hutz a Tiago de Oliveira, Suzano-SP, 04/05/2013.

<sup>204</sup> “O problema particular de V[ito] é que é queimado total. Discutimos e achamos que é essencial que de imediato ele saísse do país, indo naturalmente para aí [França]. Não só será um auxiliar precioso ao trabalho, como solucionará por completo toda aquela história de mal-entendido, “terceiro grupo”, etc. Deverá ir para aí já com bolsa de estudos arranjada e uma situação estável. Sugiro que seja integrado imediatamente ao trabalho.” Carta de Andrés [Deivis Hutz] a Raul [Arkan Simaan], 19/12/1972.

representado na América Latina pelo PRT-LV. Esse setor era representado justamente pelos militantes presos nas quedas de 1972, principalmente por Julio Tavares e Arnaldo Schreine, militantes que haviam estabelecido contato com Nahuel Moreno, participado de cursos de formação do PRT-LV, no início de 1972. Os caminhos desse setor serão definidos a partir de 1974. Neste ano quatro militantes brasileiros exilados no Chile participantes do Grupo Punto de Partida, fugindo do golpe de Pinochet buscam asilo na Argentina. Neste país, em dezembro de 1973, Jorge Pinheiro, Maria José Lourenço, Valderez Duarte e Waldo Mermelstein fundam a Liga Operária, já participante, a partir do contato com o dirigente argentino Nahuel Moreno do PRT-LV, da tendência minoritária da IV(SU), então chamada de Tendência Leninista Trotskista. Em 1974 retornam clandestinamente ao Brasil, intervindo inicialmente no movimento estudantil e buscando retomar o contato com ex-militantes do Punto de Partida exilados na Europa (FARIA, 2005, p. 27-29 e MERMELSTEIN, 2011) fundando a Liga Operária (LO). No primeiro congresso da LO ocorre a unificação da liga com os remanescentes da FBT<sup>205</sup>.

## 1.2 – Surge a *Organização Marxista Brasileira (OMB)*

O outro setor da FBT vai convergir para a unificação com o grupo Outubro e a organização sindical Organização de Mobilização Operária (OMO)<sup>206</sup>. Os primeiros contatos entre a OMO e Outubro começaram ainda em 1971<sup>207</sup>, quando surge a organização<sup>208</sup> e Francisco Solano participava (como representante do Outubro) do Comitê de Unificação OC1º de Maio-FBT<sup>209</sup>. O principal contato da OMO era Paulo Skromov que entre 1968 e 1970 era estudante do curso de História da USP e bancário, no Banespa. Com a repressão aos militantes da oposição sindical em 1970, após a realização de uma manifestação do primeiro de maio<sup>210</sup>, Skromov consegue escapar da prisão ao passar despercebidamente pelos agentes do DOPS no banco e vai para a clandestinidade.

---

<sup>205</sup> *Por la unificación de los revolucionarios marxistas brasileños*, 15/01/1974. In: Archivo Leon Trotsky.

<sup>206</sup> Conf. Depoimento de Paulo de Mattos Skromov a Tiago de Oliveira, 18/10/2013.

<sup>207</sup> Carta a direção da OMO, a questão da organização ser somente sindical.

<sup>208</sup> Depoimento de Skromov.

<sup>209</sup> Skromov, por outro lado, era um contato muito próximo da OC1º de Maio. Este aproximou-se dos trotskistas quando do seu ingresso como estudante no curso de História da USP, em 1968, quando conhece, entre outros, Fábio Munhoz, Ottaviano De Fiori, Doroty Massola, ex-militantes do POR-T. Nesse período também era bancário do Banespa. Possivelmente é com Skromov que o ME1º de Maio inicia sua inserção no movimento sindical bancário. Essa experiência é interrompida com a prisão de militantes pelo DOPS, em março de 1970. Skromov consegue fugir. Conf. Entrevista de Paulo Skromov a Rose Spina. In: Teoria e Debate, nº 63, julho/agosto de 2005.

<sup>210</sup> Idem.

Em 1971 Skromov torna-se trabalhador em uma empresa de sapatos e bolsas, em São Paulo<sup>211</sup>. Em seguida participa do sindicato dos coureiros e inclusive é eleito para participar de sua diretoria, em 1973. Não chega a tomar posse, no mesmo ano ele é preso em decorrência das mobilizações contrárias a extinção do cobrador de ônibus<sup>212</sup>. Fica detido um mês, sofrendo torturas, os agentes da repressão buscavam mais informações acerca da OMO. Liberado, sem prisão sentenciada, logo depois Skromov ainda é procurado, decide então partir para o exílio, indo para a Argentina em novembro de 1973<sup>213</sup>.

Em Buenos Aires, em fins de 1973, será acertado os preparativos para a unificação da OMO com Outubro ( organização já organizada no Brasil ), incorporando também a FBT. Na sede de Política Obrera foi firmado e definido a preparação da unificação, que se realizou em Tramandaí, praia próxima a Porto Alegre, em dezembro de 1974<sup>214</sup>. Surge então a Organização Marxista Brasileira (OMB), aglutinando as organizações sindicais da OMO, os remanescentes da FBT afinados com o CORQUI/OCI e os militantes de Outubro (do Brasil e os que estavam residindo na França). A OMB surge totalizando aproximadamente sessenta militantes, grande parte destes provinham da OMO<sup>215</sup>. Essa unificação será um passo importante para a busca de unificação dos trotskistas com a OC1º de Maio, que vai ocorrer em 1976, com a fundação da OSI.

## **2. - A Organização Comunista 1º de Maio entre 1971-1974.**

Durante este período, 1971-1975, a OC1º de Maio continuou suas atividades políticas e mesmo sob difíceis condições conseguiu ampliar seus quadros militantes<sup>216</sup>. Desde o

---

<sup>211</sup> É desde ano que as articulações de militantes sindicais vai dar origem a OMO, organização da qual Skromov foi fundador e dirigente: “fundamos a OMO em 1971 que era a união dos Comitês de Mobilização Metalúrgico; Gráfico; Coureiro-calçadista e mais alguns militantes sindicais trotskistas de outras categorias operárias, da Grande São Paulo e de algumas cidades do interior.” Depoimento a Tiago de Oliveira.

<sup>212</sup> Medida tomada pelo então secretário de transporte Paulo Maluf.

<sup>213</sup> Conf. Entrevista de Paulo Skromov a Rose Spina. In: Teoria e Debate, nº 63, julho/agosto de 2005.

<sup>214</sup> Conf. Depoimento de Paulo Skromov a Tiago de Oliveira.

<sup>215</sup> Skromov estimou o número de militantes da OMO em trinta militantes: “Em SP eramos pouco mais de 30 companheiros em células, na capital, na Grande SP: Osasco, Santo André, SBC, Carapicuíba e Jandira, e, no interior (Campinas e Porto Ferreira). Tínhamos alguns metalúrgicos em MG (na Alcan, Ouro Preto) e na CSN Volta Redonda.” Conf Depoimento a Tiago de Oliveira. Já Júlio Turra no momento da unificação da OMB com a OC1º de Maio, estima em sessenta o número de militantes para cada organização. Entrevista de Júlio Turra concedida a Tiago de Oliveira, São Paulo, 24/08/12.

<sup>216</sup> A OC1º de Maio desenvolveu uma atividade clandestina baseada em um rígido esquema de segurança, com trocas de codinomes, reuniões em locais desconhecidos pelos militantes, onde somente uma pessoa sabia o local, etc. Tal foi o êxito dessa atuação que nenhum militante foi preso, o registro, pelo órgãos de repressão, da existência da organização são raros, ela é mencionada somente na segunda queda da FBT em 1972, onde a repressão é informada sobre a iniciativa da unificação, os cuidados com a segurança pela OC1º de Maio impossibilitou que a repressão a desbaratasse.

lançamento do jornal nº5, com o documento *Algumas considerações sobre a formação da direção revolucionária do proletariado*, em janeiro de 1971, documento que marca a transição para uma organização política, a OC1º de Maio buscava desenvolver uma política baseada nas *lições de outubro*, ou seja, em contraposição ao PCB e às organizações da luta armada a afirmação da concepção da revolução proletária: “a tomada do poder pelo proletariado e seu exercício pelos organismos de poder de classe – os conselhos operários, sobretudo – para a construção do socialismo.”

Para a OC1º de Maio as jornadas de 1968 esboçaram a formação de uma direção política do proletariado independente dos pelegos nacionalistas e do reformismo conciliador do PCB. Esta direção fora formada após o golpe, entre 1964-1967, constituindo-se como alternativa às direções anteriores, especialmente a partir das oposições sindicais de algumas categorias, como em metalúrgicos e bancários. As oposições conseguiram dirigir importantes lutas em 1968, sendo a greve de Osasco seu exemplo mais destacado, tendo a frente o jovem operário José Ibrahim.

As oposições sindicais, surgidas neste período [1964-1967] foram o organismo por onde os trabalhadores se organizaram para lutar contra os pelegos nos sindicatos, contra o regime, o governo e sua política de arrocho, expressando principalmente através delas seu descontentamento.

A ausência do Partido Operário, como direção política revolucionária, a própria composição dessas organizações, que incluíam desde a concepção puramente sindicalista, nacionalistas e militantes que pró-luta armada, para os trotskistas da OC1º de Maio levou ao refluxo do movimento e à interrupção do processo de formação de uma direção revolucionária do proletariado.

A ausência dessa organização da vanguarda revolucionária do proletariado fez com que, após o refluxo do movimento de massa, com a intensificação da repressão, a necessidade de organização e clandestinidade maiores, as organizações pequeno-burguesas, nacionalistas, militaristas, que propõem e tentaram executar a substituição da classe operária no processo revolucionário, encontrassem condições mais propícias para desenvolverem suas atividades, arrastando líderes de massas, fazendo desencadear feroz repressão sobre as direções de massa, atrasando as mobilizações, confundindo os objetivos da luta e se constituindo num pólo negativo em oposição ao ascenso revolucionário de 1968.

O projeto político da OC1º de Maio vai se constituir sob a avaliação dessa experiência de 1968, valorizando a experiência de independência política do proletariado manifestada naquele período, destacando como meta de intervenção política sua aproximação junto as oposições sindicais, visando estender as oposições, unificando-as, fortalecendo-as para que se tornassem tendências proletárias para o combate político. Um trabalho político voltado a



organização da classe operária, trabalho abandonado, depois de 1968, pela *crítica das armas*.

Se temos de fazer um paralelo dessa agitação revolucionária com a anterior a 1964 e com o refluxo de 1964/1967, temos também de considerar o significado profundo, com um brado de alerta, do refluxo de 1968, impregnado até a medula de militarismo nacionalista, suas causas e conseqüências, tirando as lições para o próximo ascenso do movimento de massas. (...) Por falta de perspectiva, de visão dos meios, a falta total de clareza sobre os objetivos – poder à classe operária como classe – tentam levar à prática, na luta contra a classe dominante, a substituição da classe operária, partindo para enfrentamentos com a polícia, por grupos de “vanguarda”, que advogam defender o interesse dos trabalhadores. (...) o despreparo político, que é geral, dos componentes desses grupos que, por não se lhes apresentarem outra saída, reduziram toda a luta política de classes, contra um sistema de instituições, de relações sociais, de ideias, ao enfrentamento com a polícia.

Como todas as organizações de esquerda no período, a OC1º de Maio também subestimou o fechamento político a partir de do AI-5, vendo no endurecimento repressivo mas a fraqueza do regime do que sua força. A partir de 1969 não ocorreu apenas um refluxo do movimento de massas, mais que isso foi encerrado, através do terrorismo de estado, um ciclo de luta social anti-ditatorial. Um novo ascenso do movimento de massas não estava tão próximo como desejava a OC1º de Maio no documento que destacamos. As possibilidades de atuação políticas tornam-se mínimas, o movimento estudantil é reprimido, as organizações armadas são perseguidas, com aparelhos de repressão mais organizados e sofisticados, assim como no movimento operário<sup>217</sup>.

Entre 1971 e 1972, ainda sob difíceis condições políticas, além das atividades do Comitê de Unificação FBT-OC1º de Maio, os trotskistas de São Paulo desenvolvem a perspectiva de transformar a OC1º de Maio em um momento inicial da formação de um Partido Operário Revolucionário. No movimento estudantil criam a Frente Estudantil Socialista (FES)<sup>218</sup> na USP, consolidando a intervenção entre os estudantes dos cursos de letras, história, filosofia, física e principalmente em ciências sociais. A FES procurava organizar os estudantes para a reconstrução do movimento estudantil, desarticulado pela repressão a partir de 1969, com a perseguição política e na prática impedindo os estudantes de manter suas entidades estudantis (CA's, grêmios) com o Decreto-lei 477, de 1969, e o

<sup>217</sup> FREDERICO, Celso. A Esquerda e Movimento Operário, 1964-1984. São Paulo, Novos Rumos, 1987. vol.

<sup>218</sup> Em carta de janeiro de 1971 a Arkan Simaan e Francisco Solano, anuncia Luiz Araújo: “Por aqui, o que de mais incentivador temos é o desenvolvimento da Frente Estudantil Socialista. Duas pessoas estavam encarregadas, há mais de um mês, de lhes enviar o jornal nº2 da Frente, e não o fizeram. (...) Devem já ter recebido a carta-programa do Ceups e jornal operário do 1º. O Jornal nº2 terá uma tiragem total de 3000 exemplares. Comparados aos 200 que o ME 1º tiravam em 69, foi uma evolução. Somos o único grupo que conseguiu centralizar um trabalho nesta férias. Contamos com quinze participantes, diferentes daqueles quinze que participavam há seis meses: mais jovens politicamente, mais interessados, mais disposto. Estamos cumprindo um programa de discussão.” Carta de Lino [Luiz Araújo] para Raul [Simaan] e Filinto [Solano]. São Paulo-Paris, 19/01/1971.

Decreto-lei 228, de 1969<sup>219</sup>. Inicialmente com poucos espaços para a atuação política aberta, a FES promovia grupos de estudos, inclusive durante as férias<sup>220</sup>.

No movimento estudantil, iniciamos este período com a FES em processo de reativação – depois de um período de refluxo (da FES) – processo este que nos levará até o final do ano, a uma situação bastante boa: em Ciências Sociais, apesar de perdermos as eleições, éramos, sem dúvida nenhuma, a direção do processo; havíamos crescido, constituído diversos grupos com elementos que despontavam como possíveis quadros políticos; determinávamos as assembléias e suas resoluções; em Filosofia absorvemos os companheiros, que vieram, posteriormente, a integrar a Organização e que se constituem na direção política do curso. Em História e Letras caminhávamos para a construção de grupos da FES.<sup>221</sup>

Normando, militante da OC1º de Maio a partir de 1971 e um dos responsáveis pela FES, relata o desenvolvimento da experiência da OC1º de Maio no movimento estudantil da USP.

Uma das entidades que a gente ajudou a construir foi o da Ciências Sociais, o CEUPS<sup>222</sup>. Foi um processo muito rico a construção do CEUPS, num primeiro momento contou inclusive com a participação de professores, nós fizemos uma espécie de seminário para discutir o que fazer, o que não fazer e tudo o mais. Era comum naquela época fazer muitas comissões, uma delas era a comissão do B.I., Boletim de Informações, era um jornal do centro acadêmico. Eu entrei nessa comissão. Nessa época o 1º de Maio devia ser uns cinco militantes, era o Luiz [Araújo], o físico [Carlos Eduardo], a companheira dele e o Skromov, o Skromov ficou um tempo ali e depois saiu.(...) Eu era o único militante nas Ciências Sociais, o Luiz era da filosofia, era o teórico do grupo ... Nessa comissão do BI eu acabei construindo junto com outros estudantes o que a gente chamou de esquerda do BI, era um grupo relativamente grande e inicialmente ele era dominado pelo pessoal da AP, que dirigia, ganhava as votações e impunha a linha (...) Eles tinham uma postura, uma linha política muito, para mim pelo menos, muito conciliadora, muito reformista como a gente falava na época, não tinha um posicionamento claro contra a ditadura, por exemplo. O jornal ficava muito restrito às questões meramente acadêmicas, enquanto nós tentávamos levar para uma discussão da situação política, do que estava acontecendo. E pouco a pouco acabou se constituindo essa esquerda, que chegou a ter umas dez pessoas, dos quais todos acabaram entrando para o 1º de Maio. Quando a gente ganhou a maioria a AP caiu fora e na seqüência nós ganhamos o centro acadêmico, aí não só o 1º de Maio, mas ampliado, junto com outros estudantes. Entre outros que formaram a esquerda do BI e entraram no 1º de Maio, estavam o Julio Turra, o Paulo Moreira Leite. A partir da entrada desse pessoal das Ciências Sociais, nós começamos a atrair gente da filosofia, onde o Luiz já estudava, mas muito gente foi atraída por esse trabalho que a gente fez na esquerda do BI, entre outros veio o Glauco Arbix.<sup>223</sup>

---

<sup>219</sup> O decreto 477 tornava infração grave qualquer atividade de cunho político por parte da comunidade universitária, punindo os professores e funcionários com demissão e aos estudantes com a expulsão. Já decreto 228 estabelecia a intervenção nas organizações estudantis, estipulando a organização da eleição, financiamento e determinando objetivos não-políticos. Conf. Revista Adusp, outubro de 2004.p.71.

<sup>220</sup> Um documento da OC1º de Maio de 1972 menciona a preparação de um curso de férias logo após a eleição para o CA da Ciências Sociais em que contou com a inscrição de quase 500 estudantes. Chamando atenção para o espaço de atuação da organização através dos grupos de estudos, visando a atuação no movimento estudantil. O militante que assina o documento propõe vários temas para a organização dos grupos de estudos, entre eles, Situação Nacional (“milagre econômico” etc), Problemas Estratégicos, Papel do Movimento Estudantil, Formas Organizativas e Plano de Ação. Documento de 3 pp. 23/12/1972. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>221</sup> Conf. documento *História do 1º de Maio*, 33pp. op. cit.

<sup>222</sup> Para driblar a repressão os estudantes criavam CA’s como se fossem centros de estudos, como o Centro de Estudos Universitário e Pesquisa Social e o Centro de Estudos de Física e Matemática, o CEFISMA, CA dos cursos de física e matemática. Conf. Revista Adusp, op. cit.

<sup>223</sup> Depoimento de Normando Leão Sampaio a Tiago de Oliveira. 17/06/2013.

Ainda nesse período a OC1º de Maio busca iniciar uma intervenção no movimento operário, no ABC e em São Paulo<sup>224</sup>. Desse contato, um operário do ABC entra para a organização e é constituído grupos operários nesta região e em São Paulo e em julho 1972, fruto desse trabalho junto aos operários, é lançado o jornal O Batente, o jornal da TESICLA, por uma Tendência Sindical Classista<sup>225</sup>. Com a queda da FBT, em 1972, a OC1º de Maio recua, por questões de segurança, interrompe temporariamente sua atuação no movimento operário, o jornal O Batente não passa do primeiro número<sup>226</sup>.

Entre o final do ano de 1972 e início de 1973 a OC1º de Maio realiza sua 1ª Conferência<sup>227</sup>. A partir desse processo a organização busca se constituir em uma organizações inspirada na concepção de partido bolchevique<sup>228</sup>.

A Organização Comunista 1º de Maio se define como um grupo político que coloca como objetivo fundamental para a tomada do Poder pelas massas sob a direção do proletariado, para a constituição da republica soviética socialista, a construção do Partido Operário Revolucionário e da IV Internacional, tal como o propõe o Programa de Transição, de Leon Trotsky de 1938.

É um grupo marxista que, aceitando as formas leninistas do Centralismo-Democrático – completa liberdade na discussão, completa unidade na ação – se organiza de forma partidária, composto de quadros políticos, disciplinados, centralizados, em função de sua atividade interna e externa, com os objetivos acima referidos. Para tal, combinando formas de luta legais, ilegais, até a mais rigorosa clandestinidade ...<sup>229</sup>

É aprofundado as perspectivas da política de combate a ditadura e de construção da organização através da organização de tendências políticas, no movimento sindical e no movimento estudantil.

---

<sup>224</sup> Conf. documento *História do 1º de Maio*, 33pp. Gaspar, 14/01/1973. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>225</sup> Conf. documento *História do 1º de Maio*, 33pp. op. cit.

<sup>226</sup> Não conseguimos localizar o jornal O Batente nos arquivos, possivelmente ele foi destruído na seqüência das quedas da FBT de 1972. Um exemplar do nº1 consegue chegar na França e é publicado na revista Outubro nº2, em 1972. In: CEDEM/CEMAP, Fundo Asmob. O Batente caracterizava-se pela intervenção sindical, levantando a necessidade da independência dos sindicatos e com reivindicações sindicais. O Batente só voltará a ser publicado novamente em 1974, até 1976, quando concluisse a unificação das organizações. Circulou entre os trabalhos sindicais da OC1º de Maio, entre bancários de São Paulo e metalúrgicos de São Bernardo, Santo André e Osasco. Conf. Depoimento de Normando Leão Sampaio a Tiago de Oliveira. 17/06/2013.

<sup>227</sup> A partir de novembro de 1972 é constituída uma Comissão Organizatória para a preparação da 1ª Conferência, composta de três militantes, um dos mais experientes, um do movimento estudantil e um do movimento operário. A conferência conclui-se em janeiro de 1972. Conf. *Aos Companheiros da OC1º de Maio*, São Paulo, 06/11/1972. 4 pp. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

<sup>228</sup> A Conferência foi organizada com o objetivo de reorganizar a organização, definindo-a em um sentido de organização de revolucionários profissionais. Contou com a elaboração de três teses: situação nacional, partido e evolução do 1º de Maio; e com quatro resoluções: atuação da OC1º de Maio, estatutos, disciplina e reorganização segundo os estatutos. Conf. *Aos Companheiros da OC1º de Maio*, op. cit.

<sup>229</sup> *Estatutos da Organização Comunista 1º de Maio*. In: AEL/Fundo MSR. O Estatuto define ainda a realização anual da Conferência, como instância máxima da organização e a composição da sua direção, dois militantes no comitê executivo, três no bureau político, que juntos formariam o comitê central da organização, com mandato até a próxima conferência.

### 3 - O surgimento da Organização Socialista Internacionalista (OSI)

A unificação da OMB com a OC1º de Maio ocorre na conferência realizada em novembro de 1976. Este processo foi iniciado a partir de uma reunião do Bureau Internacional do CORQUI em 1975, em Paris, com a participação dos representantes da organização. Ainda em 1976 a OC1º de Maio realiza sua III Conferência encaminhando a unificação com a OMB na troca de documentos através da constituição de uma coordenação entre as duas organizações. Nos arquivos que percorremos localizamos um número muito limitado destes documentos, o que não nos permite acompanhar o desenvolvimento das discussões políticas que deram origem a OSI, em 1976.

Outras fontes no entanto nos permitem afirmar que existia uma convergência política entre as organizações e que possibilitarão a unificação. Desde o início dos anos 1970 já podemos perceber uma visão comum entre essas organizações trotskistas: a responsabilidade do PCB pela derrota do proletariado em 1964, com sua política de aliança com a burguesia e sua concepção etapista da revolução socialista; a crítica às organizações que aderiram a luta armada, afastando-se da luta pela organização da classe operária; e a perspectiva da luta pelas liberdades democráticas.

Em entrevista concedida em 1971 ao periódico do PRT-LV os militantes do Comitê de Unificação FBT-OC1º de Maio afirmam:

A luta por liberdades democráticas e sindicais, contra as leis anti-operárias e antidemocráticas e pela liberdade de todos os presos políticos é a base da luta do proletariado na atualidade (...) Nós buscamos constituir essa frente para a ação. Chamamos essa frente, mas ao mesmo tempo, lutamos pela construção do partido trotskista, pela revolução socialista (...) Consideramos que a unificação da Organização Comunista 1º de Maio e a Fração Bolchevique Trotskista é um passo importante na luta revolucionária e de classe para a constituição do partido leninista no Brasil (...) Vemos a construção do partido como um processo de integração entre nossa unificação e nossa participação no fortalecimento das lutas operárias e estudantis e a integração, dentro desse mesmo processo de outras tendências que, evitando as variantes pequeno burguesas do reformismo e do militarismo, se voltem para a classe operária e se dirijam ao marxismo, isto é, ao trotskismo.<sup>230</sup>

No mesmo sentido ia também o grupo Outubro no *Texto para a Discussão* preparado para as discussões com o Comitê de Unificação FBT-OC1º de Maio, em fins de 1971, posteriormente publicado na primeira edição da revista Outubro. O sentido das próximas

---

<sup>230</sup> Em espanhol, tradução nossa. A entrevista foi publicada na Revista de América nº8/9, mayo-agosto de 1972, Buenos Aires, pp. 38-41. Segundo a apresentação da revista a entrevista foi realizada em 1971 por militantes do PRT-LV no Brasil e publicado no jornal La Verdad do PRT. O mais provável é que os militantes brasileiros tenham viajado à Buenos Aires, conforme o documento *História do 1º de Maio*, por razões de segurança a viagem não foi mencionada. A entrevista então aparece primeiro publicada nas edições 292 e 293, de 1971 do La Verdad e depois na Revista de América. Em 1973 a mesma entrevista é publicada na revista Punto de Partida nº1, enero de 1973, Chile, pp. 5-8.

mobilizações no Brasil, para o grupo Outubro, iria se chocar inevitavelmente com o regime militar colocando imediatamente a

questão dos direitos e liberdades democráticas que a ditadura das classes dominantes pisoteia todos os dias. Dentro dessa perspectiva, a luta contra a ditadura é inseparável da luta pelas liberdades democráticas. E isto desde já, desde hoje. Sem tal luta não pode existir luta pelo governo operário-camponês, mesmo porque esta palavra-de-ordem não pode, nas atuais condições, ser agitada ao dia a dia, mas unicamente figurar em nossa propaganda. (...) Em sua tarefa de organizar as massas, centraliza-las e lança-las contra a ditadura, isto é, construir o partido revolucionário da classe operária, o combate dos marxistas pelas liberdades e direitos democráticos, ao dia a dia, de maneira agitativa e desde hoje, desde já, é indispensável, é imperativo. Minimiza-lo é um gravíssimo erro. Esquecê-lo é pura e simplesmente um absurdo.<sup>231</sup>

Essa visão comum dos trotskistas porém não os levou a unificação tão cedo. Além da repressão que desarticulou a reorganização da FBT em 1972, impedindo a continuidade da discussão que naquele momento girava em torno das correntes internacionais da IV Internacional, somou-se também as divergências com o representante do grupo Outubro no Brasil, Francisco Solano<sup>232</sup>.

Em meio as quedas e a dispersão dos trotskistas é fundado o Comitê de Organização para a Reconstrução da Quarta Internacional (CORQUI), em julho de 1972, fundação da qual participa o grupo Outubro. Ainda em 1972 Deivis Hutz e Vito Letizia logo após a saída da prisão, manifestam acordo com o CORQUI<sup>233</sup>. Já a OC1º de Maio em sua I Conferência, concluída no início de 1973, vai confirmar sua adesão à organização internacional<sup>234</sup>. A adesão a mesma organização internacional certamente colocou a unificação das organizações em outro patamar, impondo também sua necessidade. Eram organizações pequenas, com avaliações políticas semelhantes, da mesma organização internacional, não fazia sentido a divisão, como lembra Julio Turra.

Ao nosso ver, no entanto, um outro fator que se não foi determinante para a unificação, foi um dos fatores fundamentais para a unificação: a retomada das mobilizações sociais. Estas tem início com a reorganização do movimento estudantil, abrindo um novo

---

<sup>231</sup> Pela construção de um Partido Operário Revolucionário no Brasil, 29-31. In: Revista Outubro, nº1, abril de 1972.

<sup>232</sup> *Aos trotskistas brasileiros na França, sobre problemas de unificação*. No processo da I Conferência da OC1º de Maio, no final de 1972, essa organização sela o rompimento com o representante de Outubro no Brasil, [argumentar um pouco].

<sup>233</sup> “Em primeiro lugar V[ito]: está ótimo, integralmente [sublinhado no original] de acordo conosco, em todos os pontos. Vibrou como eu com a saída da segunda edição [Outubro nº 2]. O problema particular de V[ito] é que é queimado total. Discutimos e achamos que é essencial que de imediato ele saísse do país, indo naturalmente para aí [França]. Não só será um auxiliar precioso ao trabalho, como solucionará por completo toda aquela história de mal-entendido, “terceiro grupo”, etc. Deverá ir para aí já com bolsa de estudos arranjada e uma situação estável. Sugiro que seja integrado imediatamente ao trabalho”. Carta de Andrés [Deivis Hutz] a Raul [Arkan Simaan], 19/12/1972. Em francês. Tradução gentilmente realizada por Arkan Simaan.

<sup>234</sup> *Resolução política da O...* [OC1º de Maio], [1973]. In: AEL/Fundo Luiz Araújo.

ciclo das lutas sociais no Brasil que vai se adensar com a entrada em cena dos trabalhadores, nas grandes greves dos metalúrgicos do ABC, no final da década de 1970, que através das suas reivindicações vão questionar abertamente a ditadura militar. Nesse processo os trotskistas conseguem estabelecer os vínculos com os sentidos das lutas sociais, combinando o acúmulo das suas elaborações políticas com o devir concreto das mobilizações políticas. Salvo engano, nos anos 1970, foi no movimento estudantil da USP que os trotskistas conseguiram maior audiência para as suas propostas. Vejamos.

### ***3.1-A reorganização do movimento estudantil da USP e a luta pelas liberdades democráticas***

As mobilizações estudantis na USP vão cumprir um importante papel no processo de reorganização do movimento estudantil nacional, processo que culmina em 1979 com o 31º Congresso da UNE, o congresso de sua reconstrução, em Salvador. Pouco a pouco as lutas estudantis, em São Paulo, vão articulando suas pautas específicas com as reivindicações democráticas.

Desde o início da década de 1970 o movimento estudantil uspiiano passava por um processo embrionário de reorganização. Os CA's pouco a pouco voltam a funcionar procurando organizar os estudantes. A reativação dos CA's será um primeiro passo para a organização do Diretório Central dos Estudantes, entidade destinada a representar o conjunto dos estudantes<sup>235</sup>. Com a impossibilidade da continuidade do DCE em 1971 as pautas estudantis foram organizadas através da articulação dos CA's, primeiro via Comissão dos Presidentes dos Centros Acadêmicos (CP), em 1971, e depois com o Conselho de Centros Acadêmicos (CCA), a partir de 1972<sup>236</sup>, que aglutinava 17 dos 26 CA's da USP. No segundo semestre de 1972 o CCA organiza o plebiscito sobre a proposta do "Ensino Pago na USP", então em discussão no MEC. A grande maioria dos cerca de 10 mil votantes (95%), entre

---

<sup>235</sup> O DCE da USP depois de 1969 continuou existindo "clandestinamente", distante dos estudantes e com poucas ações políticas. Entre seus diretores, no período 1970 estavam Ronaldo Mouth Queiroz, estudante de geologia e militante da ALN, foi assassinado pela ditadura em 1973. Conf. Biografia, Ronaldo Mouth Queiroz, disponível em: <http://movebr.wikidot.com/bio:queirozrm>, acessado em 28/10/2013.

<sup>236</sup> Para mais detalhes desse período ver os importantes trabalhos de CANCIAN, Renato. *Movimento estudantil e repressão política: o ato público na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e o destino de uma geração de estudantes*. 2008. 295 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PPGCSO da UFSCAR, São Carlos, 2008; e MÜLLER, Angélica. *A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e ao Centre d'Histoire Sociale du XXème Siècle de l'Université de Paris I – Panthéon Sorbonne, para a obtenção do título de Doutor em História Social. São Paulo, Paris, 2010.

estudantes e professores, rejeitam a proposta da cobrança de mensalidades na USP<sup>237</sup>.

Em 1973 o CCA consegue articular uma manifestação contra a ditadura, denunciando o assassinato pela ditadura de Alexandre Vannucchi Leme, estudante de geologia e militante da ALN, preso no dia 16 e assassinado em 17 de março. Rapidamente os estudantes realizam assembleias e atos de protestos nas varias faculdades. A assembleia geral dos estudantes, realizada na faculdade de geologia, decide pela instauração de uma comissão jurídica, afim de apurar a morte de Vanucchi, a decretação de luto na USP e a realização de uma missa em homenagem. No dia 30 de março, véspera da comemoração do aniversário do golpe militar, é realizada a missa de 7º dia pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, acompanhado de aproximadamente 4 mil pessoas, na catedral da Sé<sup>238</sup>. Foi a primeira manifestação que unificou os estudantes da USP contra a ditadura.

As mobilizações de denúncias das torturas e prisões da ditadura vão mobilizar novamente os estudantes em 1974. Em abril desse ano 33 pessoas entre professores, estudantes e intelectuais, foram presas. Estas mobilizações são maiores que a do ano anterior, sendo constituído o Comitê de Defesa dos Presos Políticos (CDPP) que articulou além de estudantes e professores, setores da igreja católica, políticos do MDB e familiares de presos políticos<sup>239</sup>.

Mas será com a greve da ECA, em 1975, que o processo de reorganização do movimento estudantil avança significativamente<sup>240</sup>.

### **3.2 - A greve na ECA.**

A greve estudantil na ECA, em abril e junho de 1975, torna-se uma mobilização massiva, estendendo-se por vários cursos da universidade e outras universidades, com duração de 73 dias<sup>241</sup>. A partir de uma questão específica dos estudantes da ECA, a deposição

---

<sup>237</sup> Conf. CANCIAN, R. op. cit. p. 41.

<sup>238</sup> Conf. COSTA, Caio Túlio. *Cale-se*. São Paulo, A Girafa, 2003. As mobilizações estudantis nessa ocasião culminam com o show de Gilberto Gil no teatro da POLI em 26 de maio, onde cantou, entre outras, a musica Cálice, composta por ele e Chico Buarque, canção então censurada pela ditadura.

<sup>239</sup> Nota sobre o CDPP Cancian e Müller.

<sup>240</sup> Nosso objetivo não é realizar um estudo minucioso do movimento estudantil dos anos 1970, por isso sumariamos alguns aspectos das iniciativas desse movimento, outros trabalhos, já citados, realizaram esse trabalho. Para o argumento que desenvolvemos aqui nos interessa destacar o movimento grevista da Escola de Comunicação e Artes.

<sup>241</sup> A greve na ECA foi notícia nos principais veículos de comunicação, em São Paulo, como o jornal O Estado de São Paulo e a revista semanal Veja. No entanto, são relatos curtos, não permitindo acompanhar o desenrolar do movimento. Nosso relato a seguir da greve esta baseado em periódicos estudantis, mas principalmente na reportagem especial dedicada ao movimento elaborado pelo jornal dos exilados Campanha, em seu nº24, de 25/07/1975. O jornal Campanha foi um periódico de exilados, editado inicialmente no Chile e após o golpe na

do então diretor Manuel Nunes Dias, as reivindicações vão combinar a luta pelas entidades livres dos estudantes com a luta mais geral contra a ditadura, avançando a partir de então para a reconstrução do DCE-Livre, o primeiro DCE-Livre do Brasil.

Neste período os trotskistas da OC1º de Maio, a partir da tendência estudantil Frente Estudantil Socialista, interveem nos CA's das Ciências Sociais, Letras, Filosofia e História. Na ECA e na Economia, estavam os militantes da OMB – organização resultado da recém unificação entre Outubro, FBT e OMO – que animavam a Tendência pela Aliança Operário-Estudantil (TAOE). Os militantes trotskistas cumpriram um destacado papel nessa mobilização, a política defendida por eles, em torno a reconstrução das entidades, em especial o DCE, encontrará respaldo nas amplas mobilizações estudantis, desdobrando-se então um processo de reorganização do ME nacionalmente e colocando mais abertamente a luta pelas liberdades democráticas. Vejamos com mais detalhes essa mobilização.

A Escola de Comunicação e Artes da USP não possuía a estrutura administrativa existente em outras faculdades da universidade. Fundada em 1966 desde então não tinha Congregação, seus diretores eram professores titulares de outras unidades, assim chegou a direção Manuel Nunes Dias, antigo chefe de departamento de História e colaborador da ditadura.

No período anterior à greve o diretor já havia proibido uma feira de livros e uma palestra sobre “Colonialismo Português”. Cortou o auxílio da ECA ao Diretório Acadêmico e retirava cartazes dos murais, às vezes pessoalmente. A pedido dos órgãos de segurança, deixou de renovar os contratos dos professores Paulo Emilio Salles Gomes e José Marques de Mello. Foi preso dentro da escola sem que se saiba de protesto de Nunes o professor Jair Borin, em 1974. Papeis da AESI indicam que o diretor constatemente repassava àquela agencia material e informações, e registram conversas suas com agentes do Dops infiltrados na ECA.<sup>242</sup>

Sem a existência da Congregação a direção concentrava os poderes em suas mãos. Existia, porém, o Conselho dos Departamentos de caráter deliberativo. Nunes no entanto, transformou esse conselho em uma Comissão dos Departamentos de caráter apenas deliberativo, ferindo o estatuto da própria USP. Sempre que a ECA estava em vias de reunir as condições para constituir uma Congregação ( 1/3 dos Departamentos com um docente titular, um doutor e três mestres, segundo legislação da época ) Nunes manobrava impedindo a formação dessas condições. Foi assim quando o Departamento de Jornalismo reunia as

---

França. Sobre a trajetória do jornal Campanha sugerimos o trabalho de CRUZ, Fábio Lucas da. *Frente Brasileiro de Informaciones e Campanha: Os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França ( 1968-1979)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

<sup>242</sup> CHRISPINIANO, José e FIGUEIREDO, Cecília. “A ECA é o principal foco de agitação da USP”. In: Revista da Adusp, nº34, outubro de 2005.pp.64-65.



condições e Nunes não renovou o contrato com o professor Dr. José Marques de Mello; e com a divisão em dois do Departamento de Relações Públicas e Propaganda, que também reunia as condições para a constituição da Congregação. Assim, os novos departamentos deixavam de apresentar as condições legais para ser constituídos e aumentavam o número de pessoas com os requerimentos necessários para a constituição da Congregação da ECA.

Com a gestão de Nunes a ECA passava por problemas que comprometiam o desenvolvimento das atividades acadêmicas dos cursos. Entre outros podemos destacar o não foi requerido suplemento orçamentário a que tinha direito a unidade; o orçamento da biblioteca caiu consideravelmente; o curso de Cinema, Rádio e TV estava paralisado por falta de materiais; os professores estrangeiros não recebiam seus salários; O setor de imprensa foi paralisado pouco a pouco, inclusive devido a renúncia dos funcionários, dos 23 originários, sobraram apenas 9.

O estopim para a mobilização dos estudantes foi a “reprovação”, em abril, do professor Sinval Medina em seu exame de qualificação do mestrado, que ocasionou a não renovação de seu contrato. Em seguida três professores do Departamento de Jornalismo e Editoração renunciaram em solidariedade a Sinval, alegando que a decisão obedeceu a critérios políticos, colocando em risco a continuidade dos cursos do departamento. Os alunos do 5º e 7º semestre de Jornalismo divulgam uma carta denunciando as arbitrariedades do diretor e convocam uma assembleia dos estudantes para o dia 16/04. Dias antes da realização da assembleia a gestão a frente do CA Lupe Coltrim (CALC), então formada por militantes do PCB, posiciona-se contrária a mobilização e ainda envia um ofício para a reitoria “comunicando que não concordavam com as concentrações e reuniões estudantis na Escola e que não convocou nenhuma assembleia” (CANCIAN, 2008, p. 55). Ainda assim a assembleia é realizada, ainda com poucos estudantes, algo em torno de sessenta, devido à política do PCB de desmobilização, espalhando boatos de que se tratava de uma armadilha do II Exército, que a USP seria invadida e que haveria bombas na faculdade (CANCIAN, 2008, p. 56). Os estudantes decretam greve exigindo a renúncia de Nunes<sup>243</sup>.

Após a deflagração da greve os militantes do PCB tentam se re-localizar e conduzir o movimento, lançam panfletos pelo fim da greve e a volta às salas de aulas (CANCIAN, 2008, p. 56). A segunda assembleia, 22/04, já conta com mais estudantes, algo em torno de 200 estudantes que em unanimidade decidem a destituição da direção do CALC, elegendo eleita

---

<sup>243</sup> O PCB vinha desenvolvendo uma política de aproximação em relação ao MDB. Depois da expressiva vitória desse partido nas eleições legislativas de 1974 passa a defender a constituição de uma frente democrática com o MDB contra o regime militar. Conf. FREDERICO, Celso. A imprensa de esquerda e o movimento operário. São Paulo, Expressão Popular, 2010.p.149-150.

uma Comissão Coordenadora, aberta a todos os estudantes, responsável pela condução do movimento e do CALC e entregam o abaixo assinado pedindo a renúncia do diretor com 550 assinaturas (2/3 dos estudantes da unidade). Na terceira assembleia, 25/04, os estudantes avaliam que a luta pela renúncia de Nunes não poderia permanecer uma luta isolada, o problema é visto como o resultado de uma política educacional mais ampla e que feria os interesses dos estudantes como um todo. É decidido então fazer uma ampla divulgação da greve em toda a USP e outras universidades, buscando também uma unidade com os professores. Ao final dessa assembleia os estudantes realizam a ocupação simbólica da sede do CALC.

Os problemas com os militantes do PCB continuam. Em 26/27 de abril ex-membros da gestão do CALC invadem a sede do CA, rasgam os cartazes, destroem materiais de divulgação e desaparecem com as fitas das máquinas de escrever. A explicação que alguns ex-diretores dão é que a gestão não foi legalmente destituída e portanto eles ainda eram responsáveis pelo patrimônio do CA. Logo em seguida, no entanto, a sede é “visitada” pela polícia (29/04), chamada para constatar um roubo na sede da entidade, após denúncia formulada pelo ex-presidente do CA e pelo diretor da ECA. Tal visita foi feita a portas fechadas pelos policiais e por Nunes, onde foi “encontrado” um documento dos estudantes em greve de caráter subversivo. Além dessas iniciativas vários militantes do PCB procuram estudantes em suas casas para que esses assinem um documento propondo a volta as aulas.<sup>244</sup>

A assembleia do dia 30 de abril conta com a participação de 515 estudantes, entre estudantes da ECA e de outras faculdades da USP. Esta reunião estudantil conta com a participação de um deputado do MDB, Airton Soares. Soares propõe aos estudantes o fim do movimento e a volta às aulas, proposta que é rechaçada pela assembleia, é deliberado a continuidade da greve. No dia 13 de maio são realizadas duas assembléias na ECA, onde é eleito um Conselho de Representantes, formados por representantes de sala na proporção de um delegado para dez estudantes, com a função de organizar a próxima eleição do CA e permanecer como organismo intermediário entre o CA e o conjunto dos estudantes. Neste período também vários estudantes são convocados para prestar esclarecimentos no DOPS<sup>245</sup>.

---

<sup>244</sup> Com esses episódios o PCB vai perder seu predomínio no ME da ECA e posteriormente em toda a USP, não se recuperando desde então. Conf. CANCIAN, R., 2008, 56.

<sup>245</sup> Muitas vezes os estudantes eram convocados a prestar depoimentos acompanhados dos pais e após os longos interrogatórios os pais e estudantes recebiam um sermão de Erasmo Dias, o então secretário de segurança. Conf. CHRISPINIANO, José e FIGUEIREDO, Cecília. “A ECA é o principal foco de agitação da USP”. In: Revista da Adusp, nº34, outubro de 2005.p.68.

### 3.3 - O movimento se generaliza

Em 28/04 o CCA se manifesta sobre a mobilização dos estudantes da ECA e dos estudantes da Escola de Sociologia e Política, também em luta contra as arbitrariedades de seu diretor, lançando uma carta de apoio ao movimento. Diz alguns trechos da carta

... O que podemos perceber dentro destas duas lutas é que elas não podem ser vistas como fatos individualizados e isolados, mas sim como um problema geral compartilhado por todos nós, pois se o motivo destes movimentos são a mudança das direções das Escolas, são por outro lado o reflexo de todos os problemas que sentimos hoje na Universidade e na sociedade. Esses diretores atuam em nome do regime autoritário em que vivemos, e nesse sentido realizam a Política Educacional do governo e visam impedir a livre organização e manifestação dos alunos na defesa de seus interesses, fazendo uso de todos os recursos que o regime garante.<sup>246</sup>

Dias antes da eclosão da greve estudantil na ECA, o CCA buscava organizar uma campanha contra a aplicação do Decreto 477 a três estudantes no início de abril. Após algumas assembléias é decidido a organização de um plebiscito sobre a revogação do Decreto 477. Este é realizado nos dias 15 e 16 de abril e contou com a votação de mais de 10.000 estudantes, onde mais de 90% posicionam-se pela revogação do decreto<sup>247</sup>. Para o CCA então as mobilizações da Escola de Sociologia e Política e da ECA eram a continuidade dessa campanha. Existia, portanto, um espaço e uma disposição para que as lutas dos estudantes da ECA transbordasse os limites dessa faculdade, estendendo-se para toda a USP.

Estes dois movimentos devem ser vistos como nossos e como uma continuidade da ampla luta que iniciamos contra o decreto 477, na medida em que a política que manteem essas direções é a mesma que criou o decreto (...) Comprometidos com essa preocupação passamos a reconhecer como representantes dos alunos da ECA, a comissão coordenadora eleita em assembleia, uma vez que a ex-diretoria do CALC, ao ter se manifestado contraria as decisões surgidas da assembleia, debilitando assim a representação estudantil, deixou de ser representativa, e por isso foi destituída pelos alunos.<sup>248</sup>

A Comissão Coordenadora dos estudantes da ECA e a Comissão de Representantes, eleitos na última assembléia lançam uma carta convocando todos os estudantes da USP para uma assembleia geral para o dia 08/05, objetivando a unificação dos estudantes. O dia 08/05 transforma-se na primeira paralisação geral da USP<sup>249</sup> que contou com a realização de três assembléias gerais, por turno, onde foi deliberado a formação de comissões para o

---

<sup>246</sup> Carta citada no jornal Campanha, nº24, julho de 1975. Em espanhol. In: CEDEM/CEMAP, Fundo ASMOB. Tradução nossa.

<sup>247</sup> Campanha, nº 24, idem.

<sup>248</sup> Campanha, nº24 idem.

<sup>249</sup> Ciências Sociais, Filosofia, Geologia, Economia, Física, Matemática, Geografia, História e Arquitetura, além da própria ECA, paralisaram totalmente suas atividades. Houve paralisações parciais na Medicina, Politécnica, Educação, Letras, Biologia e Química. Conf. Campanha, nº24.

fortalecimento da greve pela renúncia de Nunes e a organização de atividades culturais, o dia foi encerrado com a realização de uma marcha até a reitoria para cobrar desta uma posição a respeito das intimações ao estudantes da ECA para comparecer ao DOPS<sup>250</sup>.

A segunda assembleia geral dos estudantes da USP contou com a participação de mais de 3000 estudantes. Nesta compareceram representantes de outras universidades que apoiavam o movimento uspiano, como os estudantes da UFF, da UFRJ, da Unicamp, da FGV e da FAAP. Mais uma vez é decidido uma paralisação geral e é deliberado que a Comissão de Representantes, tal como a que existia entre os estudantes da ECA, seja estendido a todas as faculdades da USP, convertendo-se na Comissão Universitária, um organismo mais amplo que o CCA para encaminhar as lutas estudantis. O dia de assembleias é novamente concluído com mais uma manifestação até a reitoria, onde pela primeira vez os estudantes são recebidos pelo reitor, mas não houve nenhum avanço nas negociações das pautas estudantis, especialmente a exigência de renúncia de Nunes.

Atenta as mobilizações e repercussões da mobilização estudantil a burocracia acadêmica procura contornar a situação. No dia 23/05, dia da segunda paralisação geral, é criada na ECA é formada a Congregação, instância que até então era inaceitável e contrário ao regimento da universidade. Essa concessão da administração da universidade, no entanto, procurava por fim às mobilizações. No mesmo dia de sua formação, quatro professores que desde o início apoiavam o movimento divulgam uma carta pedindo a volta às aulas. A tentativa também conta com a participação, a pedido do reitor Orlando Marques Paiva, da intervenção de três deputados do MDB, dos “autênticos”, Airton Soares, Alberto Goldman e Nelson Fabiano Sobrinho, mas os estudantes decidem manter a greve. Na assembleia geral da paralisação é aprovada a deliberação pela reconstrução do DCE, com a constituição da Comissão Universitária, na proporção de um delegado para cada cinquenta estudantes.

### ***3.4 - Desdobramentos da Greve da ECA***

As mobilizações estudantis desencadeadas a partir da pauta específica dos estudantes da ECA, foi a primeira mobilização massiva desde, pelo menos, 1968. Foi nesse momento que as lutas localizadas em cada faculdade, passaram para uma articulação mais ampla, com a unificação do conjunto dos estudantes, retomando e renovando o movimento estudantil, com a criação de espaços para a discussão política, onde o reaparecimento das grandes assembleias

---

<sup>250</sup> Segundo Campanha esta mobilização geral contou com a participação de pelo menos 4500 estudantes.

é exemplar desse novo momento. Foi uma oportunidade também para que as organizações de esquerda, que mantinham suas atividades nos subterrâneos da clandestinidade, pudessem expor suas avaliações mais abertamente, logo em seguida no bojo da primeira eleição para o DCE-Livre Alexandre Vanucchi Leme surgirá o fenômeno das tendências estudantis, ligadas às organizações de esquerda.<sup>251</sup>

Do ponto de vista da sua principal reivindicação o movimento pode ser visto derrotado. É o que avalia, por exemplo, o pesquisador Rentao Cancian (2008, pp.61-62). A seu ver a expansão do movimento para além da ECA, trouxe também a diluição da sua pauta principal ao agregar outras, tais como a abolição do Decreto-lei 477, a revogação do AI-5, anistia aos presos políticos; contra o ensino pago; pelo fim da censura; pela liberdade de manifestação e organização; fim do atestado ideológico aos candidatos a cargos universitários; pelo direito de greve; pelos sindicatos livres; pela volta dos professores cassados; entre outros.

Na verdade essa mobilização e seu desenvolvimento com aquelas pautas, trouxe o esboço da elaboração de uma plataforma de luta pelas liberdades democráticas, inserindo o movimento estudantil, a partir de então, na conjuntura nacional, onde o processo de abertura política acenado pelo governo Geisel, empossado em 1974, tinha apenas começado. O principal saldo político da mobilização foi a consolidação da palavra de ordem Pelas Liberdades Democráticas e o salto qualitativo do processo de reorganização do movimento estudantil, que vai culminar na reconstrução do DCE no ano seguinte<sup>252</sup>. Até a entrada em cena do movimento operário, em 1978, o movimento estudantil será o setor social mais dinâmico e o que se reorganiza rapidamente na luta contra a ditadura e sua abertura<sup>253</sup>.

Esse processo vai convergir com o acúmulo político dos trotskistas, elaborado desde o início dos anos 1970, na sua recusa à luta armada e na afirmação da luta pelas liberdades

---

<sup>251</sup> Segundo Jordana as organizações de esquerda que atuavam nesse período na USP, além dos trotskistas eram PCB, ALN, POLOP e AP. SANTOS, Jordana de Souza. A atuação das tendências políticas no Movimento Estudantil da Universidade de São Paulo (USP) no contexto da Ditadura Militar dos anos 70. Dissertação (Mestre) – Faculdade de História, Unesp, 2010.

<sup>252</sup> No segundo semestre de 1975 as mobilizações se estendem para outras regiões do Brasil, como a greve dos estudantes na Bahia e em Minas Gerais. Em outubro na Usp ocorre uma forte mobilização por ocasião da morte do jornalista Vladimir Herzog, ex-professor da ECA.

<sup>253</sup> O movimento estudantil seria o primeiro a esboçar uma posição de independência política para a abertura política, contrapondo-se tanto a abertura desenvolvida pela ditadura e pela oposição burguesa, via MDB. Nota sobre os encontros nacionais dos estudantes e a deliberação pelo voto nulo. No I Encontro Nacional dos Estudantes, início da articulação nacional dos estudantes visando a re-fundação da UNE, realizada na USP em outubro de 1976, os delegados deliberam pelo voto nulo nas eleições municipais, diz um trecho das resoluções: “2-Que o único caminho capaz de superar as contradições da sociedade brasileira é a organização independente dos setores oprimidos da população. 3- Que tanto o MDB como a ARENA, são partidos criados através do Ato-2, observando uma política de sustentação do regime militar, mostram-se inviáveis na defesa dos setores explorados.” In: Cadernos de Campanha, nº04, s/d, França. A partir de agosto de 1975 o Jornal Campanha assume a denominação de Cadernos Campanha, passando a ser editado em língua portuguesa.

democráticas das mobilizações que estariam por vir. Não nos parece exagero portanto levantar a hipótese de que a mobilização desencadeada a partir da ECA colocou concretamente a necessidade da unificação dos grupos trotskistas, superando os “ciúmes naturais de grupos que não eram os mesmos” , como nos disse Júlio Turra.

Markus Sokol então militante da OMB, estudante de economia lembra

...aqui em São Paulo de repente a gente estava dirigindo a greve da ECA, de uma repercussão nacional... com uma célula (...) o Primeiro de Maio (...) eles não tinham base [na ECA]. Quem tinha base na ECA éramos nós. Eles tinham mais base na USP, eles tinham mais militantes em São Paulo, mas na ECA, sinto muito éramos nós.<sup>254</sup>

Não é coincidência que antes mesmo da conclusão da unificação das duas organizações, o setor estudantil já concretiza a unificação, unindo as tendências FES (OC1º de Maio) e TAOE (OMB), dando origem a tendência estudantil *Liberdade e Luta*, entre maio/julho de 1976, nos preparativos da primeira eleição do DCE-Livre Alexandre Vanucchi Leme. Aliás a recriação do DCE era uma insistência dos trotskistas desde a greve da ECA, encontrando oposição de outras organizações<sup>255</sup>. Nas lembranças de Geraldo Siqueira, então militante da tendências estudantil Refazendo

No final de 1975, o pessoal da Libelú<sup>256</sup> queria fundar o DCE. Nós queríamos esperar mais um pouquinho, mas eles tinham razão: tinha que fundar o DCE, uma entidade da USP inteira e não aquela confederação de centros acadêmicos. Criamos o DCE. Ele não poderia existir na lei, porque era previsto com tantas regras de restrição que se tornava quase um órgão do governo, Então fundamos o DCE livre em assembleia geral, cinco mil pelos gramados. (...) o Celsinho, da Caminhando, sugeriu que o nome fosse Alexandre Vanucchi Leme. Assim nasceu o DCE Livre da USP Alexandre Vanucchi Leme.<sup>257</sup>

Na assembleia geral de 26 de março de 1976 a proposta de Júlio Turra, então militante da OC1º de Maio, de recriar o DCE e transformar a Comissão Universitária (organismo criado desde a greve da ECA) em comissão eleitoral para receber as inscrições das chapas e plataformas é finalmente aprovada.<sup>258</sup>

Segundo Julio Turra

não havia muito sentido manter a divisão e na prática tinha uma vantagem logística porque onde a gente se encontrava era na USP porque em outros lugares não, só quem tinha trabalho no ABC por exemplo

<sup>254</sup> Entrevista de Markus Sokol a Mirza Pellicciotta. São Paulo, 28/10/2005. Citada em PELLICCIOTTA, M. *Liberdade... e Luta. Considerações sobre uma trajetória política (anos 1970)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 2012. p. 233.

<sup>255</sup> Fonte: entrevista de Geraldo Siqueira, nos avaliávamos que era cedo para a fundação do DCE.

<sup>256</sup> Refere-se aos militantes trotskistas, *Liberdade e Luta* será criada no ano seguinte.

<sup>257</sup> Depoimento de Geraldo Siqueira. Apud AZEVEDO, Ricardo. “Memória: O movimento estudantil na USP”. *Revista Teoria e Deabte*, nº35, julho/agosto/setembro de 1997.

<sup>258</sup> Conf. PELLICCIOTTA, M. op. cit., p. 253.

era o 1º de maio, em compensação só quem tinha trabalho no Rio Grande do Sul era a OMB, só quem tinha trabalho no Ceará era a OMB, então isso permitiu desde o início a OSI ser uma organização nacional, presente em vários estados, Brasília com a Arlete Sampaio, no Ceará com a Maria Laura num primeiro momento... Rio Grande do Sul um forte trabalho ao redor do Vito Letizia. Então uma organização que surgiu com uma implantação importante no movimento estudantil, presença no movimento operário e dimensão nacional.<sup>259</sup>

E sobre a unificação das organizações no movimento estudantil,

Na reunião que eu e o Sokol fizemos, nos barracos da Ciências Sociais, lembramos de uma frase do Spinoza “só tem liberdade quando se luta pela liberdade” eu propus “luta e liberdade” o Sokol falou não. É melhor Liberdade e Luta, ficou Liberdade e Luta, esse é o contexto da história. A unificação dos dois trabalhos estudantis de duas organizações que estavam separadas, mas em processo de unificação.

## Considerações Finais

Ao longo desse trabalho buscamos apresentar a trajetória de um setor da esquerda brasileira atuante no período da ditadura militar que não aderiu à luta armada. Essa trajetória caracterizou-se pelo próprio reorganizar-se do movimento trotskista no Brasil, parte constitutiva também do movimento pela IV Internacional .

Suas atividades políticas, nos momentos de maior fechamento político, foram limitados, num primeiro momento, a questões de ordem interna. A construção e organização da FBT e o desenvolvimento organizativo do ME1º de Maio, transformando-se em OC1º de Maio. A repressão política em dois momentos interrompe de maneira brusca o desenvolvimento dessas organizações, especialmente no caso da FB, alvejada por duas vezes, em 1970 e 1972.

Ainda no período de intensa repressão, esses militantes buscam a unificação. A solução de um problema no entanto vai gerar um novo problema. A retomada dos contatos internacionais visando a construção da IV, vai dividir os trotskistas no Brasil sobre questões que não tinham impactos imediatos para a realidade brasileiras. Com o refluxo do movimento de massas, os trotskistas ficam isolados e as questões internacionais impedem a unificação de suas forças. Ocasionalmente ainda mais fragmentação e dispersão das forças militantes, concluindo com o surgimento de mais uma organização trotskista, o grupo Outubro.

Somente com início da crise da ditadura militar, em 1974, com a retomada das mobilizações é que os trotskistas encontrarão as condições políticas para a unificação. Na medida em que, a partir das lutas estudantis na USP, vai ser estabelecido os vínculos entre as elaborações políticas, iniciadas desde o início dos anos 1970, com as lutas sociais que despontam, a luta pelas liberdades democráticas.

Assim, na primeira parte, *I Reorganização do Movimento Trotskista no Brasil*, buscamos trazer a tona as questões e razões que estão na origem das organizações trotskistas, sua relação com a organização anterior que reivindicava o trotskismo, o POR-T, bem como com o grupo internacional a que esta organização estava vinculada. Destacando os momentos de formação dessas organizações e objetivos políticos mais imediatos naquela conjuntura, dando ênfase para o seu desenvolvimento no interior do movimento trotskista.

Na segunda parte, *II Ditadura, luta armada e (re)organização do movimento trotskista*, intentamos expor um panorama do movimento pela IV Internacional e concomitantemente as tentativas de unificação dos trotskistas no Brasil, ao mesmo tempo em que estes inseriam-se nas polêmicas e debates políticos do trotskismo internacional,



rompendo o isolamento em que se encontravam.

Por fim, na terceira parte, *III A unificação das organizações, formação da OSI. 1975-1976* buscamos destacar as transformações políticas pelas quais passaram as organizações, junto aos momentos em que a unificação foi sendo concretizada, processo que culminou com a unificação e criação da Organização Socialista Internacionalista. Essa parte procurou relacionar o desenvolvimento das organizações com as mudanças na conjuntura política, aberta com o início da crise da ditadura civil-militar, a partir de 1974. Nesse sentido procuramos apresentar e desenvolver o argumento de que foi justamente essa mudança na conjuntura – com ventos mais favoráveis para a reorganização de massas ( que se adensou em fins da década de 1970 e adentrou toda a década de 1980) – que possibilitou a convergência política para a unificação. Permitindo, a partir da reorganização do movimento estudantil uspiano, onde a greve estudantil da ECA desempenhou um papel importante, que a política elaborada pelos trotskistas, notadamente a luta pelas liberdades democráticas e a necessidade da organização independente, pudesse estabelecer vínculos com o movimento de massas que então despontava.

Para finalizar essas considerações resta dizer que este trabalho é um dos momentos de uma investigação que terá continuidade, suas questões continuam como ponto de partida para nossa próxima pesquisa.

## **Fontes:**

### **1. Arquivo Público do Estado**

- Fundo Deops-SP, grupo documental da Delegacia Especializada de Ordem Política

Caixas Consultadas:

OP1027 Partido Operário Revolucionário Trotskista (1962/1981)

OP0659 Banidos do Brasil

OP0703 Dossiê de Investigações: Chile

OP0797 Dossiê Eleições de 1974

OP0981 Movimento do 1º de Maio de 1978

OP1151 Terrorismo e Comunismo nos Meios Universitários – 1969-1974

OP1194 Análise do Movimento Estudantil- 1974-1977

OP1580 Liberdade e Ação- Liberdade e Luta (1977)

Prontuários:

Nº 36121- Prisão da Fração Bolchevique Trotskista-1972

Nº 55960- Prisão de Fábio Munhoz- 1968

Nº 69567- Prisão da Prisão da Fração Bolchevique Trotskista-1972-1973

### **2. CEDEM-Centro de Documentação e Memória da UNESP**

- Acervo CEMAP – Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa  
Fundo: A Livraria Palavra ( editora responsável pela divulgação do grupo trotskista OSI- Organização Socialista Internacionalista): coleção com mais de 200 caixas.

Caixas Consultadas:

LP: 002 (Buro Político/Comitê Central/1977/78)  
1986)

LP:067 (IIº Congresso da OSI 1977, IVº, Vº, VIIº Congresso da OSI  
ó-CUT, Intersindical, Jornalistas, Estivadores.)

LP:140 (Estudos, Teses, Legislação, Resoluções, 1º de Maio - 1977 – 1985)

Secretariado Internacional - CIR 1980-84)

LP:212 (Correspondência 1976, Ata do BI/ CORQUI, Boletim do CORQUI, Notas e Resoluções 1974-79)

- Fundo Fábio Munhoz
- Fundo POR-T
- Fundo de Periódicos Digitalizados:
  - Coleção do Jornal o Trabalho
  - Coleção do Jornal A Camapanha
  - Coleção da Revista Outubro
  - Coleção do Jornal Em Tempo
  - Combate- Tendência Trotskista do POC-1971
  - Coleção da Revista Brasil Socialista
  - O Batente, TESICLA, 1974-1976

**3. Arquivo Edgard Leuenrenroth** – Centro de Pesquisa e Documentação Social – IFCH/Unicamp

- Coleção Movimentos Sociais Recentes
- Dossiê Tendências de Esquerda nº 101- OCI ( Organização Comunista Internacionalista- organização francesa)
- Dossiê Tendências de Esquerda nº 102- Organização 1º de Maio

• Fundo Projeto Brasil Nunca Mais: Anexos

• Fundo Luiz Araújo

**4. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro**

- Fundo Daniel Araújo Reis Filho

#### **V-Fontes Primárias**

1. Arquivo do Estado . Fundo DOPS-SP/Delegacia de Ordem Política e Social

OP1027 Partido Operário Revolucionário Trotskista (1962/1981)

OP0703 Dossiê de Investigações: Chile

OP0797 Dossiê Eleições de 1974

OP0981 Movimento do 1º de Maio de 1978

OP1151 Terrorismo e Comunismo nos Meios Universitários – 1969-1974

OP1194 Análise do Movimento Estudantil- 1974-1977

OP1580 Liberdade e Ação- Liberdade e Luta (1977)

Prontuários:

Nº 36121- Prisão da Fração Bolchevique Trotskista-1972

Nº 55960- Prisão de Fábio Munhoz- 1968

Nº 69567- Prisão da Prisão da Fração Bolchevique Trotskista-1972-1973

## 2. CEDEM/CEMAP/A Palavra

- “Documento sem título: 09/05/1977”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Documento sem título: 19/09/1977”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Documento sem título: 24/10/1977”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Oposições Sindicais. Fins de 77, início de 78”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “A luta dos operários classistas no atual ascenso sindical: março de 1978”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Resolução de Encaminhamento de uma Conferência Nacional: 03/04/1978”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Apêndice ao Projeto de Resolução Política” BP: julho/1979. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Elementos para um Balanço” BP: julho/1979”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Resoluções do III Congresso, 1979”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.
- “Em defesa da Frente Única e da Democratização nos Atuais sindicatos”. Adelaide,

setembro de 1977. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.

- “Pela Superação dos Métodos Artesanais”, CC 15/07/1978. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 002.

- “Apêndice, os Sindicatos Burgueses no Brasil”, janeiro de 1978. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 067.

- “II Congresso, Classe contra Classe: Resolução Sobre Tática de Construção do Partido Operário no Brasil”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 067.

- “II Congresso, Sobre a Situação Nacional e as Tarefas dos Trotskistas Brasileiros”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 067.

- “Projeto de Informe sobre a América Latina” CORQUI, junho/1977. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 074.

- “Entrevista com J. Ibrahim”, junho/1977. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 140.

- “Documento não assinado sobre as eleições de 1974”. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 212.

- “Documento sobre a eleição de 1974” assinado por TAOE/Outubro. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 212

- “Brasil Socialista, o Deabate Escamoteado” Grupo Outubro/1975. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 212.

- “Perspectiva da Luta de Classes no Brasil”, outubro/1973. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Editora A Palavra Caixa 212.

- “Balance del Trabajo del CEMLA [Centro de Estudio Marxista Latino Americano]”, Paris, outubro de 1971.

- “A crise na Europa”. 1º de Maio, setembro/1968. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.

- “De Florestan Fernandes às manifestações de 10 de Maio”. 1º de Maio 28/04/1969. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.

- “1º de Maio, Órgão do Movimento Estudantil 1º de Maio”. 20/04/1970. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “A ilha misteriosa”, ME1ºde Maio 06/05/1969. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “Tchecoslováquia: o desespero da Burocracia” ME1ºde Maio 22/08/1968. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “1º de Maio, Órgão do Movimento Estudantil 1º de Maio” nº3 20/10/1969. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “1º de Maio, Órgão do Movimento Estudantil 1º de Maio” nº4 25/10/1969. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “A atomização do trotskismo” s/a,s/d. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “As eleições da UEE”. Fração Bolchevique Trotskista novembro/1968. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “Manifesto a vanguarda revolucionária do Movimento Estudantil” FBT s/d. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “Fundamentos e Estruturas dos Grupos de Trabalho Estudantis” FBT s/d. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- Voz Proletária, órgão da FBT: nº1 (setembro/1968); nº2 (outubro/1968); nº3 (outubro/1968); nº4 (novembro/1968); nº8 (março/1969); nº14 ( agosto/1969); Suplemento Especial nº1 (agosto/1968); Suplemento Especial nº2 (novembro/1969). In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- “Frente Operária, Órgão do POR-T” nº173, segunda quinzena de outubro/1967; nº194, primeira quinzena de outubro/1968. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Fábio Munhoz.
- Jornal A Campanha nº20, 05/11/1974. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Digital de Periódicos.
- Jornal Brasil Socialista nº01, janeiro/1975. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Digital de Periódicos.
- “Revista Outubro, Órgão Trotskista Brasileiro pela Reconstrução da IV Internacional” nº1 (abril/1972); nº2 (outubro/1972). In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Digital de Periódicos.
- Jornal O Batente [ jornal da OC1ºde Maio]: 1974-1976. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Digital de Periódicos.

• Jornal Em Tempo. n<sup>os</sup> 76 a 107 (agosto/1979-junho/1980): série Contribuição a História da Esquerda Brasileira. In: Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP. CEMAP/Fundo Digital de Periódicos.

### 3.Arquivo Edgar Leurenroth

#### Fundo Luiz Araújo

(Foram consultadas as duas caixas com vasto material, ainda não organizado)

- “A institucionalização da ditadura”, FES, s/d.
- “Algumas Considerações sobre a Situação Internacional”, s/d.
- “Pela Construção da Tendência Operária- Consolidando a Organização”, 07/07/1976
- “Carta ao SWP”, agosto/1976
- “Carta da OC1ºde Maio à OMB”, s/d.
- “Circular interna FES” 19/03/1973.
- “1ª Conferência OC1ºde Maio”, Comitê Organizatório, s/d.
- “Comitê Organizatório para Aquiles” 06/01/1973.
- “Comunicado Pré-Conferência” CO 03/12/1975
- “Considerações sobre o Status Quo” s/d.
- “ Contribuição ao Projeto de Teses sobre o POR”, OC1ºde Maio, s/d.
- “Documento sem título”, FES abril/1972.
- “História do 1ºde Maio”, março/1973.
- “ ME1ºde Maio da Vanguarda as Massas” julho/1969.
- “Contribuição sobre a experiência recente” OC1ºde Maio, s/d.
- “ Documento do CC” OC1ºde Maio 03/05/1972
- “Sobre a direção” OC1ºde Maio 02/03/1972
- “Unificação” OC1ºde Maio, s/d
- “A questão da Constituinte” OSI março/1977
- “Conjuntura” OSI 16/02/1977
- “Sobre a TAOE” s/d
- “ Sobre a TAOE,interno”, s/d.
- “Particularizações e Generalizações indevidas”, s/d
- “ Política de Proletarização” fevereiro/1976
- “ Resolução Política da O.” s/d
- “ Sobre a evolução política do 1ºde Maio” 07/03/1973

- “ Sobre o ME das Ciências Sociais” 23/12/1972
- “ Sobre a 1ª Conferência da OC1º de Maio” s/d.

Cartas:

Paris: Filinto e Lúcia: 04/04/69

Paris: Filinto para Lino: abril de 1969

Port Of Spain: Raul para Alfredo: 09/03/70

POS: Raul para LA: 01/04/70

Paris: Philippe para Luis: 09/04/70

Paris: Raul para companheiros: 05/07/70

Paris: Raul para Lino: 20/05/70

Paris: Filinto para Lino: 10/07/70

Paris: Raul para Luciano: 11/06/70

Paris: Raul para companheiros: 15/07/70

Paris: Raul para [Lino]: 06/08/70

Paris: Raul 2 para companheiros: 05/09/70

[Munhoz] para [Lino]: 05/09/70

Paris: Raul Alto o Centrismo: quinta carta provavelmente de 1970

[Paris] Filinto para [Lino] : 16/12/70

São Paulo: Lino para Raul e Filinto: 19/01/71

São Paulo: Lino para Raul e Filinto: 15/07/71

Buenos Aires: [Nahuel] Moreno para Fernando: 21/04/72

Paris: Outubro para OC1 de Maio: 08/07/7

Fundo Projeto Brasil Nunca Mais: Anexos FBT

- “Aos camaradas e a todas as células, sobre segurança”, outubro/1971. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8049.
- “Balanço e Organização do Partido”, fevereiro/1970. In: AEL/Fundo BNM/Anexo:8019.
- “Contribuição a Primeira Conferência da Regional Nordeste”, outubro/1969. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8069.
- “A crise atual e seus ensinamentos”, junho-julho/1970. . In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8050.
- “Manifesto 1 de Maio de 1970”. . In: AEL/Fundo BNM/Anexo:1040
- “Voz Proletária, Órgão da FBT” nº2 (primeira quinzena de outubro/1968). In: AEL/Fundo



BNM/Anexo: 8020.

•“Voz Proletária, Órgão da FBT” nº6 (segunda quinzena dezembro/1968). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8021.

•“Voz Proletária, Órgão da FBT” nº7 ( primeira quinzena fevereiro/1969). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8022.

•“Voz Proletária, Órgão da FBT” nº17 (primeira quinzena novembro/1969) ). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5912.

•“Voz Proletária, Órgão da FBT” nº20 (primeira quinzena janeiro/1970) ). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5913.

•“Voz Proletária, Órgão da FBT” nº23 ( novembro/1971). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8054.

•“Carta ao Bureau Político” 29/04/1970. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5915.

•“Caros Amigos” 29/04/1970. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5916.

•“Carta” 28/03/1970. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5917.

Comitê de Unificação: FBT e OC1ºde Maio

•“ Aos companheiros da FBT e da OC1ºde Maio: a unificação deve ser seriamente buscada” março/1972. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8052.

•“ O papel da vanguarda revolucionária na revolução brasileira” abril/1971. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8051.

•“Contribuição a discussão: a unificação dos trotskistas brasileiros deve ser seriamente buscada” 05/03/1972. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8048.

•“Aos companheiros trotskistas na França: sobre os problemas na unificação” 20/02/1972. In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8047.

•“ Contribuição à discussão sobre a elaboração de uma estratégia para a América Latina, com base na experiência boliviana.” 23/03/1972 In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8038.

OC1ºde Maio

•“Jornal Frente, órgão da Frente Estudantil Socialista” nº3 (30/05/1972) In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8062.

•“Jornal Frente, órgão da Frente Estudantil Socialista” nº4 (março/1972) In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 8063.

- “1º de Maio, Órgão do Movimento Estudantil 1º de Maio”, nº3 (20/10/1969). In: AEL/Fundo BNM/Anexo: 5339.
- “Jornal Chispa”: nº1 (agosto/1967); nº2 (setembro/1967); nº3 (dezembro/1967). In: AEL/Fundo MSR: J/0649.
- “1º de Maio, Organização Comunista 1º de Maio, setor operário” nº1 (03/11/1970). In: AEL/Fundo MSR: J/662.

#### 4. Acervo Pessoal de Arkan Simaan

##### Cartas

Port Of Spain: Arkan para Francisco Solano: 01/02/70

POS: Arkan para Francisco Solano: 12/02/70

SP: Alfredo para Arkan: 19/02/70

POS: Manoel para Filinto: 25/02/70

POS: Manuel para Preta: 26/02/70

Massy: Phlippe para Arkan: 02/03/70

POS: Manoel para Filinto: 10/03/70

POS: Manuel para Francisco Solano: 01/04/70

Santiago: Laerte para Raul: 24/05/70

SP: Lino para Raul: 30/05/70

Paris: Raul para o 1º de Maio : 17/06/70

SP: Frederico para Raul: 28/06/70

[Brasil]: Tullio para Raul: 11/70

[Paris]: Outubro para FBT e 1º de Maio: 03/11/71

SP: Filinto para Raul: 28/11/71

Paris: Leopoldo para Arthur: 18/12/71

SP: Tullio para Raul: 22/12/71

SP: Túlio para Raul: 29/12/71

Carta Credencial participação de W. no Chile: 1970

[SP] Túlio para França: 08/01/72

-Paris: Leopoldo para Túlio: 10/01/72

Buenos Aires: Miguel PO (Argentina) para Raul: 11/01/72

Paris: Raul para FBT: 16/01/72

SP: Túlio para Raul: 17/01/72

SP: Túlio para Raul: 21/01/72  
Paris: Leopoldo para [Filinto]: 29/01/72  
[Paris]: [Outubro] para 1º de Maio e FBT: 29/01/72  
SP: Túlio para Raul: 30/01/72  
Paris: André para Túlio: 01/02/72  
SP: Túlio para Raul: 01/02/72  
SP: Túlio para Raul: 03/02/72  
SP: Túlio para Raul: 07/02/72  
SP: Túlio para Raul: 11/02/72  
Paris: Raul para Jorge [PO]: 17/02/72  
Paris: Raul para Túlio: 17/02/72  
SP: Túlio para Raul: 17/02/72  
SP: Túlio para Raul: 23/02/72  
SP: Túlio para Raul: 27/02/72  
SP: Fernando PO para Raul: 28/02/72  
SP: C.U. Aos Companheiros tt na França: 05/03/72  
SP: Túlio para Raul: 06/03/72  
SP: Túlio para Raul: 07/03/72  
SP: Túlio para Raul: 09/03/72  
Santiago: PO para OCI: 10/03/72

- “Revista Outubro, Órgão Trotskista Brasileiro pela Reconstrução da IV Internacional” nº4 (maio/1973); nº5 (setembro/1973)
- “Documento Interno Sobre a Crise do POR (Trotskista) Seção Brasileira da IV Internacional” abril/1968.
- “Carta Aberta aos CDAS do POR (T) – São Paulo” julho/1968.
- “Revista Punto de Partida, Revista de los Marxistas Revolucionários Brasileños” Enero/1973.

## **VI- Entrevistas**

- 1.DOROTY MASSOLA: Entrevista para Murilo Leal em 02/03/1996. In: CEDEM/CEMAP, Fundo POR.
- 2.OTTAVIANO DE FIORI: Entrevista para Murilo Leal em 21/07/1996. In: CEDEM/CEMAPA, Fundo POR.

3. VITO LETIZIA: Entrevista para Murilo Leal em 03/05/1995. In: CEDEM/CEMAP, Fundo POR.
4. ANTONIO LEAL DE CAMPOS: Entrevista para Murilo Leal em 25/07/1995. In: CEDEM/CEMAP, Fundo POR.
5. JULIO TURRA: Entrevista para Tiago de Oliveira em 24/08/12.
6. MIROSLAVA LIMA: Entrevista para Tiago de Oliveira em 21/09/12.
7. SUMARA RIBEIRO: Entrevista para Tiago de Oliveira em 19/10/12.
8. GABRIELA RABELO: Entrevista para Tiago de Oliveira em 20/10/12.
9. MÁRCIA ALMEIDA: Entrevista para Tiago de Oliveira em 21/10/12.
10. FRANCISCO SOLANO: Entrevista para Tiago de Oliveira em 27/10/12.
11. ARKAN SIMAAN: Entrevista para Tiago de Oliveira em 09/01/13
12. Ottaviano De Fiori: Entrevista para Tiago de Oliveira em 15/03/2013
13. Júlio Calasso: Entrevista para Tiago de Oliveira em 16/03/2013
14. Devis Hutz: Entrevista para Tiago de Oliveira em 04/05/2013
15. Mtnos Abdalla Calil: Entrevista para Tiago de Oliveira em 12/02/2013
16. Normando Sampaio Leão: Entrevista para Tiago de Oliveira em 17/06/2013
17. Paulo de Mattos Skromov: Entrevista para Tiago de Oliveira em 18/10/2013

## **Bibliografia**

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental (CSMO) Nas Trilhas do Materialismo Histórico (NTMH)*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis. *Na contra corrente da história*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARCARY, Valério. *O Encontro da Revolução com a História*. São Paulo: Xamã Editora e Sundermann, 2008.

\_\_\_\_\_. “Democracia e Revolução na Tradição Marxista: a Polêmica Bernstein em Perspectiva Histórica”. In: Osvaldo Coggiola (org.). *Caminhos da História* (Coletânea Simpósio Internacional “Os Rumos da História”). 1ª ed. São Paulo: Xamã, 2007, v.1.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”, In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras Escolhidas de Walter Benjamin), v.I, 7ª. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, p.222-232.

BENOIT, Hector. “Teoria (dialética) do partido ou negação da negação”, *Outubro*, N.º 2, Campinas, 1998.

- BENSAID, Daniel. Trotskismos. Lisboa: Combate, 2007.
- BIANCHI, Alvaro. *El Che rodando por Callao: o trotskismo e as guerrilhas latinoamericanas*. In: <http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=343> (acesso \_\_\_\_\_ “O marxismo de Leon Trotsky: notas para uma reconstrução teórica”. In: *Idéias*, Campinas, v.14: 2007.
- \_\_\_\_\_ Democracia e Revolução no pensamento de Marx e Engels. In: *Outubro*, N.º 16, 2007.
- \_\_\_\_\_ *O Laboratório de Gramsci*. Primeira Versão: Campinas, IFCH/UNICAMP, 2007.
- \_\_\_\_\_ *Trotsky em português: Esboço Bibliográfico*. Primeira Versão: IFCH/UNICAMP, N.º 54-agosto, 2005.
- DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky e a intelectualidade brasileira. In: *Outubro*, nº 16, 2007.
- FARIA, Glauco e PIRES, Thalita. “A Libelu ganhou o poder”. *Revista Forum*, N.º 19, São Paulo, set./2004. Também disponível em: [http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?id\\_artigo=1147](http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?id_artigo=1147)
- FREDERICO, Celso. A Esquerda e o Movimento Operário, 1964-1984. São Paulo; Novos Rumos, 1987. vl.1
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Carcere*, v.3, segunda edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- KAREPOVS, Dainis. O Arquivo Edgard Leuenroth e a pesquisa sobre o trotskismo no Brasil. In: CADERNOS AEL–TROTSKISMO. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v.12, N.º 22/23, 2005.
- \_\_\_\_\_ e MARQUES NETO, José Castilho. “Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas 1930-1966”, In: RIDENTI, M. (et. al). *História do Marxismo no Brasil*, v.5, Campinas: UNICAMP, 2007.
- \_\_\_\_\_ e LEAL, Murilo. “Os Trotskismos no Brasil 1966-2000”, In: Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis: *História do Marxismo no Brasil*, v.6, 2008.
- LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda: Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LENIN, Vladimir Ilitch U. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.
- LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado”. *Outubro*, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_ *Ideologia e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista*. São Paulo:

Cortes, 1985.

MAUÉS, Flamarion. “Momento oportuno: Káiros, editora de oposição”. In: *História*, v.25, N.º 2, Franca, 2006.

MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária: Mario Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1993).

MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte. In: *Marx e Engels. Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.

MUSSE, Ricardo. “Teoria e Prática”, In: *Capítulos do Marxismo Ocidental*. São Paulo: UNESP, 1998.

MORENO, Nahuel. *Frentes Populares na História*. São Paulo: Sundermann, 2003.

\_\_\_\_\_ O Partido e a Revolução. São Paulo: Sundermann, 2008.

RIDENTI, Marcelo. O Fantasma da Revolução Brasileira. São Paulo: Unesp, 2005. 2ª edição revista e ampliada.

\_\_\_\_\_ “Ecos de Trotsky na Esquerda Armada Brasileira, 1964-1974”. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.2, 1997.

SAGRA, Alicia. A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo. São Paulo: Sundermann, 2010. 2ª edição.

\_\_\_\_\_ Bolívia: 50 anos à beira da tomada do poder. In: *Marxismo Vivo*. São Paulo, 2004, nº8.

SILVA, Angelo José. *Comunistas e Trotskistas: a crítica operária à revolução de trinta*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

\_\_\_\_\_ “Tempo de Fundadores”, In: João Quartim de Moraes (et. al.). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2000, v.4.

SILVA, Antônio Ozaí da. *História das Tendências no Brasil (Origens, Rachas e Propostas)*. s/e, s/l, s/d.

TIBIRIÇA, Beatriz. “Memória: O Movimento Estudantil na USP”. In: [Revista Teoria & Debate](#), São Paulo, N.º 35, 1997, disponível no portal Perseu Abramo: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/index.php?storytopic=1160>

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria, ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*, v.I e II, São Paulo, Sundermann, 2007.

\_\_\_\_\_ *Programa de Transição*. São Paulo, Sundermann, 2004.

\_\_\_\_\_ Programa de Transição. In: *A Questão do Programa*. São Paulo: Káiros, 1979.

\_\_\_\_\_ *Revolução Traída*. Aonde vai a URSS. São Paulo, Sundermann, 2005.

\_\_\_\_\_ *Aonde vai a França?*. São Paulo, Desafio, 1994.

\_\_\_\_\_ *Escritos sobre Sindicatos*. São Paulo, Kairós, 1979.